



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA CARLOS

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE LGBT: ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE UNIVERSITÁRIOS.**

TERESINA-PI

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA CARLOS

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE LGBT: ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE UNIVERSITÁRIOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

DEFESA DA DISSERTAÇÃO

Área de Concentração: Processos, Atores e Desigualdades sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo

TERESINA-PI

2017

KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA CARLOS

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE LGBT: ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE UNIVERSITÁRIOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia, orientado pelo Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo (UFPI, Orientador)

Prof.^a Dra. Maria Rosangela de Souza (UFPI, Membro Interno)

Prof. Dr. Elder Cerqueira Santos (UFS, Membro Externo)

Prof.^a Dra. Sandra Elisa de Assis Freire (UFPI, Membro Suplente)

Aprovado em: 04/10/2017

DEDICATÓRIA

“Ao meu esposo Josenilson, pelo apoio incondicional em todos os momentos. Aos meus filhos Letícia e Jorge Eduardo que, com muita paciência e carinho, compreenderam minhas ausências. Dedico este trabalho a vocês, que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.”

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos por DEUS, por ter me amparado em todos os momentos e por ter fortalecido minha fé em cada momento de dificuldade.

A meus pais, Eduardo (*in memoriam*) e Fátima, meu infinito agradecimento. Sempre acreditaram em minha capacidade, me incentivando e desejando o melhor. Isso me fortaleceu e não me fez desistir, oferecendo sempre o melhor de mim. Obrigada por tudo!

A meu querido esposo, Josenilson, por ser tão importante na minha vida. Sempre a meu lado, me pondo para cima e me fazendo acreditar que posso mais que imagino. Devido a seu companheirismo, amizade, paciência, compreensão, apoio, alegria e amor, este trabalho pôde ser concretizado.

Aos meus filhos Letícia e Jorge Eduardo, pelo amor incondicional!

A toda a minha família, meus irmãos, sobrinhos, sogro, sogra, cunhados, cunhadas e amigos por compreenderem muitas vezes minhas ausências e por vibraram comigo a cada conquista durante este percurso. Obrigada pelo carinho e incentivo!

Ao meu querido orientador Professor Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo, pela amizade, ensinamentos, empenho, dedicação, persistência e, acima de tudo pela compreensão, o que tornou esse trabalho possível. Você foi referência profissional e pessoal para meu crescimento. Obrigada por estar ao meu lado e acreditar em mim!

Aos Professores e Professoras do mestrado em Sociologia da UFPI, em especial aos professores Dr. Fauston Negreiros, Dra. Rosângela Sousa e Dr. Francisco Junior que foram tão importantes no meu processo de formação na área da sociologia e no desenvolvimento deste trabalho. Obrigada pelo conhecimento compartilhado!

Ao Professor Dr. Elder Cerqueira Santos da UFS, pelas valorosas contribuições na minha banca, que nortearam a confecção final desta dissertação. Sua participação enriqueceu bastante meu trabalho.

A Professora Dra. Sandra Elisa de Assis Freire por aceitar compor a banca de defesa de minha dissertação e por fazer a leitura de meu trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia por todas as orientações necessárias, deixo aqui meu agradecimento especial ao Érico e Andreson, que sempre me atenderam prontamente em todas as minhas dúvidas e solicitações.

As minhas amigas de mestrado Edna, Luisa e Marina, pelos momentos divididos juntos, sempre disponíveis e dispostas a ajudar, que por muitas vezes escutaram minhas

angústias e alegrias, me deram todo incentivo, com palavras reconfortantes e muitas gargalhadas. Obrigada pela amizade!

À minha querida amiga e professora Dra. Ruth Raquel Soares de Farias, nem sei o que teria sido de mim sem a sua presença e incentivo! Sempre me incentivando, apresentando leituras e fazendo questionamentos que muito contribuíram para a conclusão deste trabalho. Ruthinha, muito obrigada!

Aos gestores das Faculdades FATEPI/FAESPI e colegas coordenadores, pelo apoio e compreensão nos momentos que precisei me ausentar de minhas atividades laborais para cumprimento de minhas atividades discentes. Obrigada pelo apoio!

Finalmente, gostaria de agradecer aos universitários que participaram espontaneamente deste trabalho. É devido a eles que esta dissertação se concretizou. Vocês merecem meus sinceros agradecimentos!

OBRIGADA A TODOS!

“Quando não souberes para onde ir, olha para trás e sabe pelo menos de onde vens”
(Provérbio africano)

RESUMO

O idoso é a parcela da população cada vez mais representativa numericamente. A sexualidade vem sendo discutida nos últimos tempos como peça fundamental do envelhecimento ativo, porém quando se trata da sexualidade de idosos com um recorte específico, o público LGBT, que se entende os sujeitos que se identificam Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais esse debate é permeado de estigmas e preconceitos. Neste sentido surgem alguns questionamentos como: o que pensam os estudantes universitários sobre a velhice LGBT? Esses idosos têm condições de levar uma vida tranqüila e segura? Em vista disso, objetivou-se verificar e comparar as representações sociais de três grupos de estudantes universitários dos cursos de direito, psicologia e pedagogia acerca do envelhecimento LGBT. A amostra foi composta por 300 estudantes universitários uma Instituição de Ensino Superior privada na cidade de Teresina-PI. Tratou-se de uma pesquisa comparativa, de caráter quanti-qualitativo e corte transversal. Com o intuito de conhecer o perfil dos participantes, foram aplicados questionários sociodemográficos. Para conhecer as representações sociais foram utilizados dois instrumentos: a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), utilizando-se o método de análise fatorial de correspondência – AFC, através do *software* Tri Deux Mots e entrevistas semiestruturadas, em que as respostas foram transcritas e analisadas pelo *software* Iramuteq. Como resultados observou-se que emergiram representações em dois pólos antagônicos: por um lado, o direito que cada indivíduo tem em fazer suas escolhas sexuais independente da fase da vida que se encontram, por outro lado, o preconceito sofrido pelos LGBTs, agravando-se quando trata-se de pessoas idosas. Com esse estudo, espera-se contribuir para o desenvolvimento da temática, ainda pouco estudada e divulgada, para que assim haja uma maior compreensão dos novos arranjos da sociedade contemporânea, podendo desta forma contribuir para a implementação de políticas públicas que resguardam os idosos e principalmente do público LGBT.

Palavras-chave: Velhice; Universitários; Velhice LGBT; Representações Sociais.

ABSTRACT

The elderly are the portion of the population that is increasingly representative numerically. Sexuality has been discussed in recent times as a fundamental part of active aging, but when it comes to the sexuality of the elderly with a specific cut, the LGBT audience, which means those who identify themselves as Lesbian, Gay, Bisexual, Transvestite and Transsexual this debate is permeated with stigmas and prejudices. In this sense arise some questions such as: what do college students think about old age LGBT? Are these elderly people able to live a quiet and secure life? Therefore, the objective was to verify and compare the social representations of three groups of university students from the courses of law, psychology and pedagogy about LGBT aging. The sample was carried by 300 university students a Private Higher Education Institution in the city of Teresina-PI. It was a comparative research, of quantitative-qualitative character and transversal section. In order to know the profile of the participants, sociodemographic questionnaires were applied, to know the social representations were used the Free Words Association Technique, using the method of factorial analysis of correspondence - AFC being analyzed through software Tri Deux Mots and semi-structured interviews, in which the answers were transcribed and analyzed by Iramuteq software. As partial results it was observed that representations emerged in two antagonistic poles: on the one hand, the right that every individual has in making their sexual choices independent of the phase of life that are, on the other hand, the prejudice suffered by homosexuals, when it comes to the elderly. With this study, it is expected to contribute to the development of the theme, still little studied and disseminated, so that a better understanding of the new arrangements of contemporary society can be made, thus contributing to the implementation of public policies that protect the elderly and, above all, of the LGBT public.

Keywords: Old Age, University students, LGBT Aging, Social Representations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Análise Fatorial de Correspondência das RS da velhice LGBT

FIGURA 2: Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente – O que é homossexualidade

FIGURA 3: Nuvem de Palavras - Representações Sociais da Homossexualidade

FIGURA 4: Análise de Similitude – O que é homossexualidade

FIGURA 5: Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente – Representações Sociais da Velhice LGBT

FIGURA 6: Nuvem de Palavras - Representações Sociais da Velhice LGBT

FIGURA 7: Análise de Similitude sobre RS da Velhice LGBT

FIGURA 8: Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente – Condições para viver a velhice LGBT de forma segura e tranquila

FIGURA 9: Nuvem de palavras – Condições para viver a velhice LGBT de forma segura e tranquila

FIGURA 10: Análise de Similitude sobre Condições para viver a velhice LGBT de forma segura e tranquila

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Feminilização da Velhice

TABELA 2 - Distribuição dos artigos recuperados por título, autor, ano, periódico e tipo do estudo sobre Velhice LGBT

TABELA 3 - Distribuição dos artigos recuperados por título, autor, ano, periódico e tipo do estudo sobre RS e envelhecimento

TABELA 4 – Dados sócio-demográficos em função dos cursos de graduação (N= 300)

TABELA 5 - Variáveis descritivas da Análise Fatorial de Correspondência

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC - Análise Fatorial de Correspondência

CEP – Comitê de Ética e Pesquisa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística

IES – Instituição de Ensino Superior

LGBT – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais

ONU – Organização das Nações Unidas

PNI – Política Nacional do Idoso

RS – Representações Sociais

TALP – Teste de Associação Livre de Palavras

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: ASPECTOS BIOPSIKOSSOCIAIS	17
2.1. A VELHICE E O ENVELHECIMENTO: UMA ABORDAGEM PSIKOSSOCIAL	17
2.2. ASPECTOS SÓCIODEMOGRÁFICOS DA VELHICE	24
2.3. VELHICE E SEXUALIDADE	27
2.4. VELHICE LGBT	30
2.5. ESTUDOS REALIZADOS SOBRE A VELHICE LGBT	37
3. DAS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	43
3.1. O LEGADO DAS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DE DURKHEIM E AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS.....	43
3.2. A ABORDAGEM SOCIOGENÉTICA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MOSCOVICI E JODELET.....	46
3.3. A ABORDAGEM ESTRUTURAL E A TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL DE ABRIC E CELSO PEREIRA DE SÁ	52
3.4. A ABORDAGEM SOCIETAL DE DOISE E OS PRINCÍPIOS ORGANIZADORES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	56
3.5. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE E ENVELHECIMENTO	58
4. OBJETIVOS	63
4.1. GERAL.....	63
4.2. ESPECÍFICOS.....	63
5. MÉTODO	64
5.1. TIPO DE INVESTIGAÇÃO	64
5.2. PARTICIPANTES.....	64
5.3. INSTRUMENTOS.....	67
5.4. PROCEDIMENTOS E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	67
5.5. COLETA DE DADOS.....	68
5.6. ANÁLISE DOS DADOS.....	69
6. RESULTADOS	72
7. DISCUSSÃO	104

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICES	127
APÊNDICE A	128
APÊNDICE B	130
APÊNDICE C	132
APÊNDICE D	133
ANEXOS	134
ANEXO A	135
ANEXO B	139
ANEXO C	140

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação buscou realizar uma pesquisa sobre as representações sociais de estudantes universitários e velhice LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais). Relacionado ao termo representações sociais, a pesquisa se trata de um estudo que visa comparar as representações de universitários de três cursos de graduação (direito, psicologia e pedagogia) da rede de ensino superior privada sobre o tema velhice LGBT. Esta pesquisa foi realizada na cidade de Teresina-PI. É importante ressaltar que se optou por esses três cursos tendo em vista as graduações que a Instituição pesquisada oferecia (direito, psicologia, pedagogia, fonoaudiologia, administração de empresas, ciências contábeis e sistemas de informação), bem como a relação direta da prática dos cursos selecionados com a temática estudada e suas diferentes percepções de sociedade e de indivíduo.

O idoso é a parcela da população cada vez mais representativa numericamente. O número de idosos no mundo cresce acentuadamente rápido, e por conseguinte, é a faixa etária que mais se desenvolve em relação às demais (crianças, jovens e adultos), portanto o envelhecimento deixa de ser uma preocupação de esfera privada e familiar e ganha relevância nas discussões das preocupações sociais na atualidade (DEBERT, 1999).

Em uma perspectiva sociológica, envelhecer envolve aspectos culturais, econômicos e sociais. Souza (2017) discute que o envelhecimento perpassa por todas as culturas e sociedades, é algo inerente a vida e ao existir do ser humano, porém resalta que cada pessoa envelhece de acordo com sua história de vida e sua cultura, sendo necessário portanto, para compreender esse processo, conhecer as peculiaridades que permeiam a história de vida do sujeito e sua cultura (SOUZA, 2017). Tendo por base uma visão Antropológica, a velhice não é compreendida como uma categoria natural e sim uma categoria socialmente produzida. O envelhecimento é um fenômeno universal e natural, porém as formas como se vivencia esse processo depende do contexto histórico que o indivíduo esta vivendo, da cultura que está inserido e da forma como se percebe em meio a estas questões (DEBERT, 1999).

Ao longo dos anos a sexualidade na velhice vem despertando interesse de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. A literatura atual tem evidenciado que não existem razões fisiológicas que impeçam as pessoas idosas, em condições satisfatórias de saúde, de ostentar uma vida sexual. A sexualidade compreende bem mais que o ato sexual, tratando-se então de uma energia que move a afetividade, companheirismo e o

prazer, inferindo nas ações sentimentais e relacionais que são foco do bem-estar físico e psicológico (VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012).

Alguns estudos documentam que a sexualidade continua da mesma forma na velhice, o que ocorre são mudanças físicas e psicológicas que influenciam na não aceitação de tais mudanças por parte dos idosos e com isto, reagem negativamente a adaptação do fenômeno sexual nesta fase da vida (TAYLOR; GOSNEY, 2011). Neste sentido, o maior problema da sexualidade não é só biológico, mas também social, em que os idosos não têm informação e convivem repreendidos pelo preconceito (BERNARDO; CORTINA, 2012). Quanto aos problemas biológicos que afetam o desempenho sexual, pode-se citar a disfunção erétil nos homens e a redução da lubrificação vaginal feminina, e em alguns casos, os efeitos colaterais devido à medicamentos (GUERRA; CALDAS, 2010).

A sexualidade é uma temática ainda negligenciada no processo de envelhecimento, ainda mais quando é atrelada a pessoas homoafetivas, fazendo com que as manifestações de preconceito em relação ao público LGBT, tornem escassas as discussões englobando a velhice como uma fase vivenciada por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (ARAÚJO, 2016). Atenta-se ao fato de que as pessoas homoafetivas são as que mais presenciam situações de preconceito, seja sutil ou explícito, em qualquer espaço da sociedade, principalmente nas redes sociais (JUNQUEIRA, 2012).

Tendo em vista, este panorama de homofobia e ageísmo, torna-se complexo a percepção destes fenômenos entrelaçados, que por sua vez, vem acarretando em estigmas sociais da velhice LGBT, afinal, estes idosos estão alcançando tal fase do desenvolvimento e construindo novos legados, mas vivem à margem da discriminação. Isto é, no século XXI, o aumento da presença de pessoas LGBT tem trazido repercussão nas discussões sobre gênero e preconceito.

Atualmente, é possível encontrar informações e discussões que dizem respeito às questões sexuais, físicas e psicológicas das pessoas LGBT em sites e blogs de ONGs ou ativistas, porém pouco se discute sobre esse público envelhecido. As pesquisas que discutem sobre essa temática ressaltam sempre o preconceito sofrido pelos idosos LGBT. Leal e Mendes (2017) discutem sobre a invisibilidade e o silêncio quando trata-se de velhice e homossexualidade, buscando conhecer como esses sujeitos enfrentam o envelhecimento e a perspectiva de institucionalização (LEAL; MENDES, 2017). Tarquino et al. (2015) tratam sobre a atenção a saúde da população LGBT idosa e destacam que a qualidade da vida sexual

desde público é comprometida tanto pela falta de informação bem como pela maneira preconceituosa que os profissionais e a sociedade em geral encaram a sexualidade do idoso (TARQUINO et al., 2015).

O livro organizado por Orel e Fruhauf (2015) apresenta vários aspectos sobre a velhice LGBT, desde os culturais, familiares e individuais, perpassando pela saúde e bem estar destes idosos, discutindo o estigma e a velhice e sobre as idosas transgêneros (OREL; FRUHAUF, 2015). Mesmo nos estudos da Gerontologia, quando as experiências de envelhecimento vão de encontro às regras heteronormativas, estas tendem ao esquecimento (DEBERT; HENNING, 2015; SANTOS; CARLOS; ARAÚJO; NEGREIROS, 2017). Henning (2017), apresenta em seu estudo um olhar antropológico e crítico sobre as principais tendências, polêmicas e embates teóricos sobre o que tem sido chamado de “gerontologia LGBT”, bem como seus desdobramentos como constituição, legitimação e criação de políticas públicas (HENNING, 2017).

As variações de expressão da sexualidade do idoso, incluídas as que se relacionam com o curso da vida, e determinadas proposições sobre os significados sociais e subjetivos da sexualidade são um campo fértil para estudos, tanto no que se refere a como os idosos LGBT se percebem quanto, sobre o conhecimento elaborado e participado da sociedade sobre homossexualidade na velhice.

Este estudo apresenta um caráter específico, discute a sexualidade na velhice voltada ao público LGBT, pois, compreender a velhice e a homossexualidade dissociados já é algo intrincado, quando unidos então, torna-se algo que traz muitas dúvidas e inquietações (LEMOS, 2015). Portanto, o envelhecimento LGBT é um aspecto que precisa ser discutido, buscando compreender a diversidade de contextos que se entrelaçam, que são vivenciados pelas mais diferentes pessoas, de diferentes idades e culturas. O interesse por este estudo deve-se tanto devido a vivência com grupos de idosos no decorrer da vida profissional, bem como a urgência que o tema representa, visto que pouco se sabe sobre a maneira de viver desses idosos.

No **Capítulo 1 – O processo de envelhecimento: aspectos biopsicossociais**, buscou-se versar sobre velhice e envelhecimento, apresentar os aspectos sociodemográficos da velhice tanto a nível mundial como no Brasil e Piauí. Procurou-se ao longo do capítulo destacar as transformações que vem ocorrendo nas configurações do envelhecimento nas sociedades atuais, dando ênfase ao tema da sexualidade e orientação sexual. Apresenta-se o

cenário atual sobre o envelhecimento LGBT, destacando-se as conquistas, aspectos positivos, bem como os aspectos negativos, através das dificuldades vivenciadas por esta categoria minoritária.

No Capítulo 2 – Das representações coletivas as representações sociais, partiu-se do legado das representações coletivas de Durkheim para o surgimento da grande teoria das representações sociais de Moscovici (2007), com a contribuição expressiva de Denise Jodelet (2001), com a abordagem sociogenética das representações. Buscou-se apresentar também as demais abordagens das representações sociais, que apesar de diferirem em alguns pontos, todas estão em consonância com a grande teoria de Moscovici. As principais teorias das representações sociais destacadas neste estudo foram a Teoria do Núcleo Central de Abric (2003) e Celso Pereira de Sá (1996) e a abordagem Societal de Doise (1992). Para finalizar, abordou-se alguns estudos sobre representações sociais e velhice, tratando dos mais diversos temas que contribuem para seu desenvolvimento.

Portanto, conhecer os direitos e garantias, bem como as políticas desenvolvidas que resguardam os idosos e principalmente do público LGBT são pontos significativos que merecem destaque, pois há uma necessidade de aprofundar os estudos integrados entre gênero e geração, neste caso numa perspectiva LGBT, que ainda é muito pouco discutido, bem como possibilitar novas formas de atuação de profissionais que trabalham diretamente com intervenções com estes idosos.

2. O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: ASPECTOS BIOPSIKOSSOCIAIS

2.1 - A VELHICE E O ENVELHECIMENTO: UMA ABORDAGEM PSICOSSOCIAL

O processo de envelhecimento deve ser compreendido em sua totalidade e em suas múltiplas dimensões, visto que é um fenômeno biopsicossocial e que provoca diversas alterações no indivíduo no decorrer de sua vida, alterações estas que geram mudanças corporais e psicológicas e que por consequência afetam as relações do sujeito em seu contexto social (FREITAS; QUEIROZ; SOUSA, 2010). “A velhice é compreendida como fenômeno natural e social que se desenrola sobre o ser humano, único, indivisível, que na sua totalidade existencial, defronta-se com problemas e limitações de ordem biológica, econômica e sociocultural que singularizam seu processo de envelhecimento” (SIQUEIRA, 2002, p. 904). Para Rougemont (2016), a velhice é estabelecida através de diversos critérios que são remodelados de acordo com o momento e o lugar, sendo absorvido de formas particulares, conforme a conjuntura vivenciada e as pessoas implicadas.

Considerando essa complexidade, pode-se dizer que o envelhecimento é uma categoria constituinte do *habitus*, sendo este, um princípio que faz um intermédio entre as práticas do indivíduo e suas condições de existência. Setton (2002) cita que o *habitus* é uma subjetividade socializada. É um “conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam” (SETTON, 2002, p. 63).

Desta forma, Debert (1999) argumenta que cada sociedade se organiza em categorias e grupos de idade e dessa forma podem gerir seus recursos políticos e compreender as representações sociais, ou seja, divisão pela idade como uma necessidade social de classificação. A periodização da vida se dá por um processo cultural, ou seja, não são iguais em todas as sociedades, são elaborados simbolicamente através de rituais que demarcam as fronteiras de idade atravessadas pelos indivíduos. “Categorias e grupos de idade são elementos privilegiados para dar conta da plasticidade cultural e também das transformações históricas”. (DEBERT, 1999, p. 40). A idade cronológica não é o único demarcador importante na vida dos idosos, eventos relacionados a momentos em família ou relacionados a transformações mais gerais também são considerados marcos importantes para mudanças na vida (DEBERT, 1999).

No cerne desta discussão, depara-se com novas designações para o termo idoso, a criação de uma nova linguagem para definir a velhice toma força em objeção às antigas formas de tratamento. Termos como “Terceira Idade”, “Melhor Idade”, “Nova Juventude” surgem como alternativa ao termo velhice, julgado por ter um peso muito negativo, e como uma nova forma de compreender a velhice dentro de uma gama de oportunidades, que busca valorizar e integrar os idosos às mesmas oportunidades oferecidas aos mais jovens (SILVA, 2008, CACHIONI, 2002).

A categoria velho é sempre criada a partir do outro. Segundo Beauvoir (1990) a velhice não é uma verdade interior, o velho dificilmente se vê como tal, a velhice é sempre vista pelo outro, através de imposições para que o indivíduo se enquadre em um padrão. Para Souza (2017), “há uma tendência em se fazer indiferente ao processo de envelhecer, ou melhor, percebe-se a intenção de negar a própria velhice, embora na convivência com os outros, essa é uma realidade difícil de dissimular” (SOUZA, 2017, p. 334).

Reforçando essa premissa, Debert (1999) cita uma de suas pesquisas sobre as experiências do envelhecimento e as significações da velhice, nela os entrevistados faziam uma separação bem clara entre suas experiências e as dos velhos propriamente dito. Elias (2001), evidencia que a velhice é um estágio que não queremos conhecer e que encontramos cada vez mais formas de negar ou retardar a sua existência. Falar de velhice era declarar um agrupamento de estereótipos estigmatizantes, e sua fala era voltada a não se incluir nesta representação estereotipada (ARAÚJO; CARVALHO, 2010).

No século XIX velhice era sinônimo de uma etapa da vida marcada pela decadência física e ausência de papéis sociais. A idade elevada era considerada como um processo ininterrupto de perdas e dependência, associando assim uma imagem negativa ao processo de envelhecer. Nesse processo, é importante ressaltar que o envelhecimento e as representações sociais deste momento são diferentes para homens e mulheres. Neste aspecto, destaca-se de uma forma geral, as mudanças na aparência física, como surgimento de rugas e cabelos brancos.

Limoeiro (2012), em seu estudo, relata que o processo de envelhecimento é compreendido como perda da beleza. Ele ressalta que dos casos pesquisados, as mulheres se referiam às preocupações com a aparência devido o surgimento de celulites, estrias, olheiras e manchas na pele, já os homens, também se referiam a perda da beleza, porém acompanhada de charme e elegância. A preocupação dos homens neste caso estaria relacionada ao seu

desempenho sexual e a possibilidade de ficar impotente. De acordo com DaMatta (1997), esta preocupação masculina com a atividade sexual está atrelada a cultura brasileira, que se constrói nos princípios da norma binária, bem como rejeitando a possibilidade de impotência.

As mudanças fisiológicas que acontecem com a chegada da velhice, podem muitas vezes influenciar na resposta sexual dos idosos. As transformações na fisiologia sexual dos idosos embora não aconteçam de uma forma uniforme entre todos, existem algumas características que se tornam peculiar a eles (ALENCAR; MARQUES; LEAL; VIEIRA, 2014).

Segundo os autores, os homens caracterizam-se pela diminuição da potência sexual, ereção mais flácida, precisando assim de mais tempo para atingir o orgasmo, bem como retardo na ejaculação. Nas mulheres, as mudanças se dão devido às alterações hormonais, com a chegada da menopausa, a pele fica mais fina e seca, a lubrificação vaginal diminui e o orgasmo passa a ter menor duração devida a flacidez da vagina. Nesta fase da vida, o sexo vaginal deixa de ser a principal fonte de prazer e o erotismo pode manifestar-se por outras formas de estimulação das zonas erógenas (ALENCAR; MARQUES; LEAL; VIEIRA, 2014).

A noção que se tem de velhice decorre muito mais da luta de classes que de conflito de gerações, cada sociedade vivencia de forma diferente a chegada da velhice, porém todo o sentimento de continuidade é relacionado ao trabalho do indivíduo, quando os mesmos perdem a sua força de trabalho ele já não é mais produtor e passa a ser desvalorizado (BOSI, 1994). Essa desvalorização pode ser barrada quando o mesmo é detentor de bens, caso não o seja, deve ser tutelado, como fazem com as crianças. No interior das famílias, essa tutela muitas vezes remete a privação de seus direitos, como a liberdade de escolha, tornando-os cada vez mais dependentes, sem autonomia para administrar sua própria aposentadoria, obrigando-o geralmente a sair de suas casas ou a aceitar a internação em hospitais ou asilos.

Neri (2015) traz a discussão que as atitudes estão intrinsecamente relacionadas com as noções de crenças, preconceitos, estereótipos, valores e ideologias. As crenças podem ser entendidas como representações tanto individuais como coletivas sobre alguma idéia compartilhada socialmente a respeito de características de alguma pessoa ou objeto. O conjunto delas, “são reconhecidos como processos sociais-cognitivos que desempenham papel orientador, integrador e controlador sobre os comportamentos de indivíduos, grupos, instituições sociais e nações” (NERI, 2015, p. 13).

Nas representações da sociedade, o envelhecimento está atrelado a varias perdas como, por exemplo, da autonomia, a debilidade física, o adocimento, a incapacidade laboral, fase da vida que aspira cuidados, fardo para os mais jovens (ARAÚJO, 2016). Sendo assim, estar velho é sinônimo de feiúra, marcada pela ausência de possibilidades afetivo-sexuais e proximidade com a morte. Essa estigmatização do idoso serve como base para estes estereótipos negativos que padronizam o sujeito, “a velhice representa apenas degeneração, sentido que naturaliza as suas mazelas e responsabiliza os indivíduos pela sua própria assistência” (MOTA, 2014, p.31).

Pode-se destacar aqui as discussões sobre idadismo (*ageism* em inglês), compreendido como um tipo de preconceito relativo a idade. Estudos (COUTO; MARQUES, 2016; NERI, 2015) revelam que o idadismo esta relacionado às mais variadas formas de preconceito, estereótipos negativos (dependência, incapacidade) e comportamentos de discriminação (como a violência, negligência e abandono). Observa-se com frequência exemplos de idadismo, que vão desde os mais sutis como o tratamento paternalista até as formas mais explicitas de discriminação como os maus-tratos aos idosos. “O idadismo é um tipo de viés social que desfavorece os idosos porque está baseado na crença cultural de que a idade é uma dimensão importante na forma como se definem as características e a posição social de uma pessoa” (COUTO; MARQUES, 2016, p. 18).

Aqui, ressalta-se a importância de citar também que o próprio idoso tem uma avaliação negativa da velhice em decorrência de estar em um contexto social que enfatiza os estereótipos negativos da idade, o que o leva a não identificação com seu próprio grupo como uma forma de defesa (SOUZA, 2017; COUTO; MARQUES, 2016; NERI, 2015; SILVA; CACHIONI; LOPES, 2012).

O idadismo é um tipo de crença que é aceita socialmente e que muitas vezes não é nem percebida nem por quem a pratica nem mesmo pelos próprios idosos. Os exemplos mais frequentes que se pode destacar no cotidiano são os abusos que acontecem na própria família ou comunidade que o idoso vive (violência física, violência psicológica ou emocional, negligência, abandono), dificuldade em manter-se no mercado de trabalho (recebem menos oferta de trabalho, menor possibilidade de formação ou progressão na carreira) e até dentro das instituições voltadas para o cuidado do idoso (limitações dos serviços ofertados, ausência de qualificação adequada). Acredita-se que só será possível uma mudança sobre essa forma de

agir e pensar se forem modificadas as formas de perceber o envelhecimento (COUTO; MARQUES, 2016).

Neste direcionamento, ao longo do século XX, com as transformações do mercado capitalista, o idoso era visto em um processo de empobrecimento e abandono pela família, que foi fundamental para o surgimento da aposentadoria e para que os mesmos se tornassem atores políticos (DEBERT, 1999). A velhice e a aposentadoria passaram portanto, a representar o fim do trabalho assalariado e a última etapa da vida. A representação social do aposentado passa a ser associada à velhice, ou seja, pessoas improdutivas. Peixoto (2006), afirma que com a criação da aposentadoria o ciclo de vida sofre reestruturação, sendo a infância e adolescência tempo de qualificação, a fase adulta momento de plena produtividade e a velhice idade do repouso.

Durante muito tempo, nas sociedades pré-industriais, a velhice foi considerada como própria da esfera privada e familiar, onde o velho era um membro ativo, respeitado e tinha uma posição central em todos os assuntos familiares. Bosi (1994) ressalta que a memória dos velhos tem uma função social, quando estes deixam de ser ativos na sociedade, resta-lhes a função de lembrar, de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

Devido a mudanças culturais radicais, que foram dando novos significados e experiência de envelhecimento, a partir do momento que o envelhecer torna-se pauta de discussão nas mais variadas temáticas como políticas públicas, definição de novos nichos de mercado, produtos especializados para esse público no mercado consumidor e até mesmo novas formas de lazer, o envelhecimento passa a ser uma questão que ganha ênfase na ordem das questões sociais. Isso ocorre devido às mudanças nas formas de perceber e reconhecer os idosos bem como nas formas de gestão do envelhecimento.

No discurso da contemporaneidade, unem-se esforços para rever os estereótipos associados ao envelhecimento. Barros (2006) por sua vez discute que a organização de valores de uma sociedade vai diferir de acordo com o momento histórico vivenciado ou da cultura que esta inserido. Diferenças de gênero, classe, etnia, inserção profissional também fazem parte da produção das representações e experiências de envelhecer. Por muito tempo a velhice foi vista como uma condição de perda e passividade, como um peso para a família e para o Estado, porém cada vez mais percebe-se a velhice como uma questão de ordem pública e aponta-se a necessidade de ressaltar o caráter ativo e participativo dos idosos em diferentes

sociedades, como também a criação de novos mercados de consumo, definição de direitos e deveres e constituição de novos atores políticos.

A velhice passa a ser entendida como um momento favorável para novas conquistas, sempre relacionadas com a busca de prazer e satisfação pessoal. As experiências vivenciadas e os conhecimentos adquiridos no curso da vida servem de direcionamento para realização de projetos outrora deixados para segundo plano, bem como estabelecimento de relações de vantagens com os mais jovens. Nesse ínterim, cria-se atividades voltadas especificamente para os idosos, que se estende desde a criação de grupos de convivência até as Universidades para a Terceira Idade, atividades de lazer, turismo, produtos de beleza e alimentares e espaços de socialização.

As universidades *para, aberta à* ou *da* Terceira Idade segundo (CACHIONI, 2002) são iniciativas de educação que visam promover o potencial humano, o desenvolvimento das potencialidades nos idosos, possibilidades de novos projetos de vida, bem como estimular a participação na família e na comunidade; incentivam a promoção da auto-estima e resgate da cidadania. Possibilitar o acesso a educação para pessoas idosas incentiva a autonomia, a integração social, promove uma velhice bem sucedida entre os grupos, ou seja, é um empreendedorismo social (CACHIONI, 2002).

Para responder as demandas da população idosa surgiam cada vez mais especialidades que fossem capazes de identificar os problemas que essa população traz para a vida social devido o aumento da expectativa de vida e diminuição das taxas de natalidade. A gerontologia surge como uma área de saber interdisciplinar, com estudos voltados para a velhice.

A Gerontologia nasce da Geriatria, um campo de saber da medicina “voltado à promoção da saúde e o tratamento de doenças e incapacidades na velhice” (OMS, 1989). Já a gerontologia é a “área de conhecimento científico voltado para o estudo do envelhecimento em sua perspectiva mais ampla, levados em conta os aspectos clínicos, biológicos, condições psicológicas, sociais, econômicas e históricas” (OMS, 1989).

O surgimento da Gerontologia inicialmente trouxe um olhar voltado para o envelhecimento orgânico, o desgaste físico, buscando retardar a velhice através dos cuidados especializados. Mais tarde, surgem questionamentos voltados para o campo político-administrativo através implementação da aposentadoria, procurando analisar os custos

financeiros do envelhecimento. Especialidades como a Psicologia e a Sociologia investem esforços para conhecer as necessidades destes idosos e maneiras de solucioná-las. Por fim, a Gerontologia surge com o propósito de apontar os dilemas que o crescimento da população idosa traz para a permanência na vida social e o prolongamento da vida. (DEBERT, 1999). Na prática, todas as áreas de saber trabalham integradas nas questões do envelhecimento como uma construção social.

Na sociedade contemporânea, o corpo ocupa um lugar de destaque, principalmente o corpo robusto, ativo e sexualizado. A chegada da velhice traz consigo um incômodo, pois o corpo de outrora já não responde como esperado, o indivíduo percebe que junto às rugas na pele e aos cabelos brancos chegam múltiplos desafios, como as alterações fisiológicas, que tornam o organismo mais suscetível às doenças e às alterações psicológicas, que podem demandar o medo, a depressão e o isolamento social. Esse quadro geralmente dificulta a aceitação do envelhecimento e ainda é agravado pelos mitos e estereótipos relacionados à velhice.

A prevalência da negação enraizada do envelhecimento do corpo, está relacionada com a perda da beleza e o ideal de juventude passa a ser perseguido por aquele sujeito que envelhece. O corpo é uma riqueza almejada e desejada, e busca-se a utopia da vitalidade inesgotável, beleza e ideal de felicidade. Goldenberg (2008) discute a centralidade que o corpo tem na cultura brasileira, sempre em busca do belo, jovem e magro. Apresenta o corpo como um verdadeiro capital social, simbólico e econômico, um propagador social, sedutor, que pode oferecer poder e status. “Nossos corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (LOURO, 2010, p. 14). Dessa forma, Debert (1999) discute questão da mídia que se preocupa em mostrar que as imperfeições do corpo são mutáveis e que é possível alcançar a aparência desejada através de esforço e disciplina.

A experiência atual de envelhecer pode ser vista como mais gratificante do que outras etapas vividas. O sentimento de liberdade das obrigações com a família e filhos, dos controles aos quais são submetidos quando são mais jovens, os permite a realização de várias atividades prazerosas. Nesse ínterim pode-se falar em “identidade positiva da velhice, como a memória, a sabedoria e a experiência vivida” (DEBERT, 1999, p. 132). Por fim, Bosi (1994) enfatiza que “é refazer [...] é reflexão, compreensão do agora a partir de outrora; é sentimento [...] não sua mera repetição” (BOSI, 1994, p. 20).

Devido à maior visibilidade por conta do envelhecimento populacional e aumento da longevidade, e apesar das discussões sobre a velhice ter ganhado bastante expressão e legitimidade no que se refere às preocupações sociais do momento, faz-se necessário um estudo mais aprofundado dos aspectos sóciodemográficos desta categoria, buscando fazer um recorte para o público LGBT, visando assim conhecer melhor quem são esses idosos e com isso proporcionar formas mais adequadas de satisfação das necessidades e garantia de direitos.

2.2 - ASPECTOS SÓCIODEMOGRÁFICOS DA VELHICE

O avanço das ciências e melhorias sanitárias são um dos principais responsáveis para o aumento da população idosa, bem como o baixo crescimento populacional associado a baixas taxas de natalidade e fecundidade. Segundo dados de projeções das Nações Unidas, uma em cada 9 pessoas do mundo tem 60 anos ou mais, e estima-se um crescimento para 1 em cada 5 por volta de 2050, que pela primeira vez, haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos e atingirá a marca de 2 bilhões de pessoas ou 22% da população global (IBGE, 2013).

No Brasil, a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2013) aponta para o real envelhecimento de sua população, chegando ao marco de 26,3 milhões de brasileiros com mais de 60 anos. Neste cenário, conforme TABELA 1, é crescente a feminilização da velhice, quando comparado dados projetivos sobre o envelhecimento no Brasil da Secretaria Especial de Direitos Humanos (BRASIL, 2012), observa-se que nos anos 2000 havia uma proporção de 9,3% de mulheres com mais de 60 anos e 7,8% de homens na mesma faixa etária, em 2010 essa estatística evoluiu para 10,5% e 8,4% respectivamente, e projeta-se que em 2020, as mulheres com 60 anos ou mais atingirão a marca de 14% da população em geral para 11,1% de homens nas mesmas condições, conforme.

TABELA 1 – Feminilização da Velhice

	2000		2010		2020	
	Masculina	Feminina	Masculina	Feminina	Masculina	Feminina
Proporção de população idosa (60 e mais)	7,8%	9,3%	8,4%	10,5%	11,1%	14,0%
<i>Proporção da população</i>						
<i>Grupos de idades</i>						
60-64	46,8%	53,2%	46,4%	53,6%	45,6%	54,4%
65-69	45,8%	54,2%	45,2%	54,8%	44,5%	55,5%
70-74	44,8%	55,2%	43,2%	56,8%	42,8%	57,2%
75-79	43,9%	56,1%	40,2%	59,8%	39,9%	60,1%
80 ou mais	39,9%	60,1%	34,7%	65,3%	33,8%	66,2%
População idosa	6.533.784	8.002.245	7.952.773	10.271.470	11.328.144	15.005.250

Fonte: IBGE, 2013.

As representações sociais da velhice sofreram modificações ao longo do tempo, fazendo-se necessário portanto, o desenvolvimento de ações direcionadas a este público com a intenção de expandir as discussões sobre as políticas sociais, entendidas não somente como benefício e sim como direitos de cidadania, com a intenção de redefinir os espaços sociais e melhorar as condições de vida dos idosos e oferecer-lhes mais dignidade.

Diante da crescente demanda de idosos no Brasil e no mundo, novas políticas públicas específicas a esse grupo foram criadas, para que os mesmos obtenham condições de vida adequadas. No Brasil, algumas políticas foram desenvolvidas e implantadas de acordo com a realidade de sua população e dentre elas pode-se citar a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842 de 04/01/1994) – PNI-, que teve como objetivo dar garantias sociais as pessoas a partir dos 60 anos e mais.

Esses direitos básicos devem ser concretizados a partir de políticas sociais na área da saúde, promoção e assistência social, educação, trabalho e previdência social, habitação e urbanismo, justiça e cultura, esporte e lazer. A PNI torna-se, assim, um marco na definição de um novo paradigma, mas ainda não se firmou no âmbito dos direitos sociais, por ainda não ter sido alvo de destinação de recursos suficientes para sua consecução, salvo em algumas iniciativas esporádicas (BORGES, 2015, p. 80).

Outro marco para as políticas voltadas ao envelhecimento foi a promulgação do Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741 de 01/10/2003), que ampliou os direitos e deveres das pessoas idosas. Corroborando com a PNI, o Estatuto do Idoso limita a atuação da lei às pessoas com 60 anos ou mais, garantindo a todos que se encontram nessa faixa etária o usufruto dos direitos fundamentais à pessoa humana, garantindo a facilidade e oportunidade de preservação à saúde física e mental.

Como forma de garantir a execução desses direitos, o estatuto obriga a família, a sociedade e o Estado a não medir esforços para o cumprimento de todas as prioridades anteriormente estipuladas. Atendimento preferencial e individualizado em órgãos públicos ou privados, preferência na destinação de recursos públicos para a execução de políticas voltadas para o idoso, acesso garantido à rede de serviços de saúde e de assistência social locais são alguns dos exemplos das garantias que o estatuto prevê. Assegura ainda, o direito de denunciar às autoridades competentes, todo e qualquer tipo de violência contra o idoso ou

violação dos direitos. Cabe aos conselhos nacionais, estaduais e municipais do idoso a fiscalização e o fazer cumprir desses direitos.

Afim de dar voz às vítimas que tiveram seus direitos violados, o Governo Federal implantou em 2011 o módulo Idoso no Disque Direitos Humanos – Disque DDH 100. Apenas 1 ano depois de sua implantação, o módulo idoso teve um aumento de 199% das denúncias, quando comparadas com as realizadas em 2011, tendo o maior aumento proporcional ao período, seguido do módulo de LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais) com 197%. Com relação às denúncias efetivadas, o DDH registrou 68,7% de violações por negligência, 59,3% de violência psicológica, 40,1% de abuso financeiro/econômico e violência patrimonial e 34% de violência física (BRASIL, 2012).

Apesar dos avanços dessas garantias, evidencia-se que vivemos um momento de privatização e direcionamentos por demandas mercadológicas, dessa forma fica claro uma conduta do governo brasileiro de transferir suas responsabilidades com o idoso para o âmbito privado, incentivando novas formas de previdência e de medicina privada. “Evidencia-se, assim, que as políticas sociais que mais interferem na qualidade de vida do idoso, que são as da previdência social, as da saúde e as da assistência social, são as que estão sendo mais afastadas pelos objetivos neoliberais” (BORGES, 2015, p. 80)

No Piauí, é progressiva e crescente a proporção de pessoas que estão envelhecendo, e de forma rápida e intensa. Em 1992 apresentava um percentual de 7% em relação a população geral, em 1999 esse número evoluiu para 8,2%, tendo como destaque uma maior concentração na faixa etária entre 60 e 69 anos, com predominância do sexo feminino, confirmando as estatísticas nacionais. O Censo Demográfico 2010 com relação a população da cidade de Teresina – capital do Estado – correspondeu a 814.230 habitantes, sendo que 69.632 são pessoas com 60 anos ou mais de idade.

Sobre as políticas votadas ao público idoso desenvolvidas no Estado do Piauí, pode-se citar o Programa de Envelhecimento Ativo, a delegacia especializada para o combate aos maus tratos contra o idoso, o Conselho Estadual da Pessoa Idosa, realização das Conferências Estaduais da Pessoa Idosa e a Lei Estadual nº 5.479 de 10/08/2005, que dispõe sobre a política estadual do idoso.

Muitos foram os avanços nas políticas voltadas à pessoa idosa, porém, alguns desafios ainda são enfrentados como, por exemplo, a vivência da sexualidade. A velhice para

ser bem sucedida (CACHIONI; FALCÃO, 2009) deve estar associada à boa saúde física e mental do indivíduo e o mesmo estar envolvido com a vida e vários aspectos, dentre eles, a vivência da sexualidade. Reconhecer os efeitos potencializadores das vivências sexuais (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016) é compreender que a sexualidade é um processo natural que se manifesta de formas diversas nas diferentes fases da vida, e no caso da velhice, contribui positivamente para a qualidade de vida, visando a busca de prazer, bem-estar e autoestima.

2.3 - VELHICE E SEXUALIDADE

A sexualidade não se resume somente ao ato sexual em si, trata-se de um misto de prazer, cumplicidade e amor entre duas pessoas, como forma de conhecimento de seu corpo e do outro. Dependendo da forma como a velhice é encarada e das alterações que ela pode acarretar em vários aspectos da vida, o sexo nessa fase pode sim proporcionar liberdade e promover prazer. Para isso, faz-se necessário que o idoso muitas vezes utilize a criatividade para alcançar novas formas de satisfação.

Em um sentido mais amplo, a sexualidade não abrange somente as questões fisiológicas, ela é concebida como um elemento que dá sentido e significado à existência humana (FERNANDEZ; PANIAGUA, 2007). Ocupa-se de um curso natural do desenvolvimento humano e atende a uma necessidade fisiológica e emocional diferenciada em cada etapa do curso da vida. Objetiva o bem-estar, o prazer, a autoestima e a procura de uma relação íntima (SOUTTO MAYOR; ANTUNES; ALMEIDA, 2009). A sexualidade segundo Foucault (1988), é um “dispositivo histórico”, portanto é no contexto da cultura e da história que se definem as identidades, visto que “ela é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo” (LOURO, 2010, p. 11).

Nos estudos de Vieira, Coutinho e Saraiva (2016) e Marques (2015), ao revisar a literatura atual, tem-se evidenciado que não existem razões fisiológicas que impeçam as pessoas idosas, em condições satisfatórias de saúde, de ostentar uma vida sexual ativa. A sexualidade vem sendo discutida nos últimos tempos como peça fundamental do envelhecimento ativo, a prática do sexo até a fase do envelhecimento é reconhecida como benéfica para o envelhecimento bem sucedido (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016; MARQUES et al, 2015). Em seu artigo Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice (DEBERT; BRIGEIRO, 2012) discutem sobre a inclusão do idoso no curso da vida sexual, e as formas contemporâneas de gestão desse envelhecimento, analisando as diferenciações de gênero bem como as consonâncias.

A sexualidade não finda com o processo do envelhecimento, apesar do declínio físico e da diminuição da frequência da atividade sexual, estudo gerontológicos (VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012; DEBERT; BRIGEIRO, 2012) reconhecem que esse declínio é substituído por uma ampliação na intensidade do prazer. Muitos dos mitos que se percebe com relação ao idoso e sua sexualidade é que o mesmo não pode mais vivenciar esta sexualidade, como se o envelhecimento carregasse consigo o desinteresse pela vida e a sexualidade fosse algo somente para jovens.

Em uma pesquisa sobre representações sociais da sexualidade na velhice com idosos de um grupo de convivência, VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA (2016) discutem a sexualidade como parte essencial da vida dos idosos, sendo relevante compreender como estes idosos a entendem e vivenciam. Relatam que as representações sociais desses idosos sobre a sexualidade estão ancoradas no carinho, cumplicidade, intimidade e ato sexual, bem como na dicotomia jovem versus idoso, corpo envelhecido versus interesse e motivação para o sexo. Não entendem a sexualidade como algo limitado e sim como um processo complexo que pode ser ressignificado com a chegada da velhice.

Ainda referindo-se ao estudo de (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016), de maneira geral os idosos aceitam a sexualidade na velhice embora reconheçam algumas limitações nas práticas sexuais por conta de alterações fisiológicas e as vezes patológicas. Percebem os estereótipos negativos socialmente vinculados a prática sexual dos idosos, mas por outro lado, também demonstram falta de necessidade do sexo (representação mais freqüente no público feminino), que corrobora com os estudos de (FRUGOLI; MAGALHÃES-JUNIOR, 2011) que afirma que esse comportamento é reflexo de uma educação repressora recebida no passado, que fez com que elas não usufríssem de sua sexualidade nesse momento da vida (FRUGOLI; MAGALHÃES-JUNIOR, 2011).

Apesar da sexualidade não estar relacionada com idade, estudos apontam que o envelhecimento favorece uma atividade sexual mais satisfatória. A atividade sexual do idoso permite que a identidade deles seja reafirmada, pois o mesmo acaba oferecendo ao seu par algo que o agrada e o satisfaz, não preocupando-se mais com um bom desempenho físico e virilidade, e sim satisfação e prazer (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016; VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012).

Para que essa realidade ocorra se faz necessário um processo que (DEBERT; BRIGEIRO, 2012) intitulam de “desgenitalização da sexualidade”, instigando os indivíduos a reconhecer novos pontos de prazer em seus corpos, principalmente no caso dos homens que tem sua sexualidade vinculada a ereção. Da mesma forma as mulheres, que muitas vezes

precisam libertar-se das amarras morais a que foram submetidas durante sua experiência da sexualidade, estimulando-as a auto-realização e desvinculação da obrigatoriedade de oferecer prazer ao marido a qualquer custo, bem como libertar-se das obrigatoriedades com os filhos e assumir enfim sua vontade por uma vida sexual ativa. Nesta discussão, é importante ressaltar que o interesse sexual e atividade sexual se fazem presentes por toda a vida, negando assim a idéia de uma velhice “assexuada”.

Com a continuidade da vida sexual, faz-se necessário algumas adaptações no curso da vida. Problemas sexuais passam a fazer parte da rotina, como também surgem inovações na área tecnológica para ajudar (como por exemplo a internet, drogas para disfunção erétil, lubrificantes, próteses dentre outros apetrechos), se não na resolução desses problemas pelo menos minimizá-las. Terapias e educação sexual surgem com o intuito de redirecionar a sexualidade da área genital para outros pontos de prazer do corpo, promovendo assim um exercício de autoconhecimento, (re)descobrimo seus desejos e possibilidades sexuais bem como de seu parceiro (DEBERT; BRIGEIRO, 2012).

Apesar da vasta experiência e dos longos anos vividos, faz-se necessário discutir com os idosos temas como a educação sexual. Em seu estudo com um grupo de idosos (FRUGOLI; MAGALHÃES-JUNIOR, 2011) observou a necessidade de debater questões sobre as mudanças que ocorrem em relação ao corpo, doenças sexualmente transmissíveis (DST) como por exemplo a AIDS, métodos preventivos e possibilidades de ter uma vida saudável e com qualidade de vida nessa faixa etária. O fato das mulheres mais idosas não adotarem medidas de prevenção esta relacionado a questões culturais. Elas não foram educadas para o uso de preservativos, haja vista ser conhecido apenas como um método contraceptivo e não como preventivo” (FRUGOLI; MAGALHÃES-JUNIOR, 2011).

Nas discussões sobre sexualidade do idoso emergem vários aspectos interessantes e dentre eles as particularidades sobre gênero. A ausência de alusão à homossexualidade dos idosos é nítida. Em seu artigo (DEBERT; BRIGEIRO, 2012) ressaltam que a maioria das discussões sobre sexualidade do idoso é em um viés heteronormativo. “Toda a descrição da fisiologia sexual, das dinâmicas de conjugalidade no curso da vida, e as argumentações sobre as formas de experimentar a sexualidade são condizentes com a gramática heterossexual” (DEBERT; BRIGEIRO, 2012, p. 41).

Em pesquisas recentes (LEAL; MENDES, 2017; DEBERT; HENNING, 2015) observa-se uma tendência de exclusão por parte da gerontologia, de estudos que retratem experiências de envelhecimento que questionem os princípios heteronormativos. Ao contrário dos jovens homossexuais que cada vez mais vem conquistando espaços e vivendo sua

sexualidade com mais liberdade, os idosos LGBT ainda são esquecidos e impossibilitados de vivenciarem sua sexualidade plenamente, configurando o que se pode chamar de “a geração duplamente silenciosa” (LEAL; MENDES, 2017, p. 18).

2.4 - VELHICE LGBT

O sujeito é composto de múltiplas e distintas identidades, que são formadas pelo convívio social, pelas redes de poder de uma sociedade, ou seja, através de suas relações com as instituições ou grupos sociais. Para a compreensão da formação do indivíduo, é fundamental conhecer os momentos históricos vivenciados e os papéis sociais desempenhados, pois fatores culturais e atributos pessoais influenciam no envelhecimento e essas construções individuais influenciam no bem estar, relacionamento social e familiar. (FREDRIKSEN-GOLDSSEN, 2015; OREL; FRUHAUF, 2015).

Reconhece-se numa identidade é assumir o sentimento de pertencimento a um grupo social de referência. Dentre as várias identidades assumidas pelos indivíduos pode-se citar as identidades sexuais e de gênero, que são alvo de estudiosos no sentido de compreendê-las e distingui-las. Dessa forma, se faz necessário deixar claro a diferenciação entre orientação sexual e identidade de gênero.

Por orientação sexual entende-se a “capacidade de cada pessoa de se relacionar afetiva, emocional ou sexualmente com outros indivíduos do mesmo gênero, de outro gênero ou com os dois gêneros” (NETO, 2005, p. 32). Já identidade de gênero, segundo o Manual de Comunicação LGBT (2010) elaborado pela Associação Brasileira LGBT é “a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente do sexo biológico. Trata-se da convicção íntima de uma pessoa ser do gênero masculino ou do gênero feminino” (Manual de Comunicação LGBT, 2010, p. 16).

Nos últimos anos a homossexualidade tem sido alvo de interesse da sociedade como um todo. Vários seguimentos como a mídia, as pesquisas acadêmicas, as instituições religiosas, familiares e escolares tem discutido essa temática. Como citado em outros momentos, esse debate é permeado de estigmas e preconceitos. Falar de homossexualidade é romper com alguns padrões, seja sobre o conceito de gênero, de diversidade, estéticos e até mesmo de atitudes. É trazer para o âmbito das preocupações as questões que envolvem a categoria identidade, pois “revelam um campo multifacetado, permeado de tendências que

expressam confluências entre elas, mas que descortinam dissonâncias no modo como aparecem” (BARROS JÚNIOR, 2007, p. 92).

A denominação homossexual se apresenta em um caráter homogeneizante, mas não se pode perder de vista que “a experiência homossexual é plural e deságua em campos identitários diversos” (MOTA, 2014, P. 26), ou seja, as diferenças de classificação elaboradas pela sociedade iguala os indivíduos perante a lei, mas ao mesmo tempo deve levar em consideração o caráter múltiplo e heterogêneo.

Ao discutir a nomenclatura classificatória da prática erótica e sexual do indivíduo, (BRYM, 2016) discute a nomenclatura classificatória da prática erótica e sexual do indivíduo, ressaltando uma parcela da sociedade não se enquadra nas normas de gênero convencionais. De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos que faz menção a liberdade que todo ser humano tem de conduzir sua trajetória de vida e ser respeitado perante suas escolhas, observa-se um avanço da sociedade voltado para o respeito das diferenças entre os indivíduos, e por conseguinte o indivíduo LGBT.

Lésbicas são mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres; *Gays* são homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens; Bissexuais são pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com outras pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto; Travestis são pessoas que nascem com um sexo biológico, fazem modificação no próprio corpo e desejam apresentar-se com características do sexo oposto ao do nascimento; Transexuais são pessoas que nascem com um sexo biológico e, na maioria das vezes, desejam a readequação corporal através de procedimentos cirúrgicos (ARAÚJO, 2012, p. 14).

No Brasil, os movimentos pelas garantias de direitos das pessoas homossexuais teve início na década de 1960, ganhando visibilidade devido as resistências nos embates com o Regime Militar, que perseguia e massacrava as minorias como os homossexuais, os negros, as mulheres, estudantes e outros (ARAÚJO, 2012). Arelado a esse movimento observa-se o debate através das artes, literatura e música, propiciando o desenvolvimento de espaços urbanos que contribuíram para a expressão homossexual. Na década de 1980, o movimento levanta a bandeira da homossexualidade como um “estilo de vida”. Já na década de 1990, novas considerações no campo da sociologia foram feitas, emergindo críticas ao sufixo “ismo” que remetia a doença e patologia, substituindo o termo homossexualismo por

homossexualidade e ao mesmo tempo explode a epidemia de AIDS, que ficou conhecida como “peste gay”. Novos espaços foram surgindo e as “homossexualidades” foram aflorando, de uma forma que melhor se adequasse seus estilos de vida.

Como consequência desse crescente movimento, fez-se necessário a criação de políticas públicas que fossem direcionadas a esse público específico, e aqui se pode citar o Programa Brasil sem Homofobia, que é um programa de combate à violência e à discriminação contra LGBT e de promoção da cidadania homossexual, com o objetivo de promover a cidadania de pessoas LGBTs, a partir da equiparação de direitos e de combate à violência e à discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais. Deste programa, também surgiu a Cartilha Nacional de Direitos Humanos e Cidadania LGBT.

No âmbito da saúde, pode-se citar a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, instituída pela portaria nº 2.836 de 1º de dezembro de 2011. Esta política representa um marco histórico de reconhecimento das demandas dessa população, além de nortear e legitimar as necessidades e especificidades do público LGBT, implantando assim ações para eliminar a discriminação e o preconceito nos serviços públicos de saúde, bem como contribuir para a redução das desigualdades.

No Piauí as políticas estão em desenvolvimento, em 2017 foi criada a Coordenadoria Estadual de Enfrentamento à LGBTfobia, bem como o Conselho Estadual de Direitos da População LGBT através da Lei nº 7.005/2017, que tem por finalidade formular e propor diretrizes de ação governamental, em âmbito estadual, voltadas para o combate à discriminação e para a promoção e defesa dos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. A capital do estado, Teresina, possui o Plano Municipal de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos do LGBT, que fundamentou-se nas orientações e diretrizes contidas no Plano Nacional de Promoção da Cidadania LGBT e nas deliberações da III Conferência Municipal LGB T de Teresina e que tem por objetivo garantir a execução das políticas públicas de inclusão social e combate às desigualdades e discriminações destinadas à população LGBT.

A experiência LGBT é considerada como uma construção social e não uma escolha como muitos tendem a defini-la. De acordo com (MOTA, 2014), é uma ação consciente do sujeito no seu espaço social, que ele o faz através de lembranças, sentimentos, atividades, sociabilidades e práticas sexuais em uma sociedade onde o jovem, o individual e a norma

heterossexual são valorizados. Não é inerente ao indivíduo visto que ela é construída, modificada e transformada com base nas experiências sociosexuais e afetivas do sujeito no curso da vida.

Ao passo que se reconhece a multiplicidade das identidades, pode-se também observar a atribuição de diferenças, de desigualdades, de hierarquias, que está fortemente relacionado a relações de poder em uma sociedade. O exercício de reconhecer o outro que não partilha dos atributos que possuímos, depende do lugar que ocupamos (LOURO, 2010). A partir daí, a sociedade constrói demarcadores que representam a “norma” (que estão em consonância com os padrões estipulados culturalmente) e os que ficam “fora dela”, à margem. Quando se classifica os indivíduos, a sociedade produz rótulos.

Sem perceber, os indivíduos se enquadram a padrões ditados socialmente, sendo esses padrões limitadores, que por sua vez se forem negados geram opressão e exclusão, bem como se tornam naturalizados. Na esfera da sexualidade essas práticas funcionam como referência para todos os sujeitos, apontando que uma das práticas é generalizada e naturalizada e funciona como referência dentro campo. Um “dispositivo de sexualidade”, que está relacionada exatamente a essas práticas de normatizar e controlar a sexualidade visando estabelecer o que é correto para o corpo e seus prazeres (FOUCAULT, 1984).

Em nossa sociedade a heterossexualidade é entendida como natural, universal, normal, e por consequência os indivíduos que não se enquadram nesse grupo, são entendidos como antinatural, peculiar e anormais. A produção da heteronormatividade é acompanhada pela rejeição das pessoas LGBT, sendo essa rejeição muitas vezes expressa por aversão, repúdio, ódio, medo e preconceito que alguns indivíduos ou grupos de pessoas sustentam contra os LGBTs, e como consequência disso, muitas vezes passam a ser estigmatizados e constrangidos.

A busca para satisfazer seus desejos, por muitas vezes atrai os LGBTs para relacionamentos às escondidas e o expõe a situações de tomada de decisão, sair ou não do “armário”, tendo então que assumir um posicionamento frente a heterossexualidade e forçando seu grupo social a aceitá-lo com tolerância. Ao assumir esse posicionamento, os LGBTs afirmam seus direitos frente a heteronormatividade e passam a ter mais espaço nas lutas pela diversidade sexual, cidadania, políticas públicas e direitos humanos (ARAÚJO; FERNÁNDEZ-ROUCO, 2016; MOTA, 2014).

Os estudos sobre o envelhecimento LGBT ainda podem ser considerados de vanguarda, visto o reduzido número de produções sobre a temática. Estes sujeitos são considerados seres abjetos na sociedade (BUTLER, 2008). No discurso da velhice e homossexualidade, busca-se abordar questões como mitos e estereótipos sobre homossexuais mais velhos bem como sobre homossexuais e familiares que evitam buscar serviços sociais e de saúde por medo de preconceito e discriminação (MARQUES, 2016; ARAÚJO, 2010). A discriminação, a vitimização e o estigma internalizado por idosos LGBT são fatores significativos para problemas de saúde mental que possam vir a surgir (OREL; FRUHAUF, 2015).

Na construção do imaginário social sobre o público LGBT, há um cruzamento entre as várias identidades sociais produtoras de diferenças, tais como sexo, gênero, raça e classe. Tudo isso implica na construção de desigualdades, de hierarquias, que está diretamente ligado a teia de poder de uma sociedade. A partir do reconhecimento do outro segundo (LOURO, 2010), como não possuidor dos mesmos atributos da maioria, é que são construídos os demarcadores das fronteiras entre os que representam a norma (que estão em consenso com os padrões culturais) e aqueles que não se enquadram nela, que ficam à margem.

Desta forma, é devido a essa demarcação de gênero que as pessoas LGBT são reconhecidas como transgressores do padrão vigente e da norma, e quando atrelado a questões de geração aumenta ainda mais o estigma, já que suas trajetórias de vida fogem da regra heteronormativa.

O envelhecimento da população brasileira e mundial é uma realidade consolidada e neste contexto, conseqüentemente observa-se um aumento da população Idosa LGBT. A população formada por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros vem crescendo nos últimos anos segundo (KIMMEL, 2015) devido maior acesso a serviços de saúde e redução da mortalidade na infância e vida adulta. É crescente o número de pessoas que se identificam como LGBT, isso pode ser uma conseqüência do reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Nos Estados Unidos, pesquisas demonstram que 3,5% de sua população se reconhece LGBT e 0,4% transgêneros (WILLIAMS INSTITUTE, 2011).

Ao traçar um paralelo entre o número de idosos em geral (OREL; FRUHAUF, 2015) destacam que o número de idosos LGBT vêm aumentando gradativamente nos Estados Unidos e sugere que em 2050 haverá uma maior possibilidade de obter dados estatísticos mais precisos sobre os idosos LGBT, isso porque as atitudes homofóbicas existentes na sociedade

que desencorajaram muitos idosos LGBT a “sair” do armário e participarem de pesquisas não serão mais prevalentes, deixando de ser invisível portanto, esse grupo minoritário.

No Brasil, dados do IBGE apresentam informações de casais homoafetivos desde o Censo Demográfico de 2010, que identificou 60 mil casais homoafetivos vivendo juntos no país. Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou a resolução nº 175 de 14 de maio de 2013 que dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo (CNJ, 2013) e somente em 2013 registrou-se 3.701 casamentos homoafetivos (IBGE, 2013). No ano de 2015, o Brasil registrou 1.137.321 casamentos civis, o que representou um aumento de 2,8% em relação a 2014. Os casamentos entre cônjuges de diferentes sexos tiveram um aumento de 2,7% em 2015 em relação a 2014, ao mesmo tempo que os de cônjuges do mesmo sexo cresceram 15,7%, representando 0,5% do total de casamentos registrados.

Ao versar sobre a velhice LGBT vários pontos chamam atenção para discussão, o primeiro deles é sobre o momento de se assumir, “sair do armário”. Esse momento de se assumir vem permeado de dor, mágoas, lutas e separações, primeiramente por conta das angústias geradas na sua própria aceitação e posteriormente pelo receio de assumir perante a família e uma sociedade que segrega de alguma forma aqueles que assumem a homossexualidade na velhice.

Da mesma forma que outras classe sociais adotam estilos de vida, e aqui faço referência a Bourdieu (1983) que define estilo de vida como diferentes posições do indivíduo no espaço social, sendo produto de um mesmo operador simbólico, o *habitus*, os idosos LGBT também se identificam com grupos que investem em determinadas características sociais e culturais, e aqui vale ressaltar a necessidade que eles apresentam de criação de espaços de homossociabilidade visto que além dos poucos lugares direcionados para esse público, sofrem o estigma da invisibilidade, pois não são percebidos por sua identidade sexual nos espaços públicos.

A insistente invisibilidade que essa categoria sofre com relação aos estudos desenvolvidos por geriatras e gerontólogos deságua na vitimização subjetiva e o isolamento do gay velho, devido o caráter transitórios de suas relações, a supervalorização da juventude e o desligamento da família de origem, que é substituída por amigos ou pessoas que os aceitem incondicionalmente. Ressalta-se a necessidade de políticas públicas voltadas para a diversidade, capacitando os profissionais que atuam diretamente com esse público, corroborando assim para a qualidade de vida do idoso e suas particularidades sociossexuais.

Em sua pesquisa com homens homossexuais, Mota (2014) busca compreender a individualidade dos idosos homossexuais levando em consideração suas conexões sociais. Traz a tona o sentimento que seus entrevistados relatavam de ter que manter suas relações na clandestinidade, no sigilo e anonimato, sendo na grande maioria das vezes obrigados a manter relações com mulheres na tentativa de esconder a homossexualidade. A representação que seus entrevistados tinham sobre a velhice homossexual não é de esvaziamento de planos para o futuro e sim de possibilidade de realização de projetos de vida que até então não tinha sido possível realizar. Por fim, falam da necessidade de adaptações na vida íntima sexual, devido limitações que o corpo apresenta, como a debilidade da saúde, dificuldade de ereção, falta de atratividade estética do corpo maduro, bem como também devido a relacionamento com rapazes mais jovens, viris e insaciáveis. Alguns revelaram ser soropositivos, passando assim a abster-se da relação sexual de penetração e buscando novas formas de viver essa sexualidade.

Uma tônica que deve ser considerada segundo (FREDRIKSEN-GOLDSSEN, 2015) é que os idosos LGBT de hoje (50-69 anos) são membros das gerações silenciosas, época em que o relacionamento de pessoas do mesmo sexo era criminalizado e as identidades eram severamente estigmatizadas, por consequência eram socialmente invisíveis. Os estigmas sofridos por estes indivíduos eram resguardados por leis que criminalizavam a homossexualidade, bem como os diagnósticos médicos que afirmavam que uma orientação para o mesmo sexo era uma doença. Essa patologização e criminalização da identidade com o mesmo sexo limita a agencia dos indivíduos LGBT na tomada de decisões. (FREDRIKSEN-GOLDSSEN, 2015).

O envelhecimento demográfico e as demandas sociais específicas subseqüentes, bem como a importância do reconhecimento das pessoas LGBT e do crescente envelhecimento inerente a esta parcela da população, faz-se necessário investigações científicas que possam compreender os diversos fatores psicossociais inerentes ao processo de envelhecimento e em especial dos idosos LGBT (ARAÚJO, 2016).

As variações de expressão da sexualidade do idoso, incluídas as que se relacionam com o curso da vida, e determinadas proposições sobre os significados sociais e subjetivos da sexualidade são um campo fértil para estudos, tanto no que se refere a como os idosos LGBT se percebem quanto, sobre o conhecimento elaborado e participado da sociedade sobre homossexualidade na velhice.

2.5 - ESTUDOS REALIZADOS SOBRE A VELHICE LGBT

Percebe-se um aumento nos estudos sobre envelhecimento LGBT, ainda tímido, porém vem ocorrendo devido ao número de pessoas LGBT que estão chegando na velhice, que é resultante das melhorias no acesso à saúde e assistência social (KIMMEL, 2015).

Nesse contexto de ampliação de estudos e pesquisas concernentes a velhice LGBT, buscou-se discutir as publicações que abordem a temática, fazendo uma análise de como esses assuntos vem sendo tratados na atualidade, de forma que evidencie uma melhor compreensão como este fenômeno vem crescendo na sociedade.

O método utilizado neste estudo foi uma revisão crítica e sistemática da literatura, de abordagem exploratória e descritiva. Buscou-se contemplar temáticas que tratem sobre a Velhice LGBT, perfazendo uma compreensão de como vêm sendo construída esta temática na sociedade. Para obtenção do material a ser analisado, utilizou-se as bases de dados eletrônicas: SCIELO, PUBMED e GOOGLE SCHOLAR.

Para a recuperação dos artigos foi feita a partir dos descritores: Envelhecimento e Homossexualidade, Velhice LGBT, Idosos LGBT, Envelhecimento e Travestis. Através desse procedimento de busca, foram identificadas, 20 publicações potencialmente elegíveis para inclusão nesta revisão. Em seguida, identificou-se os artigos que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: (a) a constituição da amostra deveria conter pessoas idosas, ou seja, pessoas com idade a partir de 60 anos de idade; (b) o estudo deveria trazer uma relação entre o envelhecimento e o público LGBT; (c) artigos teóricos e empíricos; (d) publicações entre 2001 e 2016. Optou-se por critérios de exclusão os artigos que não incluíam a faixa etária dos idosos e os que não versavam diretamente o tema em questão. Organizou-se os artigos a partir do ano e do tipo de estudo, em seguida foi feita descrição geral dos construtos encontrados.

Utilizou-se artigos de periódicos bem como as publicações em anais de congressos e dissertações de mestrado, essa escolha se deu devido a dificuldade em encontrar estudos sobre envelhecimento LGBT. Foram encontrados 11 estudos científicos que podem ser visualizados na TABELA 2, apresentando o título, autores, ano de publicação, local da publicação e tipo de estudo.

A partir das publicações analisadas, percebe-se um grande desafio para o idoso LGBT, visto que a velhice já é estigmatizada por si só, e quando atada a homossexualidade, sofrem duplo estigma, o agravo da idade e a sexualidade desviante. Neste sentido, dizeres como “bicha velha”, “maricona”, “coroa assanhado” revelam a evidência do preconceito, em que nas representações sociais da população a velhice LGBT reflete solidão, dificuldade e mitos que perpetuam na sociedade.

TABELA 2 - Distribuição dos artigos recuperados por título, autor, ano, periódico e tipo do estudo sobre Velhice LGBT

	Título	Autores	Ano	Local da Publicação	Tipo do estudo
1	Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina	Alves	2010	Horizontes antropológicos	Teórico
2	Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice	Ceará, Dalgalarondo	2010	Rev. Psiquiatria Clínica	Empírico
3	Travestis, envelhecimento e velhice	Antunes, Mercadante	2011	Kairós	Empírico
4	A velhice como performativo: Dissidências (homo)eróticas	Pocahy	2012	Ex aequo	Teórico
5	Entretecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: Notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay	Cardozo, Chaves	2012	Rev. NUFEN	Teórico
6	Velhice, homossexualidades e memória: Notas de campo no pantanal sul-matogrossense	Passamani	2013	Anais SIFG 10	Teórico
7	Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si	Santos, Lago	2013	Sexualidad, Salud y Sociedad	Empírico
8	Invisibilidade na assistência: Um enfoque na população LGBT idosa	Tarquino, Santos, Coutinho, Cruz, Brasil	2015	Anais CIEH	Teórico
9	Gênero, sexualidade e envelhecimento: Uma revisão sistemática da literatura	Fernandes, Barroso, Assis, Pocahy	2015	Clínica e cultura	Teórico
10	Homens idosos homossexuais portugueses: Caminhos para a integridade familiar	Marques,Sousa	2016	Paidéia	Empírico

Todos os artigos analisados nesta revisão, tratam de alguma forma os estereótipos negativos da sociedade frente a velhice LGBT. Taquino, (2015) afirma que a qualidade da vida sexual do idoso é comprometida devido a desinformação e por preconceito da sociedade e muitas vezes até por profissionais que trabalham nas políticas voltadas ao idoso. Princípios e normas sociais definem que as pessoas envelhecidas são excluídas da sexualidade e com isso inferiorizam cada vez mais o idoso (FERNANDES, 2015). A idealização da velhice como uma fase “assexuada” e “pura” (CARDOSO; CHAVES, 2012), existe, independentemente da orientação sexual ou do gênero. Em vista disso, alguns estudos

apresentam as dificuldades que os idosos homossexuais têm em assumir a sua escolha sexual por medo de rejeição ou perseguição, “o idoso gay ou a idosa lésbica passam por contextos sociais de risco e desproteção que potencializam a instalação de estigmatização e mal estar subjetivos” (FERNANDES, 2015).

Os idosos, homens e mulheres, sentem-se monitorados pelos estigmas sociais em que presenciaram no decurso da vida, e mesmo os estudos tendo contribuído para a redução do preconceito, eles não conseguem aceitar sua orientação sexual, pois acreditam que estão no final da vida e não há mais motivos para vivenciar a sexualidade. Os estereótipos negativos em pessoas homoafetivas idosas é ainda maior, pois a velhice por si só reflete posicionamentos associados ao descanso e fase assexual da vida, e nos casos LGBT, o preconceito se eleva e os idosos ficam ainda mais retraídos (ALVES, 2010).

O receio de assumir a homossexualidade para si mesmo é comum por já terem assimilado os estereótipos negativos da sociedade, envolvendo sentimentos negativos como indignidade e raiva de si mesmo. O estabelecimento de vínculos com outros homossexuais e com pessoas que aceitem incondicionalmente sua realidade homoafetiva (MARQUES; SOUSA, 2016) é uma forma encontrada por estes idosos para trabalhar sua auto-aceitação. Segundo este mesmo autor, os participantes de sua pesquisa ressaltaram a importância de se assumir homossexual para a família, pois a mesma é o sustentáculo do indivíduo, ao mesmo tempo em que afirmam que o momento de se declarar homossexual é estressante, mas também um marco importante em suas vidas.

Passamani (2013) ressalta alguns outros estereótipos sobre a velhice, como por exemplo a idéia de que o idoso esta destinado a ficar em casa, assistindo televisão, sem uma vida social intensa e vestindo roupas específicas de velho. Os estereótipos negativos da sociedade causam tantos danos, que as pessoas que vivem à margem da discriminação mostram a absorção dessas generalizações e cultuam isto, no sentido de que é mais fácil aliar-se ao preconceito, do que tentar reduzir os pensamentos negativos frente a homossexualidade, a velhice e a homossexualidade na velhice.

É nesse contexto, que muitos idosos mostram ter vergonha da sua orientação sexual e repreendem-se de forma que jamais revelariam comportamentos homoafetivos, sendo preferencial ocultar seus desejos para manter o respeito, por medo da discriminação direta e indireta (CEARÁ; DALGALARRONDO, 2010).

Observa-se um crescimento no interesse por pesquisas com idosos LGBT, porém ainda são poucas as publicações na área, fato que influenciou na análise e discussão dos dados aqui discutidos. Marques (2016) destaca que isso pode ser dar pela dificuldade dos idosos aderirem às pesquisas por medo de preconceito, pois a homossexualidade desafia as definições contemporâneas da família que são baseadas em padrões heteronormativos.

O reconhecimento dos estudos sobre envelhecimento no Brasil nos últimos anos voltou-se mais à questões sobre sexualidade e prevenção de DST's, isso se deu devido o Sistema Único de Saúde – SUS não vincular o idoso à continuidade de sua vida sexual, deixando-os mais vulneráveis a estas doenças (FERNANDES, 2015).

Por outro lado, encontra-se estudos que analisam a incessante procura pela jovialidade, busca entender a partir das representações dos próprios idosos, a otimização da velhice para que assim se percebam mais jovens e aptos a se relacionarem (CARDOZO; CHAVES, 2012; POCAHY, 2012). Falar em velhice LGBT, não se refere apenas a gays e lésbicas, mas também as travestis e transgêneros, e a maior explicação por não haver estudos sobre o envelhecimento das travestis é que as mesmas não alcançavam essa fase do desenvolvimento, em decorrência de doenças, da precarização do acesso a saúde e do uso indevido de produtos hormonais (ANTUNES; MERCADANTE, 2011). Os autores enfatizam ainda, que é preciso compreender a trajetória, que por sua vez, aponta uma reduzida atenção existencial, político e social.

Falar em velhice LGBT, não se refere apenas a gays e lésbicas, mas também as travestis e transgêneros, e a maior explicação por não haver estudos evidenciando o envelhecimento das travestis é que as mesmas não alcançavam essa fase do desenvolvimento, em decorrência de doenças, da precarização do acesso a saúde e do uso indevido de produtos hormonais (ANTUNES; MERCADANTE, 2011). Os pesquisadores ressaltam ainda, que é preciso compreender essa trajetória, que por sua vez, aponta uma reduzida atenção existencial, político e social.

A exclusão das travestis se dá em todos os contextos, iniciando na família, escola e comunidade o que dificulta principalmente, no processo de inserção no mercado de trabalho, reforçando assim a representação social negativa de que as mesmas vivem de prostituição, tendo que conviver a margem da sociedade, enfrentando não só o preconceito, mas a violência, sendo submetidas a uma luta e esforço durante todos os dias, para sobreviver (ANTUNES; MERCADANTE, 2011).

Outro estudo apresenta idosos gays, que utilizam o discurso da jovialidade, segundo ele, os entrevistados “eram jovens e protagonistas no mundo dos desejos e das trocas eróticas e sexuais” (PASSAMANI, 2013, p. 7). E devido a não possuírem a juventude desejada, os participantes da pesquisa, consideram-se no fim da vida, não que eles se considerem assexuados nesta fase, mas os seus corpos não possuem a mesma saúde e disposição física, então decidiram não seguir esse protagonismo de sua sexualidade (PASSAMANI, 2013).

Um outro objeto de estudo importante sobre essa temática, é a implementação de políticas públicas que possam influenciar nos aspectos culturais, familiares e individuais da velhice LGBT, perpassando desde a saúde, ao bem-estar, e aos estigmas sofridos, sendo assim promotores de mudanças culturais e sociais. A não procura pelos serviços de saúde por parte dos idosos LGBT pode estar relacionada ao receio que os mesmos tem de sofrer preconceito e discriminação. Com o aumento do convívio sexual causado por conta do prolongamento do curso da vida e acesso a novas drogas, lubrificantes, próteses, dentre outras, a sexualidade do idoso emerge como um problema de saúde pública, não por negligência, mas por conta da elevação dos índices de DST's/AIDS (TARQUINO, 2015). A tecnologia, a medicina e a indústria farmacêutica proporcionaram aos idosos novas formas de viver a velhice (FERNANDES, 2015).

Por fim, percebe-se que em meio há tantos estigmas e preconceitos, os avanços na melhoria da qualidade de vida, no desenvolvimento de políticas públicas e tecnologias voltadas aos idosos LGBT são notórios, e as experiências vivenciadas por estes idosos passam de certa forma a deixam um legado para ajudar aqueles que ainda têm dificuldade na sua auto-aceitação, bem como na sua afirmação social.

Fazer a diferença, contribuir e compartilhar suas experiências, através da construção de novos espaços, ajuda na compreensão da velhice LGBT como um valor, que podem motivar novos estilos de vida e por consequência novas formas de vivê-la (PASSAMANI, 2013). A história dos idosos LGBT de hoje, de toda sua trajetória de vida, marcada pela repressão social, tem ajudado muitos indivíduos a se assumirem publicamente, “a sair do armário”, e vem a proporcionar que os futuros idosos LGBT percorram outros caminhos, pois ultimamente, as discussões passaram a abordar a composição da família, reprodução e o lugar da pessoa homoafetiva na sociedade (FERNANDES; BARROSO; ASSIS; POCAHY, 2015).

Na construção de um legado, é fundamental entender a construção da homossexualidade ao longo da vida, englobando as relações familiares em todas as fases do

desenvolvimento. Em consequência, vê-se que atualmente a homossexualidade está sendo mais divulgada durante a fase da juventude, e que ao chegarem na velhice, os gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e travestis viverão em torno de um legado que passaram anos para constituir.

3. DAS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

3.1 - O LEGADO DAS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DE DURKHEIM E AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS

No decorrer da produção científica de Emile Durkheim, o conceito de representações coletivas se faz presente direta ou indiretamente em toda a sua obra. Inicialmente, fazendo referência a noção de consciência coletiva e posteriormente sendo aprimorado para o conceito de representações. O conceito de representações coletivas de Durkheim (VALA; MONTEIRO, 2006) diz que “as representações coletivas são produções sociais que se impõem aos indivíduos como forças exteriores, servem a coesão social e constituem fenômenos tão diversos como a religião, a ciência, os mitos e o senso comum” (VALA; MONTEIRO, 2010, p. 485). Representações coletivas seriam, portanto o conhecimento do senso comum, adquirido no cotidiano e através da interação entre os indivíduos.

Quando trata-se do aporte teórico, Oliveira (2012) discute a trajetória do conceito de representações coletivas perpassando desde as obras iniciais de Durkheim, como Sobre a Divisão do Trabalho Social (1893), As Regras do Método Sociológico (1895) e O Suicídio (1897) até aprimorar este conceito em As formas Elementares da Vida Religiosa (1912). Nas três primeiras obras o conceito de representações coletivas faz uma aproximação com o de consciência coletiva. O autor afirma que na obra Sobre a Divisão do Trabalho Social, Durkheim tenta ali demonstrar a existência de uma *consciência coletiva* como um conjunto de crenças e sentimentos comuns aos indivíduos de uma sociedade e que independe da vontade individual do sujeito, ou seja, elas refletem o conjunto de representações e ações de um grupo social e reforça a relação entre a consciência coletiva (aquilo que o grupo pensa) e as práticas (aquilo que o grupo faz) (OLIVEIRA, 2012).

Nesta obra Durkheim (1999), explica consciência coletiva como:

O conjunto de crenças e sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado, que tem sua vida própria; pode-se chamá-lo de *consciência coletiva ou comum*. Sem dúvida, ela não tem por substrato um órgão único; ela está, por definição, difusa em toda extensão da sociedade, mas tem ainda assim, características específicas que fazem dela uma realidade distinta. De fato, ela é independente das condições particulares em que os indivíduos se encontram: eles passam, elas permanecem. [...] Ela é o tipo psíquico da sociedade, tipo que tem suas propriedades, suas condições de existência, seu modo de desenvolvimento, do mesmo modo que os tipos individuais, muito embora de outra maneira. (DURKHEIM, 1999, p. 50).

Desta forma, Durkheim demonstra a capacidade que os indivíduos têm de criar laços solidários, desenvolvendo assim uma consciência coletiva. Ele faz uma associação com a morfologia da sociedade, pois afirma que com a divisão do trabalho os indivíduos tiveram mais possibilidades de ação e manifestação de seus pensamentos, porém a consciência coletiva se mantém mesmo nas organizações mais rudimentares,

Em *As Regras do Método Sociológico* (1895), a proposta é que as representações funcionam como regras de conduta, ponto onde Durkheim abandona as representações e passa a trabalhar com “fato social” (OLIVEIRA, 2012). Apresenta o mesmo como objeto de estudo da sociologia, e afirma que só há fato social onde há uma organização definida. Durkheim (2007) define fato social como:

Maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores aos indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele. Por conseguinte, eles não poderiam se confundir com os fenômenos orgânicos, já que consistem em representações e em ações; nem os fenômenos psíquicos, os quais só tem existência na consciência individual e através dela (DURKHEIM, 2007, p. 03).

Os fatos sociais são objetivos, acontecem independente da vontade do indivíduo, existe uma força exterior, coercitiva, que força o indivíduo a agir de acordo com a sociedade que está inserido. E é esta capacidade coercitiva, que origina-se na sociedade e que se mantém a partir do momento que são normatizados que garantem a perpetuação da sociedade (DURKHEIM, 2007; OLIVEIRA 2012).

Na obra *O Suicídio* (1897), Durkheim afirma que a vida em sociedade, coletiva, é formada sobretudo de representações (PINHEIRO, 2004). O tema representações volta a ser trabalhado na tentativa de explicar o fenômeno do suicídio. Observa-se até aqui que nessas três obras citadas até agora, bem como no seu texto *Representações individuais e Representações Coletivas* (1898) Durkheim busca trabalhar essencialmente a diferenciação entre representações individuais e representações coletivas (OLIVEIRA, 2012).

Nestes dois tipos de representação, abordado a luz da dualidade da natureza humana, compreende-se que é através de um processo de síntese que aflora uma nova realidade, com particularidades distintas e que não podem ser compreendidas como soma das partes que lhe deram origem. As representações individuais podem ser identificadas como sensações e têm

uma base orgânica, porém o resultado dessa síntese celular é a constituição de um novo fenômeno que não deve ser reduzido unicamente a esta combinação nervosa. Já as representações coletivas são originárias das elaborações advindas das relações de “efervescência” entre os indivíduos no meio social, transformando o caráter subjetivo das representações individuais e uma representação mais próxima da realidade.

As representações coletivas são estáveis, possuem uma força coercitiva própria e estão menos propícias a mudanças, podendo muitas vezes serem institucionalizadas através de leis (DURKHEIM, 1970). Tem como produto dessa interação a linguagem e por conseqüência um sistema de conceitos, ou seja, o que a sociedade no seu conjunto, dá origem aos objetos da sua experiência. É importante ressaltar que os conceitos, frutos das representações coletivas, não são simplesmente um resultado da média das representações individuais, pois caso contrário seriam inferiores a estas, portanto são conhecimentos que transcendem essa média (TOMEI, 2013; SÁ, 2008; PINHEIRO, 2004).

As Formas Elementares da Vida Religiosa (1912) se configura pela transição da consciência coletiva para as representações coletivas, deslocando a ênfase das representações da morfologia social para a valorização do simbolismo coletivo, das idéias, como princípio fundador da realidade social (PINHEIRO, 2004). Durkheim (2002) através do conceito de representações coletivas remete as categorias do conhecimento a fenômenos sociais. Apresenta a categoria religião como uma produção de conhecimento desencadeado socialmente, sendo desta forma a categoria religião pensada como representação de uma realidade que permite a organização de ritos e símbolos. As representações coletivas são “formas de classificação e de pensamento coletivo; são ao mesmo tempo representações da consciência coletiva e de expressões da realidade [...] são fruto do efeito da vida em sociedade, uma união inseparável entre representações e práticas” (OLIVEIRA, 2012, p. 86).

No final de seus estudos, Durkheim busca demonstrar a importância do conceito das representações coletivas para o ofício do sociólogo, passa a estudar o agrupamento das representações coletivas, que aqui se pode citar: a moral, o conhecimento, as leis, a religião e a forma como essas representações poder ser internalizadas na sociedade, através da educação (TOMEI, 2013). Desta forma, as representações coletivas contemplavam toda e qualquer demonstração de emoção, idéia ou crença que ocorresse dentro de uma comunidade.

Para Moscovici (2007), seria impossível um conceito contemplar uma gama de conhecimentos e crenças tão vasto e heterogêneo com poucas características gerais, tomadas

como “totais” ou “fechadas”. Além de que, Durkheim ressaltava a existência das representações dentro de uma sociedade, mas não se debruçava em explicar a sua estrutura e dinâmica interna, desconsiderando o conhecimento adquirido nos intercâmbios da vida cotidiana. Assim, a diferença entre representações coletivas e representações sociais é definida:

Se, no sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de idéias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo social em vez de coletivo (MOSCOVICI, 2007, p. 49).

A partir dessas discussões, Oliveira (2004) em sua resenha sobre o livro de Serge Moscovici, *Representações sociais: investigações em psicologia social*, discute que um novo problema passa a ser considerado, pois além de compreender como o conhecimento é produzido, pretende-se também examinar como ele impacta nas práticas sociais e vice-versa. Moscovici (2007) buscou compreender a influência das idéias do senso comum, como e porque as pessoas partilham o conhecimento e deste modo constituem sua realidade comum, de como elas transformam idéias em práticas (Moscovici, 2007). Neste ínterim, o termo representação coletiva é substituído pelo termo representação social por Serge Moscovici ao desenvolver sua Teoria das Representações Sociais.

3.2 - A ABORDAGEM SOCIOGENÉTICA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MOSCOVICI E JODELET

A Teoria das Representações Sociais – TRS desenvolvida por Serge Moscovici, foi apresentada pela primeira vez em 1961, quando publicou sua principal tese *La Psychanalyse, son image et son public* (1961), que versou sobre a representação social da psicanálise (CAMARGO, 2015). As motivações de Moscovici para desenvolver uma teoria do conhecimento em representações sociais se deram, como uma alternativa plausível em oposição ao individualismo na psicologia social, onde ele ressaltou o senso comum como uma forma de conhecimento prático e um possível objeto de análise social (PAULA; KODATO, 2016; ALMEIDA, 2009), bem como por suas críticas aos preceitos das teorias positivistas e funcionalistas que não conseguiam explicar a realidade em uma dimensão histórico-crítica

(STREY, 2013), pois se as representações sociais possuem traços da cultura de um grupo, conseqüentemente ela tem um caráter histórico, portanto ela é modificada ou adaptada a medida que os indivíduos se deparam com novas estruturas ou problemas (DESCHAMPS; MOLINER, 2014).

Fazendo um levantamento histórico, Almeida (2009) faz um apanhado desde o início dos estudos em representações até a consolidação da teoria das representações sociais. Os primeiros estudos sobre representações sociais realizados por brasileiros aconteceram na década de 70 e foram feitos por pesquisadores que fizeram suas teses sob orientação de Moscovici e Jodelet na França. No Brasil, os estudos em representação social tiveram início na década de 80, período em que a psicologia social estava em crise (SÁ, 2008).

Naquele momento a psicologia social dividia-se em duas vertentes: uma defendida por pesquisadores americanos e voltava-se para os processos intra e interpessoais, ou seja, uma psicologia social mais individual e entendia os estudos em representação social como um novo formato do estudo das atitudes; a outra vertente era defendida por marxistas que buscavam explicações para os problemas cotidianos em objetos relevantes da realidade e consideravam os estudos em representação social como um desvio ideológico (ALMEIDA, 2009). O desenvolvimento de pesquisas revelou que a teoria apresentava respostas aos problemas emergentes e passou então a se expandir para as mais variadas áreas de estudo como, educação, sociologia, antropologia, dentre outras.

A primeira tradução no Brasil da tese de Moscovici, *La Psychanalyse, son image et son public*(1961), ocorreu em 1978, porém somente da primeira parte. A tradução na íntegra deste estudo só veio a ser realizada em 2012. Nesta obra, o autor apresenta uma teoria do conhecimento social, que consiste em “uma leitura integrativa dos sistemas de comunicação social, nos permitindo não só identificar o conteúdo do pensamento cotidiano dos leigos sobre objetos importantes para sua vidas, mas também compreender os processos de construção deste tipo de saber e seu papel sobre as atividades e situações que os envolvem” (CAMARGO, 2015, p. 241).

As mais diversas formas de conhecimento partilhado por indivíduos, ou seja, o senso comum, é que nos permite ter acesso direto a representações sociais (STREY, 2013). Por senso comum pode-se definir como “todo conhecimento partilhado pela sociedade como um todo, entrelaçado com nossa linguagem, constitutivo de nossas relações e de nossas habilidades” (MOSCOVICI, 2007, p. 202).

Um ponto importante a ser discutido é sobre as representações e ideologia. Se ideologia for entendida como algo pronto e acabado as representações se distinguem por serem dinâmicas e sempre passíveis de transformação, porém se for compreendida como uso de formas simbólicas para criar ou reproduzir relações de dominação, pode-se dizer que pelo fato das representações serem formas simbólicas, elas podem ser ideológicas, mas para isso é necessário mostrar que em determinada circunstância ela cria ou reproduz uma relação de dominação (STREY, 2013). A representação, ou seja, o senso comum, difere-se da ideologia e da ciência (PAULA; KODATO, 2016; SANTOS, 2010) porque confere autonomia aos grupos minoritários, pois através dos conhecimentos cotidianos, os indivíduos “veiculam sentidos e, ao fazerem-no, expressam uma visão de mundo lógica, coerente, sensível; dão nova forma ao conhecimento científico” (SANTOS, 2010, p. 5).

Aqui se faz necessário, apresentar a discussão (MOSCOVICI, 2007) sobre a racionalização total, sobre a irredutibilidade do senso comum à ciência, pois de acordo com Farr apud Moscovici (2007) por mais que o senso comum mude seu conteúdo e modo de raciocinar, ele não pode ser trocado por teorias científicas, ou seja, a passagem do consensual para o científico, uma vez que ele sempre vai continuar relatando as relações comuns entre as pessoas; o senso comum resiste a qualquer forma de reificação que converteria os conceitos e imagens expressos através da linguagem em regras e procedimentos definidos.

Moscovici (2007) discute que é necessário romper com a idéia de “ascensão do pensamento”, como uma progressão que não tem retorno, e sim pensar no movimento contrário, a “descida do pensamento”, ou seja, a medida que o conhecimento e a linguagem vão sendo apropriados pelos indivíduos através de suas vivências cotidianas, eles podem assumir diversas direções, ressaltando assim que o correto em um determinado momento histórico pode tornar-se errado em outro e vice-versa.

As representações comunicam-se entre si, elas se combinam e se separam, introduzem uma quantidade de novos termos e novas práticas no uso cotidiano e espontâneo, [...] as representações sociais diariamente e espontaneamente se tornam senso comum, enquanto representações do senso comum se transformam em representações científicas e autônomas” (MOSCOVICI, 2007, p. 200).

O conceito de representação social para Moscovici tem como base epistemológica as teorias de representação coletiva de Durkheim, a teoria da linguagem de Saussure, a teoria das

representações infantis de Piaget e a teoria do desenvolvimento cultural de Vigotsky (STREY, 2013; SANTOS, 2010; MOSCOVICI, 2007). Ao formular sua teoria, Moscovici não apontou um conceito definitivo de representação social, mas apresenta-o da seguinte forma:

Por representações sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1981, p. 181).

A teoria das Representações Sociais também foi amplamente divulgada por Denise Jodelet, parceira e amiga de Moscovici. Ela apresentou o conceito Representações Sociais de forma mais didática e detalhada, considerando que representação social “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum um conjunto social” (JODELET, 1989, p. 36).

Muitas vezes apresentamos determinados comportamentos por razões puramente afetivas, simbólicas, religiosas dentre outras, sem levar em consideração os questionamentos lógicos, cognitivos ou racionais. A teoria das representações sociais busca exatamente enfatizar a relevância de se conhecer essas representações e a partir daí entender esses comportamentos (STREY, 2013).

A representação é o processo que se estabelece entre o mundo e as coisas (SÊGA, 2000). As representações sociais são constituídas no nosso dia a dia através da comunicação, seja pela mídia ou em lugares públicos, e a partir do momento que ocorre essa interação acontecem transformações, gerando algo novo. Esse novo é ocasionado no universo reificado da ciência (mundo restrito e objetivo) e divulgado pelos meios de comunicação no universo consensual (práticas interativas do dia a dia que produz representação social). A partir deste novo, o sujeito tende a negar essas informações, sensações e percepções que causam inquietação, passando a rejeitar o estranho (STREY, 2013; SANTOS, 2010). A origem para se elaborar as representações é o desejo de familiarização com este novo, ou seja, construir uma associação entre o que causa estranheza e o que é familiar, procurando aí um sentido e uma explicação para este fenômeno, no momento entendido como desconhecido e incômodo (STREY, 2013; MOSCOVICI, 2007).

Nesse processo de assimilação do não familiar, dois processos básicos podem ser compreendidos como originários das representações sociais, que é o processo de ancoragem e

objetivação. A ancoragem seria o processo pelo qual se busca encaixar o não familiar em um ponto de referência nas representações já existentes (VALA; MONTEIRO, 2010). Reduz o objeto a categorias e a imagens comuns (MOSCOVICI, 2007) e está relacionado muitas vezes a juízo de valor, pois, ao ancorarmos, classificamos uma pessoa, idéia ou objeto e com isso já o situamos dentro de alguma categoria que historicamente comporta esta dimensão valorativa (DESCHAMPS, 2014; STREY, 2013; SANTOS, 2010).

Moscovici (2007) afirma que para acomodar essas idéias estranhas, deve-se inicialmente compará-los a representações já existentes, e é nesse momento que a idéia inicial passa a adquirir características dessa representação já existente e é reajustado para que se enquadre nela. Ancorar seria então classificar e nomear alguma coisa, ela tanto precede a objetivação como procede também. A ancoragem é primordial no dia a dia, pois auxilia os indivíduos a compreender e conceituar os fenômenos que se apresentam.

O outro processo a ser discutido é a objetivação, que pode ser entendido como a concretização de algo, transformar uma representação mental em algo que exista no mundo físico; une a idéia de não familiaridade com a realidade, busca-se associar os novos esquemas conceituais que surgiram com uma imagem retirada de seu cotidiano (STREY, 2013; MOSCOVICI, 2007; OLIVEIRA, 2004). Trata-se de transformar a crença ou a opinião em informação (DESCHAMPS, 2014).

Esse processo de objetivação percorre três momentos: construção seletiva, esquematização e naturalização. Por construção seletiva entende-se a triagem das informações, crenças e idéias a cerca do objeto em estudo, pois somente uma parte da informação referente a ele será útil. A segunda fase do processo de objetivação é a esquematização, que em suma é a organização dos elementos que acabam por construir um padrão de relações estruturadas que se entrelaçam, ou seja, formam-se esquemas que remetem a uma imagem, o que permite a materialização de um conceito ou palavra. E por fim a naturalização, onde os conceitos que foram retidos nos esquemas figurativos e suas relações constituem-se como categorias naturais e adquirem materialidade. Vale ressaltar aqui que esse processo não é neutro e aleatório, pois tem subjacente a ele, normas e valores (VALA; MONTEIRO, 2010).

Esse mecanismo de ancoragem transfere o não familiar para a esfera individual a partir do momento que o sujeito é capaz de compará-lo e interpretá-lo; e depois, através da objetivação concebe-o em algo que pode ser visto e tocado e conseqüentemente, controlado

(MOSCOVICI, 2007). É nesse mecanismo que a representação se modifica, buscando assim restabelecer a familiaridade e manter a fluidez da comunicação dentro de um grupo com certo grau de coesão entre os integrantes. “Nós formamos representações a fim de nos familiarizarmos com o estranho, então as formamos também para reduzir a margem de não-comunicação” (MOSCOVICI, 2007, p. 208).

Fundamentado nesta indicação, é que se pode compreender o que vem a ser representação compartilhada. Moscovici (2007) explica que ela tem esse caráter não por serem autônomas ou por serem comuns e sim pelo fato de seus elementos terem sido construídos através da comunicação e se relacionam através da comunicação, ou seja, a forma como o indivíduo pensa e se comunica é compatível as formas de comunicação e coerção que são impostas no grupo.

As representações sociais estão sujeitas às mudanças geradas nas sociedades e podem diferir de acordo com a cultura vigente. Essas mudanças são geradas seja pelo aparecimento de novas representações, seja pela re-elaboração de representações já existentes, onde os sujeitos se tornam mais receptivos a manifestações que tenham lhe escapado anteriormente (MOSCOVICI, 2007; SÊGA, 2000). Para o estudo das representações sociais (SANTOS, 2010), a questão não é o coletivo ou social e sim compreender a essência do indivíduo, como pensa e as conseqüências desse modo de pensar historicamente situado. Tudo que está relacionado ao indivíduo, tanto é efeito de suas representações, como também é causa dessas representações (STREY, 2013).

A teoria das representações sociais pode ser considerada como uma grande teoria que oferece princípios gerais para a análise do processo de construção de uma representação social (DOISE, 1992) e que serve de embasamento para o desenvolvimento de novas correntes teóricas, podendo citar aqui as três mais propagadas: a teoria sociogenética (Jodelet), a teoria do núcleo central (Abric) e a abordagem societal (Doise). É salutar destacar que essas correntes teóricas não são divergentes a teoria da representação social e sim complementares, sendo que cada uma tem uma forma diferente de investigar a representação e sua relação com o grupo de pertença (ALMEIDA, 2009).

No encadeamento dos estudos sobre representações sociais novas questões são colocadas quando são discutidas as questões de hierarquia e convergência de opiniões dentro de um mesmo grupo. Se, em um grupo ideal não há hierarquia, mas ao mesmo tempo há divergência de opiniões, então novos conceitos devem ser trabalhados na teoria da

representação social, que é o que será discutido na teoria do núcleo central de Abric (VALA; MONTEIRO, 2010).

3.3 - A ABORDAGEM ESTRUTURAL E A TEORIA DO NÚCLEO CENTRAL DE ABRIC E CELSO PEREIRA DE SÁ

A abordagem estrutural tem sua essência baseada na Teoria do Núcleo Central de Abric. Apesar de estudar sobre representação social, difere-se da abordagem sociogenética de Moscovici e Jodelet que se interessa pela formação da representação, pois vai voltar-se para as representações estabilizadas (DESCHAMPS; MOLINER, 2014), ou seja, “uma representação social é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes” (ABRIC, 2003, p. 38). Antes de discorrer sobre essa abordagem estrutural do núcleo central se faz necessário apresentar uma diferença primordial entre cognição social e representação social.

A teoria da cognição social é uma teoria que explica como a realidade é criada no sujeito, ou seja, como o indivíduo percebe e compreende o meio em que está inserido. A partir dos estudos em cognição social, buscava-se compreender como o sujeito ordenava e explicava o comportamento do outro, através da atribuição de causalidade (SANTOS, 1994). Pôde-se a partir daí perceber que o ponto de vista de quem observa é diferente do ponto de vista do sujeito e isso leva ao erro fundamental de atribuição, que são erros de atribuição cometidos por sujeitos capazes de “construir teorias ingênuas sobre o outro e apreende da realidade somente os elementos que confirmam a sua teoria” (MOSCOVICI, 1992 apud SANTOS, 1994). A partir dessa perspectiva, há um corte epistemológico no que se refere a teoria da cognição social, e passam a surgir estudos que embasarão a teoria da representação social. É importante ressaltar que as duas teorias são explicações do processo de geração da realidade, porém enquanto teoria da cognição social preocupava-se em explicar como a realidade é criada no sujeito, a teoria da representação social busca explicar como essa realidade é criada no grupo.

Os estudos da teoria do núcleo central evidenciaram-se devido à necessidade de se compreender como se estruturam as representações sociais. Nas pesquisas desenvolvidas por Claude Flament e Jean-Claude Abric eles buscaram explicar que determinada representação sobre um objeto é bastante ampla e que desta mesma representação podem ser evidenciados diversos significados divergentes e com frequências contraditórias (FLAMENT, 2001). Desta forma, evidenciou-se o postulado cognitivista declarando que “um corpus, tomado em sua totalidade, é coerente ao refletir uma estrutura cognitiva” (FLAMENT, 2001, p. 174).

As representações sociais são partilhadas na heterogeneidade dos grupos, e dessa forma, elas dizem respeito ao poder cognitivo de cada membro do grupo (VALA; MONTEIRO, 2010). Quando há uma singularidade da representação em uma amostra expressiva de uma população, diz-se que ali são representações autônomas, que seria a construção do significado pelo sujeito a partir da cognição social. Influenciando esse grupo, observa-se a pressão à inferência (MOSCOVICI, 2007) que vai levar os sujeitos a unificarem suas representações. Essa pressão cria uma uniformidade nas cognições particulares dos sujeitos, fazendo que estes sujeitos aproximem suas representações da representação majoritária do grupo de pertença. Essa representação majoritária do grupo de pertença é entendida como sendo o núcleo central da representação (FLAMENT, 2001).

Nestes estudos (VALA; MONTEIRO, 2010) diz que Abric e Flament buscaram compreender o que seria um grupo ideal e que este estaria associado a igualdade hierárquica, porém poderia haver divergência de opiniões. Essa ausência de hierarquia associa-se como sendo um elemento do núcleo central da representação e as convergências de opiniões seriam elementos periféricos. Desta forma, as representações possuem dois sistemas de significados: o sistema central ou núcleo central e o sistema periférico.

A organização de uma representação é toda pautada em torno de um núcleo central, que é uma estrutura constituída de um ou mais elementos e que quando organizados dão à representação o seu significado (FLAMENT, 2001). O núcleo central é o elemento essencial de toda representação e determina as atitudes do grupo (DESCHAMPS; MOLINER, 2014). Tem como principais características a rigidez, coerência, estabilidade, sendo assim resistente a mudanças e evolui muito lentamente; é consensual, determina a homogeneidade do grupo e está diretamente ligado à sua memória coletiva, sendo, portanto determinado pelas condições históricas, sociológicas e ideológicas (DESCHAMPS; MOLINER, 2014; SÁ, 2002; FLAMENT, 2001).

O núcleo central desenvolve três funções essenciais: a função organizadora, que é como o núcleo organiza os estímulos que vão constituir-lo, os laços que os unem entre si e como ele se estabiliza enquanto núcleo (SÁ, 2002). A função geradora, que é o processo que faz criar no indivíduo a pré-disposição para acomodar as bases do núcleo que vão constituir a representação, ou seja, o significado da representação. (DESCHAMPS; MOLINER, 2014; ABRIC, 2003; FLAMENT, 2001). “É por ele que os elementos tomam um sentido, um valor” (SÁ, 2002, p. 70). E por fim a função estabilizadora que é responsável por possibilitar a identificação das diferenças básicas entre as representações (SÁ, 2002).

Esse núcleo, por ser constituído de elementos estáveis, apresenta duas dimensões: funcional e normativa. A dimensão funcional seleciona os elementos mais importantes para a realização da ação e a dimensão normativa, que intervém diretamente nas dimensões sócio-afetivas, sociais ou ideológicas (SÁ, 2002). “Os aspectos funcionais estão ligados à natureza do objeto representado e os normativos dizem respeito aos valores e normas sociais pertencentes ao meio social do grupo” (MACHADO; ANICETO, 2010, p. 352). A coexistência desses dois elementos concede ao núcleo realizar um duplo papel: avaliativo e pragmático, isto é, por um lado justifica um julgamento de valor, e por outro, atribuir as práticas específicas (ABRIC, 2003).

A base que será utilizada para a construção da representação é o núcleo central. E em torno dele e organizados por ele encontram-se os elementos periféricos. É importante ressaltar que não se trata de uma questão de centralidade, os elementos periféricos estão fora do núcleo central, porém podem estar bem próximos do núcleo, como mais distantes (FLAMENT, 2001).

Os elementos periféricos por sua vez, podem ser entendidos como esquemas, são mais flexíveis, sensíveis ao contexto social e, portanto podem sofrer mudanças no decorrer do processo; são os elementos periféricos que integram as experiências individuais e a partir deles pode-se observar a heterogeneidade do grupo (VALA; MONTEIRO, 2010; FLAMENT, 2001). Possui um duplo caráter prescritivo e condicional, é ele que assegura a inserção “da representação na realidade concreta e autoriza diversas individualizações desta representação (DESCHAMPS; MOLINER, 2014). Tem como função a concretização, regulação, prescrição dos comportamentos, proteção do núcleo central e personalização (individualização da representação coletiva), ou seja, a adaptação das representações no contexto que estão inseridas e a proteção do sistema central (ABRIC, 2003; SÁ, 2002). Desta forma, as representações sociais podem abarcar as diferenças individuais e simultaneamente estarem ligadas em torno de um elo central que é compartilhado coletivamente (VALA; MONTEIRO, 2010; SÁ, 2002).

Os elementos ou esquemas periféricos diante de uma situação cotidiana funcionam de forma quase que instantânea e irão apontar o que seria “normal” naquela situação e indicar o que é preciso fazer (ABRIC, 2003; SÁ, 2002). “Esses esquemas normais permitem à representação funcionar economicamente, sem que seja necessário, a cada instante, analisar a situação em relação ao princípio organizador, que é o núcleo central” (FLAMENT, 2001, p. 177). A função do esquema periférico de decifrar uma determinada situação como normal ou

não, nada mais é do que um “para-choque”, uma proteção entre a realidade e o núcleo central da representação (MACHADO; ANICETO, 2010; FLAMENT, 2001).

Por inúmeras razões, pode acontecer divergência entre alguns aspectos da situação apresentada com os aspectos da representação. Essas divergências da realidade são assimiladas pelos esquemas periféricos que assim asseguram a estabilidade da representação, caso contrário, se essas divergências fossem absorvidas diretamente pelo núcleo central, levando-se em consideração o seu caráter estrutural, haveria imediatamente uma desestruturação da representação e conseqüentemente, uma constante transformação das representações sociais (FLAMENT, 2001; SÁ, 2002).

Uma ideologia inerente a um grupo não é capaz de influenciar o núcleo central de uma representação, porém, as práticas sociais no dia a dia de um grupo podem suscitar profundas transformações em uma representação e conseqüentemente alteração do núcleo central (SÁ, 2002; FLAMENT, 2001). As práticas sociais são geralmente coerentes com as representações sociais. Quando se registra uma contradição explícita entre a representação e as práticas e estas se tornam freqüentes e dão origem a novos elementos periféricos, que se denomina esquemas estranhos. Estes esquemas irão levar a desintegração do núcleo central e, portanto uma modificação brutal da representação que acarreta rompimento com o passado, ou seja, os esquemas das representações atuais podem ter origem já há muito tempo esquecida (VALA; MONTEIRO, 2010; FLAMENT, 2001)

Uma mesma representação pode ter, por questões de práticas individuais, esquemas periféricos ativados de forma distinta, e por conseqüência, discursos diferentes. Quando essas práticas contraditórias que antes eram raras agora se tornam mais freqüentes, e “se a realidade ocasiona simplesmente uma modificação da atividade dos esquemas periféricos, pode seguir uma transformação progressiva, mas estrutural, do núcleo central” (FLAMENT, 2001, p. 184), portanto pode-se dizer que a alteração eventual da representação acontece de uma forma gradativa e sem ruptura com o passado (FLAMENT, 2001).

Os estudos (MOSCOVICI, 2007; ABRIC, 2001a) sobre a formação e estrutura das representações sociais dentro de um grupo disseminaram a importância dos estudos em psicologia social, considerando as representações sociais como sendo simultaneamente marcadores, produtos e reguladores da identidade (DESCHAMPS, 2014). Doise (1990) chama atenção também para a observação do indivíduo dentro do grupo, e a partir daí desenvolve a teoria dos princípios organizadores, onde considera que uma representação é estruturada segundo princípios organizadores que dependem do metasistema (DOISE apud DESCHAMPS; MOLINER, 2014).

3.4 - A ABORDAGEM SOCIETAL DE DOISE E OS PRINCÍPIOS ORGANIZADORES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Considerada uma corrente teórica advinda da grande teoria das representações sociais, a abordagem societal busca fazer um estudo sobre os indicadores que organizam o campo representacional (metassistema), analisar os posicionamentos dos indivíduos neste campo e como estes posicionamentos se ancoram nas dinâmicas societais (ALMEIDA, 2009). Denominada também de teoria dos princípios organizadores, Doise (1990) trata da influência do metassistema – conjunto de regras, normas ou valores, que são estruturados nas relações sociais – nas regulações do sistema cognitivo dos indivíduos, ou seja, “as representações se constroem em função das inserções sociais dos indivíduos e, ao mesmo tempo, elas modulam as relações sociais entre esses mesmos indivíduos” (DESCHAMPS; MOLINER, 2014, p. 140).

O surgimento dessa corrente se deu inicialmente nos estudos (DOISE, 1990) realizados no laboratório de psicologia experimental em Genebra que fora criado por Doise e seu grupo de pesquisa em Psicologia Social Experimental. Acreditam que um sujeito possa responder a uma situação experimental se forem levados em conta as normas e as representações produzidas nas relações vividas socialmente (ALMEIDA, 2009; ABRIC, 2001b), ou seja, articulam as representações sociais com uma perspectiva mais sociológica, quando enfatizam que a inserção social do sujeito pode provocar variações nas representações (ALMEIDA, 2009). Desta forma, Doise e seus colaboradores propõem uma revisão do processo de ancoragem na formação das representações, dando relevância à inserção social específica do grupo que as estejam produzindo (SÁ, 2008).

O processo de ancoragem ganha destaque nesta teoria (DOISE; CLEMENCE; LORENZI-CIOLDI, 1992) quando é diferenciada de três maneiras: ancoragem psicológica, ancoragem sociológica e ancoragem psicossociológica. Por ancoragem psicológica pode-se entender como sendo a associação entre as representações e as crenças em geral, sendo assim, quando se observa variações nas representações, é porque elas dependem do nível de adesão dos sujeitos a essas crenças (DESCHAMPS; MOLINER, 2014; SÁ, 2008).

A ancoragem sociológica se refere à inserção das representações no grupo social, ou seja, neste tipo de ancoragem, a ligação entre a representação social e a posição que o indivíduo ocupa neste grupo é levada em consideração (SÁ, 2008). “A pertença dos indivíduos a um mesmo grupo implica experiências e interesses relativamente comuns e, por

consequente, opiniões e crenças compartilhadas. As variações observadas nas representações dependem então das inserções sociais dos indivíduos” (DESCHAMPS; MOLINER, 2014, p. 141).

O terceiro tipo de ancoragem, aqui definido como ancoragem psicossociológica, refere-se a combinação das representações nas dinâmicas sociais, ou seja, a representação resulta simultaneamente do interesse do grupo a este objeto bem como da interação deste grupo com outros grupos sociais (DESCHAMPS; MOLINER, 2014; SÁ, 2008).

A abordagem societal de Doise (1990) supõe que nos estudos das representações sociais há a integração de quatro níveis de análise da representação. De acordo com Almeida (2009) o primeiro nível enfatiza os processos intraindividuais, ou seja, a relação do indivíduo com ele mesmo, a maneira como os sujeitos constituem suas experiências com o campo. O segundo nível são os processos interindividuais e situacionais, que busca explicar as relações entre os indivíduos, buscando nas interações entre os sujeitos as explicações das dinâmicas sociais. Os processos intergrupais são o terceiro nível de análise e busca compreender as relações entre os grupos, ou seja, leva em consideração a posição que o indivíduo ocupa no grupo e analisa como essas posições interferem nos processos inter e intrapessoais. O último nível de análise, o societal ou intragrupal, “enfoca o sistema de crenças, representações, avaliações e normas sociais, adotando o pressuposto de que as produções culturais e ideológicas, características de uma sociedade ou de certos grupos, dão significação aos comportamentos dos indivíduos e criam as diferenciações sociais (ALMEIDA, 2009, p. 724).

Analisar as representações sociais através destes quatro níveis está relacionado à idéia de representação social como geradora da tomada de posição, isto é, a teoria fica mais ligada entre os níveis intraindividual e o intragrupal, pois, as representações organizam os sistemas simbólicos que acabam por intervir nas relações sociais, e mais diretamente na comunicação (DOISE, 2001). Em suma, as representações sociais se constroem em função das inserções sociais dos indivíduos e ao mesmo tempo, elas organizam as relações entre esses mesmos indivíduos. A prerrogativa máxima de Doise (1990) é que as representações sociais podem partir do intraindividual para o intragrupal através da figura do líder do grupo, que por sua vez, pode influenciar diretamente na formação da representação deste grupo.

Os estudos das representações sociais pela abordagem societal tem sua base nas relações entre os grupos, e que suas representações se formam a partir do julgamento dos grupos sobre outros. Doise (2001) propõe que a partir dos estudos dos estereótipos, da

categorização e da polarização coletiva se evidencie a necessidade de compreender as dinâmicas representacionais exatamente onde elas se produzem, portanto, nas relações dentro do grupo. A categorização pode ser entendida como o agrupamento ou não de indivíduos em grupos de acordo com suas diferenças e semelhanças. A partir dos estudos (DOISE, 1992) de categorização dos indivíduos, evidenciou-se que “os estereótipos intervêm com maior força quando membros de uma categoria social se encontram com membros de outra categoria” (ALMEIDA, 2009).

3.5 - AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE E ENVELHECIMENTO

O envelhecimento vem despertando em pesquisadores das mais variadas áreas de estudo o interesse em aprofundar os conhecimentos sobre o idoso nos vários aspectos de sua vida biopsicosocial. Nesse contexto de ampliação de estudos e pesquisas concernentes a velhice, buscou-se discutir as publicações que abordem a temática, verificando o tratamento despendido a esses assuntos na contemporaneidade, de forma que viabilize uma melhor compreensão como este fenômeno vem crescendo na sociedade.

O método utilizado neste estudo foi uma revisão crítica e sistemática da literatura, de abordagem exploratória e descritiva. Buscou-se contemplar temáticas que tratem sobre representação social da velhice e envelhecimento, perfazendo uma compreensão de como vêm sendo construída esta temática na sociedade. Para obtenção do material a ser analisado, utilizou-se as bases de dados eletrônicas: SCIELO, PUBMED e GOOGLE SCHOLAR. A busca dos artigos foi feita a partir dos descritores: Velhice e Envelhecimento, Representação Social e Velhice, Representação Social e Idoso, Velhice e Sociedade. Foram selecionados para análise os artigos de periódicos que detalham algo do tema, excluindo aqueles em que não versam diretamente o tema em questão. Com relação ao recorte temporal optou-se por estudos entre 2001-2017 e organizou-se os artigos a partir do ano e do tipo de estudo, em seguida foi feita descrição geral dos construtos encontrados.

Foram encontrados 9 estudos científicos que podem ser visualizados na TABELA 3, apresentando o título, autores, ano de publicação, local da publicação e tipo de estudo.

A velhice popularmente é compreendida como uma fase da vida geralmente associada a incapacidade e dependência, onde as perdas ou diminuição de algumas habilidades físicas e ou cognitivas são mais freqüentes. O envelhecimento psicológico apresenta uma relação muito próxima com o esforço pessoal na busca pelo autoconhecimento

e do enfrentamento destas perdas advindas do aumento da idade (MORAES; MORAES; LIMA, 2010). Muitos são os fatores que podem ser destacados no que se relaciona a esta perdas como por exemplo, a diminuição da saúde física e ou mental, a perda da autonomia, o afastamento das atividades laborais dentre outro. De acordo com Silva; Farias; Oliveira; Rabelo (2012), apesar das dificuldades enfrentadas com o envelhecimento, os resultados de suas pesquisas indicam que os idosos apresentam atitudes positivas em relação à velhice pessoal. Ressaltam que a velhice não é uma realidade única para todos os idosos, alguns demonstram sentimentos de satisfação e reconhecem as possibilidades de ganho e autonomia nessa fase da vida, contudo, devido à vulnerabilidade do corpo e o medo das perdas físicas e emocionais, muitos temem que com o envelhecimento passem a tornarem-se dependentes, solitários e inativos (ARAÚJO; SÁ; AMARAL, 2011; MORAES; MORAES; LIMA, 2010).

A velhice ainda é reconhecida como fase de vulnerabilidade e de surgimento de doenças, sendo a juventude fase de sinônimo de vigor físico e saúde. Por conseqüência, surgem as tecnologias para rejuvenescimento, tanto no intuito de manutenção da saúde e autonomia física como para efeitos estéticos (ARAÚJO; SÁ; AMARAL, 2011). Para MIRANDA; MENDES; SILVA (2016) o envelhecimento pode estar associado a um bom estado de saúde, pois quanto mais cuidados e praticas visando a saúde forem desenvolvidas, melhor será a reação a possíveis problemas que venham a surgir. Ao pesquisar com idosos qual a representação que eles tinham sobre felicidade na velhice e sobre velhice saudável (MANTOVANI; LUCCA; NERI, 2016) observou-se que a expressão mais citada foi saúde, ficando claro, portanto que a saúde é uma das preocupações mais eminentes entre os idosos.

Contudo, segundo (SILVA; FARIAS; OLIVEIRA; RABELO, 2012) em sua pesquisa ressalta que 80% dos idosos entrevistados consideravam a sua saúde melhor que a de outros idosos que conheciam, corroborando assim com os estudos (FONSECA; FIRMO; LOYOLA FILHO; UCHÔA, 2010) que demonstram que os significados sobre a saúde para os idosos são uma construção social coletiva. Sendo que os sentimentos de realização e integralidade e de limitações são indicadores desta construção e a conseqüência disso são as atitudes como mecanismos de enfrentamento diante das adversidades enfrentadas na velhice.

No que concerne a sexualidade, pesquisas (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016) apontam para a importância da vivência da sexualidade entre os idosos. Observa-se que ainda há na sociedade uma representação da sexualidade na velhice como algo depreciativo. Em contrapartida, percebe-se que os idosos compreendem a sexualidade nessa fase da vida

como algo natural e necessário para a manutenção da qualidade de vida, e que apesar da idade continuam tendo desejos e que precisam desenvolver estratégias para lidar com as limitações, descobrindo assim novas formas de prazer (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016; MARQUES et al, 2015).

TABELA 3 - Distribuição dos artigos recuperados por título, autor, ano, periódico e tipo do estudo sobre RS e envelhecimento

	Título	Autores	Ano	Local da Publicação	Tipo do estudo
1	Papel da autonomia na autoavaliação da saúde do idoso	Fonseca, Firmo, Loyola Filho, Uchôa	2010	Rev. Saúde Pública	Empírico
2	Características biológicas e psicológicas do envelhecimento.	Moares, Moraes, Lima	2010	Rev. Medica de Minas Gerais	Teórico
3	Corpo e velhice: um estudo das representações sociais entre homens idosos.	Araújo, Sá, Amaral	2011	Rev. Psicologia: Ciência e Profissão	Empírico
4	Atitude de idosos em relação a velhice e bem-estar psicológico.	Silva, Farias, Oliveira, Rabelo	2012	Rev. Kairós Gerontologia	Empírico
5	Vivências de idosos não dependentes em instituições de longa permanência.	Bentes, Pedroso, Falcão	2015	Rev. Psicologia em Estudos	Empírico
6	Vivencia da Sexualidade de idosos em um centro de convivência	Marques et al	2015	Rev. de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro	Empírico
7	A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência.	Vieira, Coutinho, Saraiva	2016	Rev. Psicologia: ciência e profissão	Empírico
8	Associações entre significados de velhice e bem estar subjetivo indicado por satisfação em idosos.	Mantovani, Lucca, Neri	2016	Rev. Brasileira Gerontologia	Empírico
9	O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras	Miranda, Mendes, Silva	2016	Rev. Brasileira de Geriatria e Gerontologia	Empírico

Nos aspectos relacionados ao lazer Araújo; Sá; Amaral (2011) destacam aspecto positivo de socialização, pois com a chegada velhice e o conseqüente afastamento das atividades laborais os idosos passam a ter mais tempo para a socialização e convivência com amigos. O envolvimento social representa para os idosos um funcionamento mais independente na vida cotidiana, seja no lazer ou no trabalho, pois a partir dessas relações compartilham de amizade e acolhimento. Indiretamente tem um efeito protetor sobre as limitações físicas e cognitivas (MANTOVANI; LUCCA; NERI, 2016). Porém, observa-se que ainda é reduzido o número de idosos que buscam os centros de convivência como meios de socialização e para desenvolvimento de atividades como oficinas, cursos e atividade física (SILVA; FARIAS; OLIVEIRA; RABELO, 2012).

Percebe-se que uma das formas encontradas para o enfrentamento de situações estressoras e também como suporte para as perdas decorrentes da idade é o investimento na espiritualidade e no autoconhecimento (MANTOVANI; LUCCA; NERI, 2016). Idosos que trabalham a espiritualidade possuem níveis mais altos de felicidade e satisfação (SILVA; FARIAS; OLIVEIRA; RABELO, 2012).

Nos estudos de Bentes, Pedrosos e Falcão (2015) sobre a institucionalização de idosos, observou-se que é crescente a busca de instituições de longa permanência pelos idosos, porém um fato novo pode ser destacado, que é a procura de abrigos por idosos que tem sua autonomia física e cognitiva preservadas. Esse fato dá-se por vários motivos dentre eles a busca de companhia, segurança, acolhimento e a vida longe de incômodos, devido a isso os abrigos passam a ser visto por eles como um fator de proteção, desmistificando a idéia de abrigos como espaços assistencialistas, que cuidam de pessoas dependentes, frágeis e doentes.

Apesar do aumento de idosos com autonomia preservada nas casas de longa permanência percebe-se que eles apresentam um sentimento de mágoa da família. Segundo Falcão (2012) várias mudanças vão acontecendo na instituição familiar como aposentadoria, condições sócio-econômicas, saída de membros e condições de saúde limitadas. Dessa forma, os desafios enfrentados pela família em relação às demandas do envelhecimento de seus membros dependem de como se organizou o sistema familiar e como pode se ajustar as novas exigências dessa fase da vida (FALCÃO, 2012).

O acesso a educação para os idosos tem sido bastante facilitado nas últimas décadas com o surgimento das Universidades para a Terceira Idade. Esse acesso tem sido incentivado

não só como uma forma de obtenção de conhecimento, mas também como uma forma de integração social, visto que com o aumento da idade, muitos idosos apresentam perdas físicas e cognitivas, reduzindo assim as suas possibilidades de atuação social (SILVA; FARIAS; OLIVEIRA; RABELO, 2012).

Com relação a manutenção da atividade laboral no decorrer da velhice, observa-se (SILVA; FARIAS; OLIVEIRA; RABELO, 2012) que a grande maioria dos idosos já se afastaram de suas atividades laborais, sendo que 79,6% não trabalham mais, 16,7% trabalham informalmente e somente 3,7% apresentam em prego formal. Com relação a sua subsistência com a renda que possuem, 51,9% dos entrevistados afirmam ter dinheiro suficiente para cobrir suas necessidades diárias e 48,1 responderam que não o possuem.

Tem-se evidenciado (ARAÚJO; SÁ; AMARAL, 2011) que apesar do modelo biomédico perdurar, novas características tem sido acrescentadas nas representações sobre a velhice. Isso pode ser resultado do aumento da população idosa e de políticas públicas voltadas aos velhos, permitindo assim essa fase da vida ser reconhecida como uma fase de desenvolvimento igualmente as demais.

4. OBJETIVOS

4.1 GERAL

- Analisar e comparar as representações sociais de estudantes universitários (Psicologia, Pedagogia e Direito) sobre a velhice LGBT de uma Instituição Privada de Ensino Superior na cidade de Teresina-PI.

4.2 ESPECÍFICOS

- Identificar o conhecimento elaborado e participado acerca da velhice LGBT entre estudantes dos cursos de Direito, Psicologia e Pedagogia;
- Compreender por meio da análise hierárquica descendente (dendograma) as concepções dos universitários acerca da velhice LGBT;
- Identificar a nuvem de palavras das representações sociais sobre o envelhecimento LGBT entre os universitários.

5. MÉTODO

5.1 TIPO DE INVESTIGAÇÃO

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com dados transversais e por conveniência.

5.2 PARTICIPANTES

Contou-se com a participação de trezentos estudantes universitários de uma Instituição de Ensino Privada de Teresina-Piauí, sendo cem estudantes para cada curso, psicologia, pedagogia e direito. Optou por estes três cursos tendo em vista as graduações oferecidas pela Instituição (Direito, Psicologia, Pedagogia, Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Sistemas de Informação e Fonoaudiologia) e dentre elas, esses três cursos apresentam uma relação mais próxima entre a temática e seu exercício profissional, bem como, acredita-se que é necessário fazer estudos com estudantes porque precisa-se intervir nos mesmos durante a formação profissional.

Os participantes da pesquisa eram de ambos os sexos, com idades entre 21 e 57 anos, apresentando média de idade de 28,56 anos (DP=8,59), sendo que a maioria dos universitários entrevistados são mulheres correspondendo a 76% da amostra, são solteiros 71,33% e de religião católica, equivalendo a 67,33%. Observou-se, no que se refere à orientação sexual, uma prevalência de 85% dos entrevistados considerando-se de orientação heterossexual.

Ao serem questionados sobre algum parentesco com pessoas LGBT, percebeu-se aí um equilíbrio entre o sim e o não, sendo que 50,66% responderam ter algum parente LGBT e 49,33% responderam não ter nenhum parentesco com essas pessoas. Diferente do observado no item anterior, a amostra geral demonstrou que quando questionados sobre o convívio com algum idoso LGBT, os dados revelaram uma discrepância muito grande entre os que tem algum contato com um idoso LGBT (24%) e os que não têm nenhum contato (76%).

Os participantes foram divididos de forma pareada em três grupos, constituídos de 100 entrevistados para cada grupo. Um grupo do curso de direito, integrado por discentes de 21 a 57 anos de idade, com média de idade de 28,94 (DP = 9,46), um grupo do curso de psicologia, constituído por estudantes entre 21 e 52 anos de idade, com média de idade de 27,15 anos (DP = 8,09) e um grupo do curso de pedagogia, composto por universitários de 21 a 57 anos idade, com média de idade de 27,80 anos (DP = 8,13).

Ao comparar os dados encontrados por grupo, de acordo com a TABELA 4, observou-se que não há divergência com a amostra geral no que se refere ao estado civil, sendo a maioria solteira, com o curso de direito apresentando 73%, psicologia 70% e pedagogia 71%. No que se refere à religião, da mesma forma como no ponto anterior, nos três cursos a prevalência é da religião católica, sendo direito 67%, psicologia 66% e pedagogia 69%. A orientação sexual prevalece predominantemente heterossexual, revelando 85% dos alunos de direito, 89% dos alunos de psicologia e 81% dos alunos de pedagogia.

Com relação ao parentesco com pessoas LGBT, os dados encontrados nos cursos de direito e psicologia apresentaram proporções iguais, 55% cada, já o curso de pedagogia 42%. Quando questionados se mantinham contato com algum idoso LGBT, observam-se resultados semelhantes entre os cursos, 26% no curso de direito, 22% no curso de psicologia e 24% no curso de pedagogia, apresentando também dessa forma, uma aproximação com a amostra geral.

No que se refere ao sexo, pode-se observar uma oscilação entre os dados encontrados em cada curso, sendo que o curso de direito apresentou uma proporção exata de 50% de estudantes do sexo masculino e 50% do sexo feminino. Já os cursos de psicologia e pedagogia apresentaram uma discrepância grande entre os sexos, dos discentes do curso de psicologia, 13% são do sexo masculino e 87% do sexo feminino e no curso de pedagogia essa diferença é ainda maior, somente 9% dos alunos entrevistados são do sexo masculino e 91% do sexo feminino, demonstrando assim, a predominância de mulheres nos cursos de psicologia e pedagogia durante a coleta de dados desta pesquisa.

Como critério de inclusão da amostra utilizou-se alunos a partir do quinto período dos referidos cursos, pois se acredita que os mesmos já tenham adquirido um aparato teórico e prático suficiente para possibilitar a reflexão proposta por este estudo baseados nos pilares norteadores do curso. Os participantes deveriam estar regularmente matriculados na Instituição de Ensino, ter livre escolha para participar ou não da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento e por fim sua participação deu-se de forma voluntária e anônima.

Os critérios de exclusão foram estar nos blocos iniciais do curso e recusa na participação do estudo.

TABELA 4 – Dados sócio-demográficos em função dos cursos de graduação (N= 300).

	Direito <i>f</i> (%)	Psicologia <i>f</i> (%)	Pedagogia <i>f</i> (%)
Participantes	100 (33,33%)	100 (33,33%)	100 (33,33%)
Sexo			
Homens	50 (50%)	13 (13%)	9 (9%)
Mulheres	50 (50%)	87 (87%)	91 (91%)
Idade			
Média	28,94 anos	28,88 anos	27,80 anos
Desvio-padrão	9,46	8,09	8,13
Idade Mínima	21 anos	21 anos	21 anos
Idade Máxima	57 anos	52 anos	57 anos
Estado Civil			
Solteiro	73(73%)	70 (70%)	71 (71%)
Casado	22 (22%)	25 (25%)	23 (23%)
Separado/Divorciado	5 (5%)	5 (5%)	6 (6%)
Religião			
Católico	67 (67%)	66 (66%)	69 (69%)
Evangélico	13 (13%)	25 (25%)	22 (22%)
Espírita	4 (4%)	5 (5%)	2 (2%)
Outros	16 (16%)	4 (4%)	7 (7%)
Orientação Sexual			
Heterossexual	85 (85%)	89 (89%)	81 (81%)
Homossexual	5 (5%)	3 (3%)	2 (2%)
Bissexual	0 (0%)	2 (2%)	2 (2%)
Não informou	10 (10%)	6 (6%)	15 (15%)
Parentesco com alguém LGBT			
Sim	55 (55%)	55 (55%)	42 (42%)
Não	45 (45%)	45 (45%)	58 (58%)
Convívio com algum idoso LGBT			
Sim	26 (26%)	22 (22%)	24 (24%)
Não	74 (74%)	78 (78%)	76 (76%)

5.3 INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados foram uma carta de apresentação à instituição, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) para a instituição e os participantes, com cópias assinadas sob responsabilidade do pesquisador.

Para a coleta de dados utilizou-se o questionário sóciodemográfico (APÊNDICE B), a técnica de associação livre de palavras – TALP (APÊNDICE C) e uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE D). O uso do questionário sociodemográfico teve a finalidade de fazer um levantamento sociodemográfico dos sujeitos da pesquisa, como por exemplo obter informações sobre idade, sexo, estado civil, etnia, renda, orientação sexual, religião, curso que está se graduando, se tem algum parentesco com algum indivíduo com orientação sexual homossexual e se convive com algum idoso LGBT.

Além do questionário sociodemográfico, foram feitas três perguntas abertas na qual os participantes discorreram de forma livre, para que assim se pudessem compreender as percepções dos estudantes universitários sobre velhice e orientação sexual LGBT. Para a técnica de associação livre de palavras – TALP foi apresentado três palavras indutoras: “sexualidade”, “homossexualidade” e “idoso LGBT” e o participante da pesquisa rememoravam as primeiras cinco palavras que lhe viesse a mente, no intervalo de três minutos levando em consideração a sua ordem de importância.

A aplicação e preenchimento dos instrumentos não implicaram em riscos de ordem física para os participantes do presente estudo. Porém, se por ventura, a pesquisa ocasionasse algum problema de cunho psicológico ou algum desconforto, como, constrangimento, estresse ou outro incômodo, a pesquisa poderia ter sido interrompida pelo participante e os pesquisadores responsáveis indicariam um dispositivo de prestação de serviços psicológicos para amparar os indivíduos.

5.4 PROCEDIMENTOS E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Inicialmente o projeto de pesquisa foi enviado para avaliação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Ministro Reis Veloso (CMRV), e obteve autorização sob o CAAE: 56629616.1.0000.5669 (ANEXO A), obtendo autorização para sua execução por meio do parecer nº 1.834.339, orientado pelas diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais envolvendo seres humanos conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Após a aprovação foi contatada a Instituição de Ensino Superior privada onde a pesquisa foi realizada, para solicitar autorização para início da coleta de dados. A composição da amostra se deu de forma não probabilística, sendo aplicados os instrumentos em todos os alunos que se dispuseram a participar da pesquisa até atingir o número máximo de participantes por curso.

5.5 COLETA DE DADOS

A coleta dos dados ocorreu no âmbito da instituição de ensino dos entrevistados, tendo em vista a facilidade de encontrá-los visto que já se deslocavam para a IES para assistir aula. A aplicação dos instrumentos se deu de forma coletiva, em sala de aula com a autorização do coordenador do curso e do professor, ressaltando que o preenchimento dos instrumentos deveriam ser realizados de forma individual. A pesquisa também foi aplicada com os alunos que demonstraram interesse em participar e que por ventura não estavam na sala de aula no momento da aplicação, neste caso, os instrumentos foram aplicados de forma individual em outros espaços da instituição, levando em média 40 minutos para o seu preenchimento.

No primeiro momento, aos discentes participantes foi apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que continha as informações sobre a pesquisa e as implicações que a participação do aluno acarretava, o qual foi lido e assinado por cada um dos participantes e pelo pesquisador responsável antes dos entrevistados responderem aos instrumentos. Os alunos também foram informados sobre as questões do sigilo, risco e benefícios da pesquisa, sobre o livre arbítrio em participar ou não e até mesmo desistir de sua participação a qualquer momento sem nenhum prejuízo.

Após a concordância em participar da pesquisa e posterior assinatura do TCLE, iniciou-se a pesquisa com a aplicação do TALP. Foi apresentada a primeira palavra indutora, “sexualidade”, e solicitou-se que eles escrevessem as 5 (cinco) primeiras palavras que viessem a sua mente ao ouvir esta palavra estímulo, sendo concedido um tempo médio de 3 (três) minutos para a realização desta tarefa. Após esse tempo, foi solicitado que os universitários enumerassem de 1 (um) a 5 (cinco) suas respostas por ordem de prioridade, sendo 1 (um) para a resposta de maior relevância e 5 (cinco) para a de menor relevância. O mesmo procedimento foi realizado com as outras duas palavras estímulo, "homossexualidade" e “velhice LGBT”. Após o preenchimento do TALP, foi solicitado que os alunos

preenchessem o questionário sócio-demográfico e logo em seguida já poderiam responder as três perguntas abertas da entrevista semiestruturada.

Um único pesquisador aplicou os instrumentos, informando sobre os objetivos da pesquisa e fornecendo as instruções para o correto preenchimento dos mesmos.

5.6 ANÁLISE DOS DADOS

As informações obtidas neste estudo foram analisadas em seu conjunto por alguns instrumentos descritos a seguir. Os dados colhidos relacionados ao Teste de Associação Livre de Palavras – TALP foram processados pelo software TRI DEUX MOTS, versão 2.2, que é utilizado para que se possa conhecer, com elevado nível de precisão, o significado de um grupo e o núcleo estruturante de cada representação. O Tri-Deux-Mots permite a representação gráfica, tanto das variáveis fixas (sexo, idade, graduação e orientação sexual) identificadas pelo questionário sociodemográfico, bem como as variáveis de opinião, obtidas pelas respostas dos participantes diante das palavras estímulos no TALP. Utilizou-se aqui Sexualidade (Estímulo 1), Homossexualidade (Estímulo 2) e Idoso LGBT (Estímulo 3).

Inicialmente, preparou-se um dicionário correspondente aos estímulos indutores. Na presente pesquisa, foi organizado, um dicionário com as respostas evocadas pelos participantes. Em seguida, as enunciações são selecionadas, por ordem alfabética, para realização da análise de conteúdo. Faz-se a organização das palavras pelas suas respectivas frequências que indicam maior relevância estatística, agrupando com as de (palavras) de menor frequência, levando-se em consideração as sinonímias e similitudes semânticas. Por exemplo, os estudantes mencionaram “velho”, “idoso” e “coroa”, que foram agrupadas em uma categoria única, a saber: velhice, para contribuir com a compreensão da representação da velhice.

Após essa etapa inicial, organizou-se o banco de dados, sendo perfiladas as variáveis fixas, nesta investigação foram: sexo (1 = masculino ou 2 = feminino), a idade (1 = estudantes com idade entre 21 a 27 anos; 2 = estudantes com idade entre 28 a 33 anos; 3 = estudantes com idade entre 34 a 39 anos; 4 = estudantes com idade a partir de 40 anos ou 5 = estudantes que não informaram a idade), a graduação (1 = discentes do curso de direito; 2 = discentes do curso de psicologia ou 3 = discentes do curso de pedagogia), e a orientação sexual (1 = heterossexual; 2 = homossexual; 3 = bissexual; 4 = transexual; 5 = outros ou 6 = não

informou), e, posteriormente, as palavras associadas a cada estímulo, como pode ser ilustrado abaixo:

**2416normal1 amor1 afetiv1carinh1 aflora1 inteli2 livre2 exuber2 felici2 atraça2 respei3
direit3 afetivi3 amavel3 carent3***

Este software é bastante apropriado para a análise dos dados fornecidos pelo TALP, por meio da análise fatorial de correspondência (AFC), uma vez que permite uma visualização das correlações entre os grupos pesquisados (Estudantes das graduações de direito, psicologia e pedagogia), bem como os elementos do campo representacional da velhice LGBT apreendidos entre os participantes desta pesquisa.

Ele é, com frequência, utilizado para tratamento de dados quanti-qualitativos de questões abertas, fechadas e /ou associação livre de palavras. Nesse sentido, o pacote estatístico tem apresentado fidedignidade e valor preditivo consideráveis nas pesquisas que possuem embasamento teórico-metodológico das representações sociais (COUTINHO; SARAIVA, 2011).

De acordo com Coutinho e Saraiva (2008), a AFC é pertinente para processar e analisar os dados operacionalizados pelo Teste de Associação Livre de Palavras, visto que coloca em evidência as variáveis fixas (em colunas) e as variáveis de opinião (em linhas) que se fazem representados no plano fatorial. A partir da AFC, pode-se verificar os vínculos de atração entre os indivíduos e, simultaneamente, apresentados de forma oposta às associações de outros grupo.

As perguntas da entrevista semiestruturada, *Para o Senhor(a), o que é homossexualidade?, Como o(a) Senhor(a) entende a velhice LGBT?, O(a) Senhor(a) acredita que os idosos LGBT possuem condições seguras para viver a velhice de forma tranquila?* Tiveram suas respostas divididas em 3 corpus de textos, construídos pelas respostas dos 300 participantes a cada uma das questões, sendo analisadas através de um *software* gratuito, o IRAMUTEQ, que permite fazer análises estatísticas de dados textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras (CAMARGO; JUSTO, 2013). Desse modo, foram elaborados 3 bancos de dados em formato de bloco de notas (formato que o programa suporta), de maneira que cada resposta foi associada a uma linha de comando, fazendo assim uma alusão do texto ao participante.

As linhas de comando apresentaram os dados sóciodemográficos dos entrevistados, separando cada dado por asteriscos, indicando o participante (n), o sexo (sex_1 = masculino

ou sex_2 = feminino), a idade (idad_1 = estudantes com idade entre 21 a 27 anos; idad_2 = estudantes com idade entre 28 a 33 anos; idad_3 = estudantes com idade entre 34 a 39 anos; idad_4 = estudantes com idade a partir de 40 anos ou idad_5 = estudantes que não informaram a idade), a graduação (grad_1 = discentes do curso de direito; grad_2 = discentes do curso de psicologia ou grad_3 = discentes do curso de pedagogia), e a orientação sexual (orien_1 = heterossexual; orien_2 = homossexual; orien_3 = bissexual; orien_4 = transexual; orien_5 = outros ou orien_6 = não informou), como pode ser ilustrado abaixo:

**** *n_001 *sex_2 *idad_2 *grad_1 *orien_2

Por fim, com os dados obtidos com a aplicação do questionário sóciodemográfico foram submetidos a estatísticas descritivas, como média, percentil e desvio padrão no software SPSS for Windows na versão 22.

6. RESULTADOS

As representações sociais construídas pelos universitários foram coletadas através de dois instrumentos, a técnica de associação livre de palavras (TALP) e a entrevista semiestruturada. Os resultados obtidos com a TALP foram analisados à luz da análise fatorial de correspondência (AFC) através do *software* Tri Deux Mots, que possibilitou a visualização gráfica tanto das variáveis fixas (sexo, idade, graduação e orientação sexual) como das variáveis de opinião, que neste caso, foram as palavras ou expressões recordadas pelos entrevistados em resposta aos estímulos indutores.

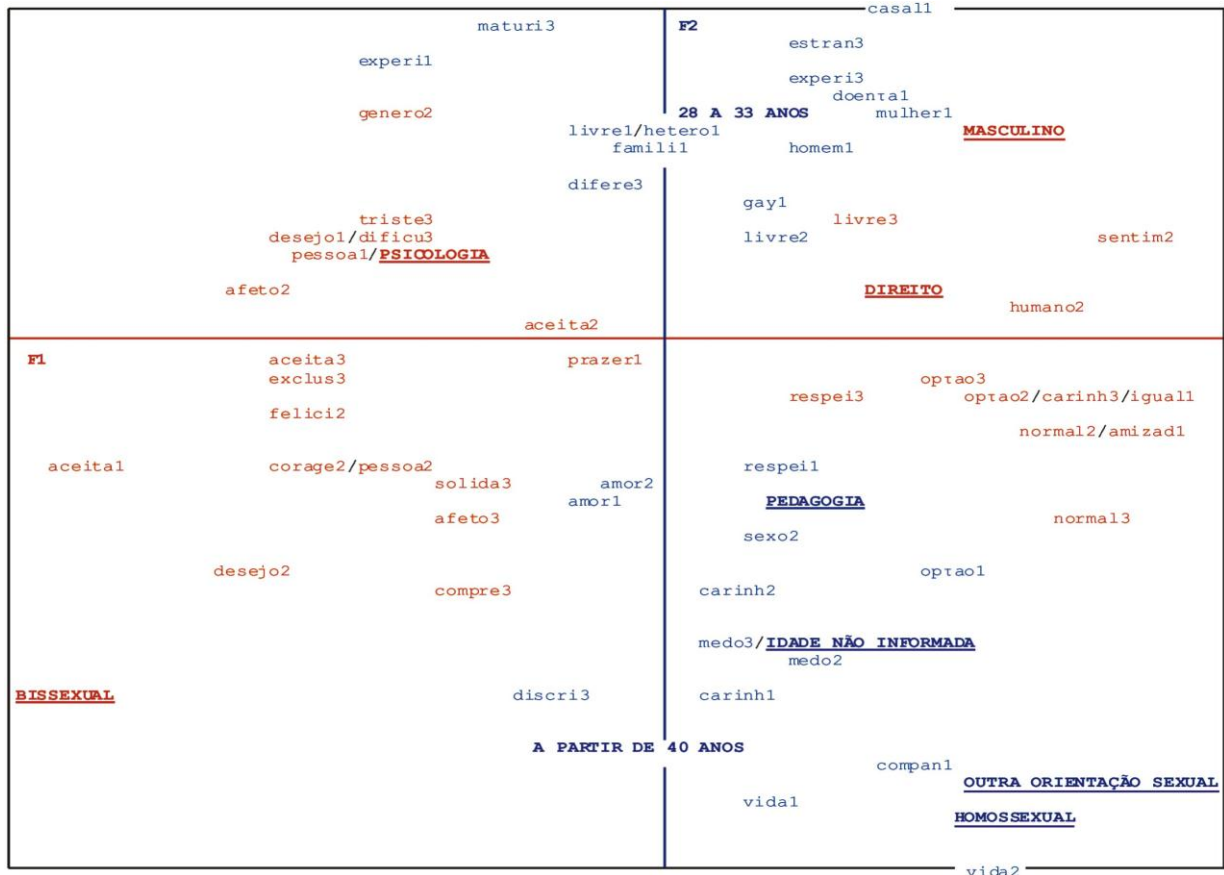
Neste estudo, o somatório de todas as palavras evocadas pelo grupo de universitários participantes (n = 300), relativos a cada estímulo indutor, foi analisado em função da frequência e da relevância às variáveis fixas (sexo, idade, graduação e orientação sexual), determinando assim o espaço fatorial. Através da análise fatorial de correspondência, pôde-se perceber os vínculos estabelecidos entre as características dos universitários e suas respostas às palavras indutoras.

Os dados apresentados no GRÁFICO 1 correspondem às Representações Sociais da Velhice LGBT apreendidas nos três grupos de pesquisados: estudantes do curso de direito, psicologia e pedagogia, nos quais encontram-se inseridos os atores sociais da presente investigação. Observa-se que as Representações sociais elaboradas pelos discentes estão organizadas no plano fatorial, tendo como pressuposto as palavras evocadas nos estímulos indutores (E1 – Sexualidade; E2 – Homossexualidade e E3 – Idosos LGBT) que se encontram interligadas em dois fatores F1 e F2.

No que diz respeito ao quadrante 1 do lado esquerdo do FIGURA 1, encontra-se o campo semântico das R.S. dos estudantes do curso de psicologia. Ao observar as respostas ao estímulo sexualidade (E1), denota-se que a mesma foi objetivada nas representações sociais dos estudantes como “tesão”, “libido”, vontade que faz parte das pessoas e que estas buscam o “prazer”, ou seja, buscam a satisfação de seus “desejos”. No que diz respeito a homossexualidade (E2), estes estudantes representam-na como fazendo parte da “afetividade”, geralmente relacionado a questões de gênero e que deve ser “aceita”. No que se refere à velhice LGBT (E3), os estudantes dessa graduação mencionaram que essas pessoas terão mais “dificuldades” para poder expressar sua sexualidade e que pode acarretar sentimentos como “tristeza” e “angústia”. Ao mesmo tempo em que compreendem que os

idosos LGBT devem ser aceitos, também acreditam que os mesmo poderão sofrer exclusão por parte da família e da sociedade.

FIGURA 1: Análise Fatorial de Correspondência das RS da velhice LGBT



LEGENDA:

F1 (eixo negativo) = cor vermelha, horizontal

F2 (eixo positivo) = cor azul, vertical

Estímulos Indutores

1. Sexualidade
2. Homossexualidade
3. Idosos LGBT

TABELA 5: Análise Fatorial de Correspondência das RS da velhice LGBT

VARIÁVEIS FIXAS			
SEXO	IDADE	GRADUAÇÃO	ORIENTAÇÃO SEXUAL
1 – masculino	1 – 21 a 27 anos	1 – Direito	1 – Heterossexual
2 – feminino	2 – 28 a 33 anos	2 – Psicologia	2 – Homossexual
	3 – 34 a 39 anos	3 - Pedagogia	3 – Bissexual
	4 – A partir de 40 anos		4 – Transexual
	5 – não informou		5 – Outros
			6 – Não informou

No quadrante oposto, ainda no lado esquerdo, relacionado ao fator 1, os estudantes de todos os cursos que participaram da pesquisa, com orientação sexual bissexual, ancoraram suas representações a cerca da sexualidade (E1) na aceitação mas também que a sexualidade esta relacionada ao prazer. No que diz respeito a homossexualidade (E2), esses estudantes ancoraram suas representações da homossexualidade como sendo uma ato de “coragem” mas também de “desejo” e que isso pode trazer “felicidade” para as pessoas. No que diz respeito a velhice LGBT (E3) as R.S. desses estudantes é que deve haver “compreensão” para a expressão desses “afetos”, mas que por outro lado esses idosos podem sofrer “solidão” e também “exclusão”.

No que diz respeito ao quadrante da parte direita do fator 1, pode-se observar as representações sociais dos estudantes do curso de direito do sexo masculino. Nesse caso, observa-se que as variáveis fixas ficaram num momento de transição e a interpretação dos clusters do lado direito foram unificados. No que diz respeito à sexualidade (E1) foram observadas representações como: “igual” e “amizade”, referindo-se a sexualidade como uma questão de igualdade entre homens e mulheres e pautada numa relação que envolve sentimento. No que diz respeito à homossexualidade (E2), estes alunos relacionam-na como uma questão inerente a “humanidade”, “normal”, uma “opção” e que é permeada de “sentimentos”. Com relação à velhice LGBT, esta é vista por estes estudantes como “livre”, que as pessoas são livres para poder expressar sua sexualidade, que é uma relação de “carinho” e que merecem “respeito”.

Na parte superior do fator 2 observou-se que os estudantes de todos os cursos que encontram-se na faixa etária de 28 a 33 anos ancoram suas representações a respeito da sexualidade (E1) como a “liberdade” que “homens” e “mulheres” e “gays” têm de exercê-la, porém a vivência da sexualidade pode provocar “doenças”. Observa-se que para este grupo de estudantes, a sexualidade está relacionada à orientação “heterossexual” e à “família”. No que diz respeito a homossexualidade (E2) estes alunos compreendem que essas pessoas devem ser “livres”, ou seja, deve ter liberdade para expressar sua orientação sexual. Ao referir-se à velhice LGBT (E3) estes estudantes ancoram sua representações como sendo, esses idosos, pessoas “experientes” e que a expressão dessa orientação é algo “estranho” e “diferente”.

Na parte inferior do fator 2 pôde-se observar a incidência de algumas variáveis fixas que formaram uma espécie de “nuvens de representações”. Inicialmente, pode-se discutir as representações sociais dos estudantes de pedagogia. No que se refere a sexualidade (E1), eles

compreendem como uma relação de “amor” e “respeito”. Sobre a homossexualidade (E2), ancoram suas representações como sendo uma relação “sexual” que envolve “amor”. Sobre o envelhecimento LGBT (E3), não foram observadas expressões que retratassem de forma representativa os juízos dos estudantes.

Ainda na parte inferior do fator 2, observou-se que para todos os estudantes participantes da pesquisa, algumas representações foram agrupadas de acordo com determinadas variáveis fixas. Para o grupo de estudantes que não informaram a idade, eles compreendem que a sexualidade (E1) é uma “opção” que as pessoas têm de vivenciar. Em relação à homossexualidade (E2) eles representam que é algo que pode provoca “medo” nesses indivíduos por assumir essa orientação sexual, mas que ao mesmo tempo é uma relação de “carinho”. Sobre o envelhecimento LGBT, eles ancoram suas representações como o “medo” que esses idosos têm em vivenciar sua orientação sexual.

Para os estudantes com idade a partir de 40 anos, eles compreendem que a sexualidade (E1) está relacionada com uma relação de “carinho” que traz “vitalidade”. Já com relação à homossexualidade (E2) não foram observados palavras que refletissem de forma representativa este estímulo. Já com relação ao envelhecimento LGBT (E3), eles compreendem que esses idosos sofrem bastante “discriminação”. Por fim, os estudantes de todos os cursos que tem orientação sexual homossexual ou que não informaram sua orientação sexual, compreendem a sexualidade (E1) uma relação de “companheirismo” e a homossexualidade (E2) como uma relação que traz “vitalidade”. Sobre o envelhecimento LGBT não foram encontradas palavras significativas que representassem esse estímulo.

Os resultados provenientes da entrevista semiestruturada foram analisados por meio do *software* Iramuteq, sendo relatados em três momentos, considerando cada corpus textual elaborado a partir de cada uma das perguntas provocada. De início, foi apresentado a representação dos estudantes sobre a homossexualidade, em seguida, suas percepções sobre o envelhecimento LGBT, por conseguinte, as suas opiniões frente os idosos LGBT possuírem condições seguras para viver a velhice de uma forma segura.

A classificação hierárquica descendente do *Corpus 1*, obtida mediante as respostas fornecidas à primeira pergunta da entrevista, refere-se às representações dos universitários sobre a homossexualidade. Este corpus foi constituído por 300 UCIs e dividido em 243 UCEs, em que 1.100 palavras, que ocorreram 6.067 vezes, foram analisadas com média de 19,26 em termos de ocorrência, sendo 77,14% consideradas na classificação hierárquica descendente.

No dendograma (FIGURA 2) observou-se que o corpus se dividiu em cinco classes, com título e a descrição de cada uma delas, o número de UCEs, ou segmentos de textos, que a compõe, as variáveis descritivas e as palavras com maior associação com a classe relatada, considerando o coeficiente alcançado no teste de associação qui-quadrado (X^2).

A primeira divisão do *corpus 1* deu origem a dois subcorpus, o primeiro composto pelas classes 2, 3, 5 e o segundo subcorpus constituído pelas classes 1 e 4. No primeiro subcorpus, deu-se uma subdivisão, em que as classes 2 e 3, foram posicionadas contrariamente à classe 5.

A classe 3, intitulada *Relacionamento entre pessoas do mesmo sexo*, com 46 UCEs e 18,93% do total classificado, no qual refere-se a relação amorosa entre pessoas do mesmo sexo, que perpassa por questões relacionadas com atração, desejo e prazer sexual e, manteve relação com a classe 2, *Decisão de gostar do mesmo sexo*, a qual apresentou 41 UCEs e, teve como conteúdo implicações sobre a possibilidade de escolha ou não de sua orientação sexual, de optar por relacionar-se com pessoas do mesmo sexo. Deste modo, os discursos abaixo corroboram os resultados supracitados para as referidas classes.

Classe 3: Relacionamento entre pessoas do mesmo sexo

“É quando o sujeito seja ele do sexo feminino ou masculino sentem atração ou desejo pelo mesmo sexo que o seu” (Participante 009, sexo feminino, 36 anos, direito, heterossexual).

“É o vínculo sexual entre duas pessoas do mesmo sexo” (Participante 013, sexo feminino, 21 anos, direito, heterossexual).

“Homossexualidade é quando a pessoa sente atração (física, emocional), por alguém do mesmo sexo que o seu, não conseguindo satisfazer-se com alguém do sexo oposto” (Participante 112, sexo feminino, 23 anos, psicologia, heterossexual).

“Orientação sexual, relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Qualidade de uma pessoa sentir atração, emocional, estética por uma pessoa do mesmo sexo” (Participante 117, sexo feminino, 22 anos, psicologia, heterossexual).

“Homossexualidade é um tipo de orientação sexual. Pessoas que gostam do mesmo sexo ou se veem como alguém do sexo oposto. Podem ser lésbicas, gays, trans ou bissexuais” (Participante 142, sexo feminino, 21 anos, psicologia, heterossexual).

“Homossexualidade são pessoas que gostam, ficam, são casadas com alguém do mesmo sexo” (Participante 205, sexo feminino, 21 anos, pedagogia, heterossexual).

“Aceitação de quem você é independente da sexualidade. Amor entre os iguais” (Participante 206, sexo feminino, 21 anos, pedagogia, bissexual)

Classe 2: Decisão de gostar do mesmo sexo

“É uma opção que cada pessoa faz, devendo as demais respeitar essa opção, por mais que não aceite. Cada um tem a opção de viver como bem entender” (Participante 031, sexo feminino, 23 anos, direito, heterossexual).

“Para mim, homossexualidade não é uma escolha, é uma implicação do corpo, do desejo do corpo. Ninguém nasce com uma determinada orientação sexual, o tempo determina o que seremos” (Participante 022, sexo feminino, 36 anos, direito, heterossexual).

“Liberdade de expressão do indivíduo que tem sua homossexualidade assumida, coragem e orgulho de ser o que é. Opção sexual do indivíduo que tem atração sexual pelo mesmo sexo” (Participante 104, sexo feminino, 26 anos, psicologia, heterossexual).

“É um estado comportamental, não é uma doença. É uma escolha que a pessoa faz em consequência de muitos fatores, como por exemplo: amigos, família, desejo de algo diferente, que o leva a ter comportamento diferente da normalidade estabelecida por Deus. Agora que fique bem claro de que a pessoa homossexual deve ser amada, respeitada e aceita a sua opção, pois foi sua escolha e que pode mudar, pois é comportamento, e comportamento muda” (Participante 125, sexo masculino, 52 anos, psicologia, heterossexual).

“Homossexualidade é apenas uma orientação sexual, assim como o hétero, bissexual, transexual, ou seja, uma escolha de vida. Não gosto de dizer escolha, porque sexualidade não se escolhe, já nascemos assim” (Participante 181, sexo feminino, 32 anos, psicologia, heterossexual).

“É um novo padrão de escolha sexual na qual as pessoas procuram ser felizes independentemente das condições biológicas. Para mim, não sou contra essas pessoas, muito pelo contrário, amo-as; porém compreendo que o modelo de relacionamento que vivem não é o mais adequado para a propagação da espécie humana. Tudo bem que há métodos para a paternidade entre homossexuais, mas meus princípios religiosos me ensinaram a amar qualquer pessoa, porém repudiar suas ações quando ao meu ver não são certas. Não me vejo como preconceituosa, porém não sou obrigada a concordar com as ações de quem quer que seja. Agora,

conviver e agrega-las ao meu convívio, isso sim, sou obrigada e realizo com prazer, pois muitos homossexuais são pessoas muito amigas e compreensivas. Tenho contato com algumas” (Participante 201, sexo feminino, 21 anos, pedagogia, heterossexual).

“É escolher a sua orientação, no qual é do mesmo sexo, onde você se sente a vontade de expressar os seus sentimentos carnis para o outro” (Participante 208, sexo feminino, não informou, pedagogia, heterossexual).

“São pessoas que se relacionam com indivíduos do mesmo sexo, mas é uma questão de escolha e livre arbítrio, o que importa é ser feliz” (Participante 213, sexo feminino, 21 anos, pedagogia, heterossexual).

“É uma escolha proveniente da pessoa em seguir seus instintos, acredito que a pessoa não nasce com esse desejo, mas adquire com o tempo, ou seja, se descobre” (Participante 233, sexo feminino, 23 anos, pedagogia, heterossexual).

É importante ressaltar que na classe 2, apresentou-se como variáveis relacionadas a graduação de pedagogia e o sexo masculino, responsável por 16,87% das UCEs classificadas, isto é, de acordo com os dados apresentados, a decisão por relacionar-se com o mesmo sexo é mais representativa para os graduando do sexo masculino, do curso de pedagogia.

Já a classe 5, denominada *Afetividade entre pessoas do mesmo sexo*, com 19,79% das UCEs classificadas, apontou existência do sentimento, do amor, do respeito existente em casais do mesmo sexo, contrapondo-se com a classe 3 que destacou a homossexualidade como busca de prazer sexual, como pode ser exemplificado pelos trechos a seguir:

“É uma escolha que duas pessoas do mesmo sexo fazem, para viver sentimentos que acreditam ser amor”. (Participante 004, sexo feminino, 51 anos, direito, heterossexual).

“Homossexualidade é uma escolha, mas não apenas isso, é a liberdade de amar quem você quiser, é escolher o amor, é escolher ser feliz, sendo gay, lésbica, bi ou até mesmo hétero” (Participante 038, sexo feminino, 21 anos, direito, bissexual).

“A união ou relacionamento amoroso e íntimo entre duas pessoas que tentam dividir afeto e companheirismo, que escolheram pessoas do mesmo sexo e que buscam de forma prazerosa relacionar-se e formar vínculos nesse relacionamento” (Participante 119, sexo feminino, 33 anos, psicologia, heterossexual).

“Homossexualidade é a relação sexual ou afetiva ou conjugal entre duas pessoas de sexo igual. Exemplo: homem e homem, mulher e mulher. Homossexualidade é um

grito ensurdecedor de determinadas pessoas chamando para serem aceitas de maneira igual e pedindo, exigindo, lutando pela liberdade de amar a quem quer que seja” (Participante 122, sexo feminino, 29 anos, psicologia, heterossexual)

“Envolvimento afetivo e sexual com uma pessoa do mesmo sexo” (Participante 236, sexo feminino, 34 anos, pedagogia, heterossexual).

O segundo subcorpus, foi composto pelas classes 1 e 4. A classe 1, *Consequências da orientação sexual*, com 62 UCEs e 25,51% do total classificado, tornando-se relevante quanto as representações encontradas, retratou como consequência da orientação sexual a existência de conflitos tanto internos como externos, discriminação, bem como a constante busca pela aceitação social. Diretamente relacionada a essa classe, apresenta-se a classe 4, intitulada *Homossexualidade e preconceito*, a qual apresentou 24,28% das UCEs, tendo como conteúdo o preconceito e a discriminação social sofrida pelos homossexuais em decorrência de sua orientação sexual, podendo-se confirmar com as falas abaixo:

Classe 1: Consequências da orientação sexual

“Relação de duas pessoas do mesmo sexo, normalmente com muitos conflitos” (Participante 032, sexo feminino, 44 anos, direito, heterossexual).

“É um grupo da sociedade, parte da sociedade que tem direito de fazer a sua escolha sexual e merece o nosso respeito e de toda a sociedade”. (Participante 046, sexo feminino, 48 anos, direito, heterossexual).

“Vejo como algo natural, na qual deveria ser visto pela sociedade com mais respeito pois, sexualidade não define caráter, todos somos iguais. Homossexualidade é tão igual quanto heterossexualidade, desde que haja amor, respeito entre todos os envolvidos, deveria haver mais tolerância, isso independente da idade na qual vive o indivíduo. Minha família trata-me com respeito e nada disso mudou em nosso relacionamento familiar, tive educação basilar e muito diálogo, acredito que isso esteja em falta nas famílias atualmente, por vezes ocorrendo conflitos familiares” (Participante 060, sexo feminino, 25 anos, direito, lésbica).

“É uma escolha na qual abrange sérias consequências, pois a sociedade não aceita e discrimina quem está fora do padrão do que é família” (Participante 102, sexo feminino, 26 anos, psicologia, heterossexual).

“É uma escolha na qual a pessoa vive, com todas as consequências e barreiras que possam vir com esta escolha” (Participante 105, sexo feminino, 27 anos, psicologia, não informou).

“Homossexualidade é quando há sentimentos entre pessoas do mesmo sexo. É a pessoa ter consciência de que vai encarar bastante dificuldades, pois ainda há bastante preconceito” (Participante 146, sexo feminino, 30 anos, psicologia, heterossexual).

“Uma pessoa que tem uma outra opção sexual diferente do normal, segundo a visão da sociedade. Enfrenta conflitos internos e externos” (Participante 238, sexo feminino, 34 anos, pedagogia, heterossexual).

“É a relação entre duas pessoas do mesmo sexo, que buscam constantemente a aceitação da sociedade, que por muitas vezes respondem negativamente e com isso sofrem muito preconceito, sem ser levado em conta que são pessoas que tem sentimento” (Participante255, sexo feminino, não informou, pedagogia, heterossexual).

“No meu ponto de vista são duas pessoas do mesmo sexo se descobrindo. Para mim é norma, estranho no início, mas normal. Eu queria muito contar minha história, mas tenho vergonha” (Participante 260, sexo feminino, 25 anos, pedagogia, não informou).

Classe 4: Homossexualidade e Preconceito

“Falta de educação familiar na orientação sexual, onde a família aceita os outros, mas recusa quando é dentro. A homossexualidade apenas aumenta devido à divulgação da mídia, onde alguns tentam tirar proveito de certas situações, devendo ser mostrado desde a infância a distinção entre homens e mulheres, e o papel de cada um na natureza” (Participante 021, sexo masculino, 51 anos, direito, heterossexual).

“Todos os homossexuais que conheço tiveram traumas ou frustração na infância na área familiar, acho que homossexualidade é um problema real, as pessoas aceitam porque está na moda ser, mas na verdade existem graves problemas por trás disso. Não tenho preconceito, tenho preocupação, porque ser homossexual muitas vezes não é resultado de uma escolha de vida, e sim de uma consequência da vida. Falo do que vivencio. Obrigada.” (Participante 043, sexo feminino, 22 anos, direito, heterossexual).

“É uma prática desnecessária, desregrada, pois, não há necessidade dessa prática, pois não se vive só de sexo, se não tem a ereção necessária, procura ocupar a mente com algo útil” (Participante 065, sexo masculino, 55 anos, direito, não informou).

“Algo difícil de ser aceito pela sociedade, família e amigos, no qual o indivíduo se sente muitas vezes pressionado a não expor sua homossexualidade devido aos aspectos sociais, a cobrança da sociedade. Na minha opinião, não é uma escolha isolada do indivíduo, e sim vários fatores correspondem para isso. Ainda se enfrenta muita dificuldade com a aceitação ou pelo menos, respeito com o homossexualismo” (Participante 110, sexo feminino, 27 anos, psicologia, heterossexual).

“É uma opção sexual de cada indivíduo, no qual em nossa sociedade atual ainda é tabu e coberta de preconceitos. Algo que causa sofrimento para alguns que são homossexuais, pela não aceitação dos mesmos dentro de vários contextos em que eles também são pertencentes e possuem direitos como todos os outros indivíduos” (Participante 124, sexo feminino, 26 anos, psicologia, heterossexual).

“É um tipo de orientação sexual ainda circunstanciada pelo preconceito ou não aceitação de si mesmo. Acredito que não seja fácil descobrir-se homossexual e ir contra os padrões da sociedade, porém, esse trabalho de aceitação e orientação contra o preconceito deve começar na infância” (Participante 185, sexo feminino, 28 anos, psicologia, heterossexual).

“É uma opção sexual do ser humano, que foge dos padrões da sociedade, onde casais do mesmo sexo se unem em prol de sua felicidade” (Participante 215, sexo feminino, 46 anos, pedagogia, heterossexual).

“Pessoas que gostam de outras pessoas do mesmo sexo e que não tem culpa alguma por ser assim e que sofrem muito preconceito por isso” (Participante 246, sexo feminino, 26 anos, pedagogia, heterossexual).

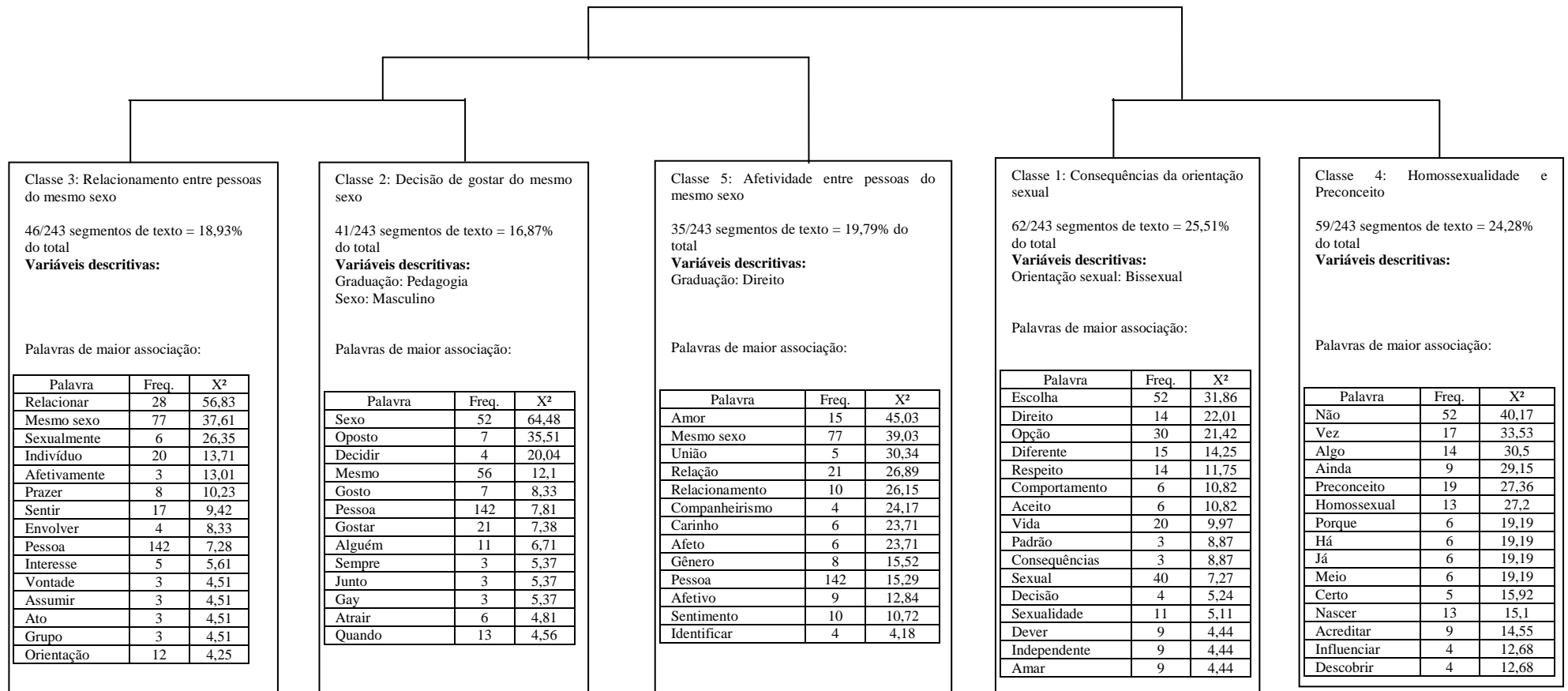


FIGURA 2: Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente – O que é homossexualidade

Pôde-se observar uma representação frequente entre os universitários do curso de direito ao se referirem à homossexualidade como uma doença, uma deficiência da natureza. Já nos estudantes de psicologia, observam-se citações onde se referem à homossexualidade como uma herança genética e que não há como “fugir”, ou muitas vezes relacionadas a um trauma vivido pelo indivíduo homossexual. Já nos alunos de pedagogia, não houve citações relacionando homossexualidade a doença ou algo genético, porém apresentam citações que relacionam a homossexualidade à falta de aproximação com Deus, conforme podemos verificar nas citações abaixo:

“É um transtorno mental” (Participante 071, sexo masculino, 25 anos, direito, heterossexual).

“Uma disfunção orgânica ou/e psíquica adquirida no desenvolvimento fisiológico de um indivíduo, que desenvolve uma compulsão sexual involuntária. Atração por indivíduos do mesmo sexo” (Participante 080, sexo feminino, 22 anos, direito, heterossexual)

“É algo genético que não tem como a pessoa fugir de si mesmo” (Participando 144, sexo feminino, 36 anos, psicologia, heterossexual).

“Entendo o termo como algo que já é definido geneticamente, ou seja, há hormônios masculinos ou femininos em demasia, tanto no homem quanto na mulher, o que acaba por determinar essa condição” (Participante 174, sexo feminino, 42 anos, psicologia, heterossexual).

“Homossexualidade é um trauma ocorrido na infância, na qual a personalidade do indivíduo será afetada e decidirá a orientação sexual do mesmo” (Participante 151, sexo masculino, 25 anos, psicologia, heterossexual).

“É uma pessoa que não tem conhecimento da palavra de deus, que não é liberta completamente” (Participante 292, sexo feminino, não informou, pedagogia, heterossexual).

Outra forma gráfica de apresentação dos dados provenientes dos corpus 1 obtidos através das entrevistas com os alunos é a nuvem de palavras, que trabalha com a representação gráfica em função da frequência de palavras, ou seja, agrupa as palavras que aparecem com mais frequência no corpus textual, possibilitando a identificação das palavras chave do *corpus*. A nuvem de palavras (FIGURA 3) originária do corpus 1, “*Para o senhor(a), o que é homossexualidade?*”, apresenta várias dessas palavras, dentre elas: pessoa, mesmo sexo, escolha, sexo, não, opção, homossexualidade, indivíduo, sociedade.

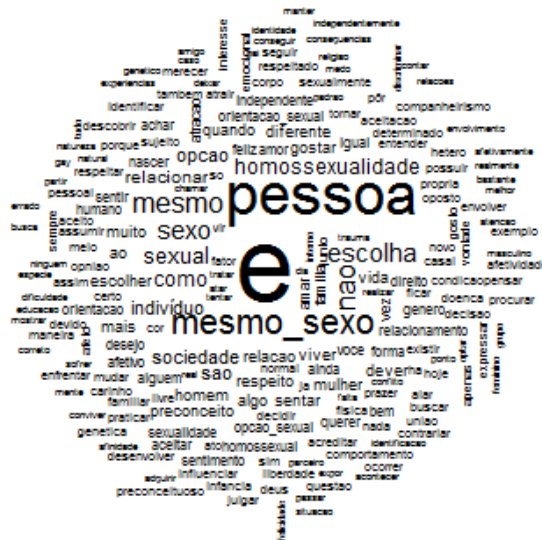


FIGURA 2: Nuvem de Palavras - Representações Sociais da Homossexualidade

Observa-se que as palavras centrais apontam para uma definição da homossexualidade sob uma perspectiva de escolha, onde indivíduos do mesmo sexo optam por relacionar-se, apresentando uma visão mais sexual que afetiva, bem como a necessidade de aprovação social.

Além da nuvem de palavras, outra ferramenta gráfica importante é a Análise de Similitude, a qual possui as ocorrências concomitantes das palavras e apresentações das suas conexões (FIGURA 4).

A conjunção “e” destacou-se com o maior número de palavras associadas e aparece como núcleo central, apresentando-se como elemento organizador das demais ramificações que formam a árvore. Os termos como: não, sexo, homossexualidade, sexual, mesmo, escolha, pessoa, mesmo sexo, são os que apresentam maior conexão com o núcleo.

A análise dos resultados do dendograma do corpus 2, constituído de 300 unidades de contexto inicial (UCIs), conseguidos mediante as respostas à pergunta Como o(a) Senhor(a) entende a velhice LGBT?, refere-se à representação dos universitários sobre o idoso LGBT, apresentou uma divisão de corpus em 283 UCEs (Unidades de Contexto Elementar), em que 1419 palavras, que ocorreram 7565 vezes, sendo 87,35% consideradas na classificação hierárquica descendente.

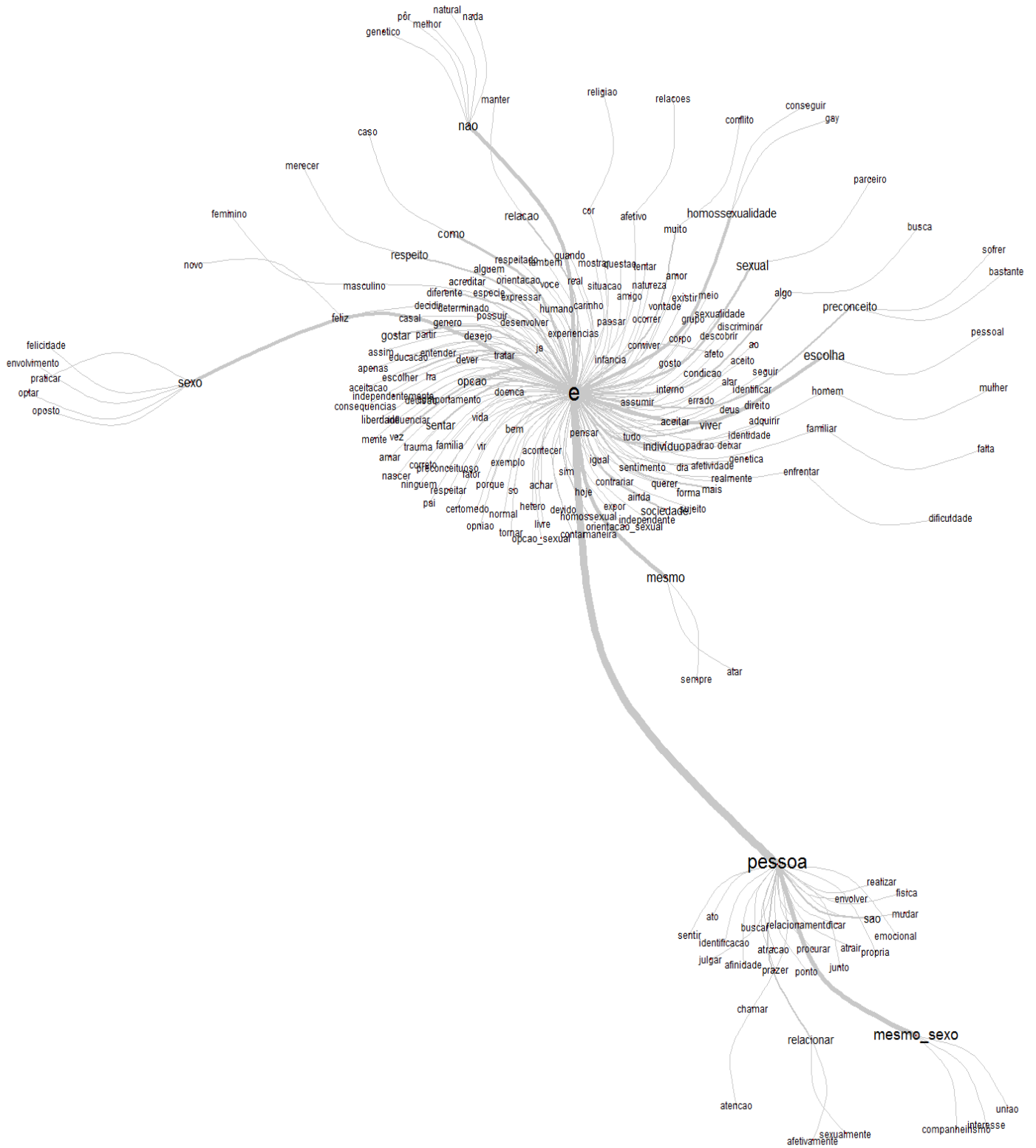


FIGURA 4: Análise de Similitude – O que é homossexualidade

Ressalta-se que a RS dos universitários sobre a velhice LGBT estão estruturadas em dois campos representacionais antagônicos, subdivididos em 5 classes (FIGURA 5). O primeiro campo corresponde às *Vivências de preconceito e exclusão*, que foi construído pelas classes 1 intitulada *Preconceito e discriminação na velhice LGBT* e classe 4 *O processo de exclusão da velhice LGBT*. No que diz respeito ao segundo campo, este está relacionado à *Liberdade e direito de vivenciar a velhice LGBT* composto pelas classes 2 com título *Liberdade na decisão da orientação sexual*, classe 3 nominada de *Maturidade na “escolha” da opção sexual* e classe 5 designada de *O direito de ser idoso LGBT*. Serão discutidas através das UCEs as classes estruturadas a seguir.

As classes 1 e 4 discutem sobre as experiências de discriminação e preconceito sofridas pelos idosos LGBT. Revelam tanto os estigmas como o rigor social diante a experiência dessas pessoas. Observa-se que essa situação gera exclusão conforme apresenta as classes abaixo.

Classe 1: Preconceito e discriminação na velhice LGBT

Os conteúdos que compõem as RS do preconceito e discriminação de acordo com as entrevistas estão permeados de estigmas sociais, incluindo a dificuldade de aceitação da família, intolerância religiosa, anormalidade. Para estes estudantes, a velhice é vista como uma fase que demanda cuidados, fragilidade e dependência. Essa primeira representação exibe um alto poder explicativo através de sua representatividade na análise semântica, é composta por 87 UCEs que apresenta representatividade de 30,74%, tornando-se relevante quanto às representações encontradas.

Nesta classe percebe-se a predominância do preconceito e discriminação, e levando-se em consideração as variáveis descritivas, pode-se caracterizá-la como uma classe constituída majoritariamente por universitários do sexo feminino com idades entre 28 e 33 anos. As palavras que obtiveram maior associação com a classe foram: *sociedade, preconceito, difícil, muito, preconceituoso, enfrentar, dificuldade, sofrer, homossexual*. Em seu conteúdo, ser idoso LGBT é um indivíduo que sofre duplo preconceito, sendo muitas vezes de forma explícita e violenta, sendo compreendida até mesmo como doença, conforme relatos a seguir:

“Acho como uma doença hormonal e psicológica” (Participante 44, sexo masculino, 34 anos, direito, heterossexual).

“Se trata de algo vergonhoso” (Participante 56, sexo masculino, 28 anos, direito, heterossexual).

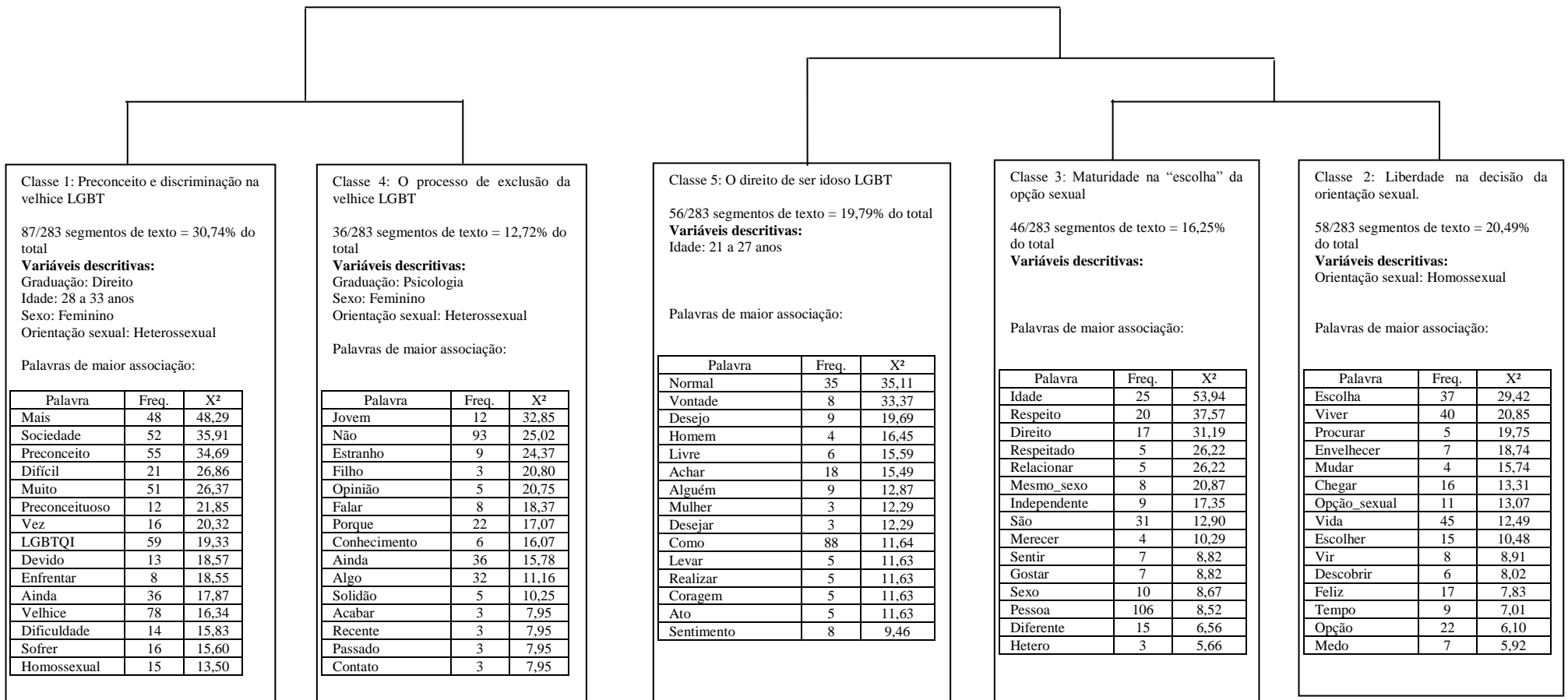


FIGURA 5: Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente – Representações Sociais da Velhice LGBT

“Uma sociedade que deve ter o dobro de respeito devido o preconceito já sofrido, combinado com a idade avançada, assim sofrendo preconceito em duplo grau” (Participante 93, sexo masculino, 27 anos, direito, heterossexual).

“A velhice LGBT na contemporaneidade ainda é vista sob muita discriminação, porém entendo como uma forma de a pessoa manifestar sua individualidade, sua maneira de ser e estar no mundo embora essa manifestação ainda não seja aceita e compreendida pela maior parte das pessoas, surgindo assim a intolerância e conseqüentemente a violência” (Participante 123, sexo feminino, 41 anos, psicologia, heterossexual).

“Deve ser doloroso, pois há muito preconceito, ainda mais sendo idoso, devem receber muitas acusações da própria família. Porém, na minha opinião, não devemos ter preconceito, nem maltratarmos nosso próximo, mas esta é uma prática abominada por Deus , pois na Bíblia está escrito que estes não herdarão o Reino dos Céus. Creio na salvação e torço para que qualquer pessoa LGBT, independente de sua idade, se converta e se arrependa de seu pecado” (Participante 112, sexo feminino, 23 anos, psicologia, heterossexual).

“Eu tenho preconceito sim e não concordo com isso, pois eu acho que a família sofre muita exposição e pela vergonha, mas isso vai depender também muito das famílias, também se for famílias conservadoras afeta muito mais” (Participante 129, sexo feminino, 32 anos, psicologia, heterossexual).

“Entendo que é um processo difícil de ser encarado, pois nossa sociedade é muito discriminatória, fazendo com que essa pessoa idosa se sinta a margem, por diversas razões, uma delas seria seu próprio sustento e cuidados compatíveis com a idade, uma vez que na velhice a pessoa se torna mais vulnerável” (Participante 160, sexo feminino, 43 anos, psicologia, heterossexual).

“Falar sobre LGBT na velhice ainda parece estranho logo vista que estas pessoas um dia foram jovens que viviam sob um regime educacional tradicional, patriarcal onde tudo que fugisse aos padrões sociais era mal visto. Esta é a herança que carregamos do preconceito, portanto é uma velhice ainda incomum” (Participante 276, graduando de pedagogia, heterossexual).

Verifica-se dessa forma na classe 1 que os conteúdos da análise hierárquica tornam perceptível os estereótipos negativos da sociedade frente a velhice LGBT. A qualidade da vida sexual do idoso é comprometida devido à falta de informação e o preconceito da sociedade. O idoso é cada vez mais inferiorizado devido regras e normas sociais que definem

que as pessoas envelhecidas são excluídas da sexualidade. A ligação direta com a classe 4 remete a reflexão sobre o receio que os idosos homossexuais têm de assumir sua sexualidade por medo de rejeição ou perseguição.

Classe 4: O processo de exclusão da velhice LGBT

De acordo com os 36 UCEs que estruturam esta classe, com representatividade de 12,72% do total, salienta-se que a mesma é considerada a classe com menor poder explicativo deste dendograma entre os 300 estudantes pesquisados. No referente às variáveis descritivas a classe 4 foi formada por discentes de psicologia, do sexo feminino e orientação heterossexual.

Verifica-se uma preponderância de conteúdos relacionados à solidão, exclusão e carência, em razão das palavras que tiveram maior associação com a classe: jovem, estranho, filho, opinião, falar, conhecimento, solidão, acabar, passado, contato. Os conteúdos lexicais mencionados pelos universitários dizem respeito à exclusão, ressaltando as atitudes discriminatórias aos idosos LGBT, como pode ser evidenciado nos discursos a seguir:

“Como algo estranho pois a maioria delas, como o caso do meu tio, teve a opção de não ter filhos e por isso quando chegam na velhice acabam se sentindo muito só, sem falar nos parentes que tem preconceito com o mesmo” (Participante 53, sexo feminino, 22 anos, direito, heterossexual).

“Acredito que a maioria das pessoas na velhice LGBT sejam solitárias, sem muito afeto por parte de algumas pessoas, pois ainda existe muito preconceito em relação a esta escolha” (Participante 105, sexo feminino, 27 anos, psicologia, heterossexual).

“Ser idoso já é difícil e bastante excluído, muitas vezes até pelos próprios familiares e quando se trata de LGBT aí é uma situação crítica de discriminação, preconceito, abandono e muitas vezes também isolados do seu meio social” (Participante 191, sexo feminino, 50 anos, psicologia, heterossexual).

“Provavelmente perigosa. Muitas implicações podem ocorrer como, por exemplo, a solidão que já é própria da velhice de qualquer pessoa em muitos casos. Há possivelmente uma maior possibilidade de abandono do idoso LGBT até mesmo por lhe faltar muitas vezes, desde novo, a estrutura familiar. Já que ele escolheu pessoa do mesmo sexo, nunca poderá procriar e ter sua prole, aumentando assim o risco de

solidão e abandono na velhice” (Participante 192, sexo feminino, 45 anos, psicologia, heterossexual)

“Sem vida, pois já viveram tudo que tinha de viver” (Participante 223, sexo feminino, 28 anos, pedagogia, heterossexual).

Já no segundo campo, que refere-se a liberdade e direito de viver a velhice LGBT representado pelas classes 2, 3 e 5, deu-se uma subdivisão, em que as classes 2 e 3 , foram posicionadas contrariamente à classe 5.

Classe 2: Liberdade na decisão da orientação sexual

A segunda classe da análise hierárquica aqui aplicada foi estruturada com 58 UCEs, representando 20,49% do total de 300 entrevistas. As palavras que obtiveram maior associação com a classe referem-se à liberdade na decisão da orientação sexual, conforme descritas a seguir: escolha, viver, procurar, envelhecer, mudar, opção sexual, vida, descobrir, feliz, tempo, opção, medo. Nesta classe, os conteúdos semânticos mais característicos são:

“Mera decisão de cunho sexual diante a vontade de realizar tal desejo sexual” (Participante 84, sexo masculino, 24 anos, direito, heterossexual).

“A liberdade de opção e realização de seus desejos” (Participante 94, sexo feminino, não informou, direito, heterossexual).

“São idosos que na maioria das vezes passaram a vida escondendo seus sentimentos, sua orientação sexual, ou por conta do contexto que vive ou mesmo por medo do preconceito ou discriminação. Hoje, não que eles não sofram preconceitos, mas a liberdade de expressão melhorou e muitos estão assumindo sua homossexualidade” (Participante 251, sexo feminino, 31 anos, pedagogia, heterossexual).

“É complicado explicar, porém vejo que essas pessoas têm uma experiência muito grandiosa de vida, acredito que tiveram que enfrentar vários desafios para conquistar sua liberdade de viver com dignidade devido essa sociedade preconceituosa em que vivemos. (Participante 182, sexo feminino, 41 anos, psicologia, heterossexual).

Classe 3: Maturidade na “escolha” da opção sexual

A classe 3 da análise hierárquica que foi utilizada está diretamente relacionada com a classe acima descrita (classe 2) e envolveu 16,25% do total, resultando em 46 unidades de contexto elementar. As palavras que tiveram maior associação com a classe foram: *idade, respeito, direito, relacionar, mesmo sexo, independente, merecer, sentir, gostar*. Pode-se perceber, conforme as UCEs, as características desta fase de acordo com os conteúdos semânticos a seguir:

“Como forma de aprendizagem, ultrapassando vários tipos de situações difíceis decorrentes do dia a dia, mas sempre juntos enfrentando todos os obstáculos” (Participante 70, sexo feminino, 23 anos, direito, heterossexual).

“Acredito que seja algo tranquilo de se lidar, pois os idosos já devem ter passado por varias situações, situações essas que acredito que os deixaram bastante maduros e seguros para aprender a lidar com as críticas e com isso abstrair apenas o que há de bom nas pessoas” (Participante 106, sexo masculino, 23 anos, psicologia, heterossexual).

“Pessoas com maturidade suficiente para assumirem o que são de forma segura, sem preocupação com o que os outros dizem” (Participante 193, sexo feminino, 21 anos, pedagogia, heterossexual).

“Como algo muito bem resolvido e por entender que o mundo atual é difícil, assumir que se tem atração, desejo e vontade por pessoas do mesmo sexo, quanto mais na velhice, é um ato de coragem, pois a sociedade tem uma visão do idoso como alguém correto, que segue regras e normas perante a sociedade e não os vê como alguém que ainda tem desejos e vontades a serem explorados no próprio corpo. Respeito a coragem, pois a maioria foram educados para entenderem que homem foi feito para a mulher” (Participante 121, sexo feminino, 24 anos, psicologia, heterossexual).

“Ainda é um pouco estranho devido o preconceito, mas é visto com mais aceitação. São pessoas mais conscientes de suas escolhas e mais experientes, então encaram a vida com mais sabedoria. LGBT também são pessoas com sentimentos e independente de sua idade, tem direito de fazer suas próprias escolhas” (Participante 146, sexo feminino, 30 anos, psicologia, heterossexual).

“Nunca pensei no assunto, mas analisando neste momento, entendo como uma consolidação de uma escolha feita na idade jovem e que persiste pelo resto da vida” (Participante 177, sexo feminino, 40 anos, psicologia, heterossexual).

“Como uma aceitação do que ela realmente é, pois através das experiências vividas pela mesma, tem a capacidade de se reconhecer, identificar e se aceitar como ela realmente se reconhece, além de viver de forma plena” (Participante 180, sexo feminino, 23 anos, psicologia, heterossexual).

Classe 5: O direito de ser idoso LGBT

Por último, a quinta classe da análise hierárquica descendente empregada envolve 19,79% do total das entrevistas, concluindo 56 UCEs. A variável descritiva que predomina nessa classe, os universitários com idade entre 21 e 27 anos. A RS nessa classe organiza-se em torno do direito que o idoso LGBT tem de viver o seu estilo de vida com respeito e dignidade, tendo as palavras mais freqüentes a seguir: normal, vontade, desejo/desejar, livre, levar, realizar, coragem, ato, sentimento. Pode-se perceber, conforme as UCEs, nos conteúdos semânticos a seguir:

“Entendo que seja normal, assim como os heterossexuais. Um humano como outro qualquer, que tem amor e que em decorrência do tempo envelheceu, e que com certeza não teve como correr de sua realidade, pois é natural e não uma escolha. O amor não tem face nem corpo físico, então não tem como definir que amor só existe entre heteros” (Participante 66, sexo feminino, 22 anos, direito, homossexual).

“Entendo como um fenômeno normal, pois eles ou elas também são dignos de respeito e têm direitos e deveres na sociedade. A velhice LGBT é uma dignidade prevista na CF 88, pois todos nós somos iguais, devemos respeitar e amar o próximo” (Participante 72, sexo masculino, 22 anos, direito, orientação não informada).

“São pessoas com opção sexual diferente da que a sociedade tem como padrão, mas que merecem todos os seus direitos, porque são pessoas humanas com sua dignidade e merecem respeito como qualquer ser humano” (Participante 221, sexo feminino, 27 anos, pedagogia, heterossexual).

“Uma nova realidade, eu acredito que isso irá se tornar algo comum no futuro devido ao grande número de indivíduos LGBT” (Participante 55, sexo masculino, 25 anos, direito, heterossexual).

“Entendo como algo normal e presente. Precisamos aceitar essa modernidade, precisamos incluir os nossos irmãos. Não aceito a visão religiosa que insiste em crucificar quem deseja amar alguém que é seu semelhante. Devíamos lutar contra o ódio, o rancor e não contra inúmeras possibilidades de amor” (Participante 122, sexo feminino, 29 anos, psicologia, heterossexual).

“O idoso LGBT é igual a qualquer outra pessoa nova, não é porque ele está velho que não pode viver sua vida com sua sexualidade escolhida. Está na velhice sendo LGBT é um desafio na sociedade em que vivemos” (Participante 139, sexo feminino, 21 anos, psicologia, heterossexual).

A nuvem de palavras (FIGURA 6) originária do corpus 2, “*Como o(a) Senhor(a) entende a velhice LGBT?*”, apresenta várias dessas palavras, dentre elas: pessoa, velhice, como, não, idoso LGBT, sociedade, direito, difícil, respeito, homossexual, escolha, normal, preconceituoso, opção sexual.

Observa-se que as palavras mais freqüentes são aquelas que se encontram no centro do gráfico, sinalizando para a representação dos entrevistados sobre a velhice LGBT em dois pólos antagônicos, pois ao mesmo tempo em que se observa como sendo algo normal, uma escolha, uma opção do idoso por relacionar-se com alguém do mesmo sexo e que deve ser respeitada e aceita socialmente, verifica-se como uma escolha difícil de ser enfrentada. Percebe-se que a palavra preconceito se faz muito presente na maioria das falas dos entrevistados, demonstrando assim o estereótipo negativo da homossexualidade na velhice.



FIGURA 7: Análise de Similitude sobre RS da Velhice LGBT

Por fim, a análise dos resultados do dendograma do corpus 3, constituído pelas UCIs conseguidas mediante as respostas da terceira e última questão, refere-se a concepção dos universitários sobre os idosos LGBT possuírem condições seguras para viver a velhice de forma tranquila. O corpus foi formado por 300 UCIs e dividiu-se em 220 UCEs (Unidades de Contexto Elementar), em que 1.250 palavras, que ocorreram 6.649 vezes, 70,29% consideradas na classificação hierárquica descendente.

No dendograma estão apontadas as quatro classes em que o corpus se dividiu, com o título e a descrição de cada uma delas, o número de UCEs que a compõe, as variáveis correlacionadas e as palavras com maior associação com a classe relatada, considerando o coeficiente do teste de associação qui-quadrado (FIGURA 8).

A primeira divisão do Corpus 3 deu origem a dois subcorpus, o primeiro, formado pelas classes 1, 2 e 4, o segundo subcorpus, em oposição ao primeiro, composto pela classe 3. No primeiro subcorpus, deu-se uma subdivisão, em que as classes 1 e 2, foram posicionadas contrariamente à classe 4. A classe 4 intitulada *Necessidade de situação financeira estável*, a qual apresentou 20,0% do total de UCEs, atribui que na percepção dos universitários, os idosos LGBTs para terem uma velhice de forma tranquila é necessário que os mesmos não dependam financeiramente de ninguém, ou seja, que eles sejam capazes de se manter sem precisar de ajuda financeira de familiares. Essa representação construída pode ser observada a partir dos discursos elencados pelos entrevistados:

“Depende muito de sua condição financeira, isso é muito relativo” (Participante 075, sexo masculino, 25 anos, direito, heterossexual).

“Não, os fatores sócio-econômicos não contribuem para terem uma velhice segura” (Participante 094, sexo feminino, não informou, direito, heterossexual).

“Sim, porque já são pessoas maduras, independentes financeiramente. Em sua maioria não precisam dar satisfações de suas vidas para ninguém” (Participante 106, sexo masculino, 23 anos, psicologia, heterossexual).

“Em um contexto geral não, porém se ele for realizado financeiramente poderá construir uma velhice mais tranquila, mesmo com toda discriminação, terá menos problemas, pois a nossa sociedade te julga, valoriza pela sua situação financeira” (Participante 183, sexo masculino, 39 anos, psicologia, heterossexual).

“Depende de como foi o seu planejamento financeiro que ao longo da vida ele teve. Muitos trabalham de forma informal, dificultando assim, ter seus direitos garantidos” (Participante 238, sexo feminino, 34 anos, pedagogia, heterossexual)

“Com certeza. Muitas vezes, mesmo sem parceiro, vivem de maneira segura e tranquila. Conheço vários amigos que são idosos e vivem bem, viajando, passeando, curtindo a vida como podem, muitas vezes com os amigos e gastando dinheiro, pois geralmente são aposentados... vão é curtir a vida” (Participante 264, sexo feminino, 50 anos, pedagogia, homossexual)

A classe 1, intitulada *Escolha que traz sofrimento*, com 62 UCEs e 28,00% do total classificado, perpassa por questões relacionadas ao sofrimento, a solidão devido a “escolha” de ser LGBT. Esta classe manteve relação com a classe 2, *Impossibilidade de viver a velhice LGBT devido o preconceito*, a qual apresentou 37 UCEs e 17,00% do total classificado, teve como conteúdo implicações sobre a impossibilidade de viver a velhice LGBT, implicações estas relacionadas ao preconceito, discriminação, violência e doenças. Deste modo, os discursos abaixo corroboram os resultados supracitados para as referidas classes.

Classe 1: Relacionamento entre pessoas do mesmo sexo

“Não, pois o psicológico dos mesmos já está abalado com o preconceito que sofrem diariamente” (Participante 053, sexo feminino, 22 ano, direito, heterossexual).

“As vezes sim, as vezes não. Quando são realizados, vencem suas barreiras, quando não, entram em depressão” (Participante 090, sexo masculino, 57 anos, direito, heterossexual).

“Não. Porque já estão mais sensíveis a tudo que ocorre na vida, então tomar uma atitude de se assumir é um pouco constrangedor até para os mesmos” (Participante 186, sexo feminino, 21 anos, psicologia, heterossexual).

“Não. Pois a sociedade preconceituosa não os possibilita viver em condições seguras, sempre os julga não só pela sua escolha sexual mas também pelo fato de serem idosos. E essas dificuldades afetam não só em sua vida social mas também a psicológica e sua integridade física” (Participante 187, sexo feminino, 22 anos, psicologia, heterossexual).

“Condições sim, pois cada um tem o fruto da escolha que fez. Porém, sofrerá bastante, pois vivemos em uma sociedade muito preconceituosa e com falta de amor” (Participante 201, sexo feminino, 21 anos, pedagogia, heterossexual)

“Sim, pois tem plena consciência de que vive do jeito que ele quer ser e viver” (Participante 202, sexo masculino, 21 anos, pedagogia, não informou).

Classe 2: Impossibilidade de viver a velhice LGBT devido o preconceito

“Não acredito nessa condição, uma vez que eles nem sabem exatamente porque vivem a homossexualidade, pois se soubessem desde muito cedo não haveria imposição para aceitação, por isso mesmo a sociedade hetero tem se tornado tão intolerante quanto ao assunto. Os idosos heteros sofrem muito e os LGBTs mais ainda” (Participante 004, sexo feminino, 51 anos, direito, heterossexual).

“Acredito que não, nossa sociedade apesar de todos os discursos, ainda é bastante preconceituosa, ainda mais quando é na sua própria família” (Participante 62, sexo feminino, 27 anos, direito, heterossexual).

“Não, porque ele vai sofrer muitas discriminações da sociedade e até mesmo dos familiares que o cercam, pois a velhice de idoso hétero já é muito complicada, imagine de um idoso LGBT que tem que passar por várias coisas que vão afetar seu psicológico” (Participante 129, sexo feminino, 32 anos, psicologia, heterossexual).

“Na sociedade e no mundo que vivemos atualmente, ninguém está seguro, obviamente que essas pessoas podem sim estarem mais suscetíveis a violência, além de pegar ou adquirir doenças que são mais comuns a essas práticas sexuais” (Participante 154, sexo feminino, 37 anos, psicologia, heterossexual).

“De forma geral não, mas através de políticas públicas podem se sentir acolhidos e valorizados” (Participante 243, sexo feminino, 21 anos, pedagogia, heterossexual).

“Não, as pessoas tem muito preconceito, a maioria não respeita e acha uma aberração. Todos os dias vemos casos de pessoas homofóbicas, matando, espancando pessoas jovens, imagine idosos. Os idosos já são maltratados e sem segurança por serem idosos, imagina um idoso homossexual, realmente eles não vivem uma velhice segura e tranquila” (Participante 245, sexo feminino, 30 anos, pedagogia, heterossexual)

O segundo subcorpus, foi composto pela classe 3. Intitulada *Direito a viver a vida livre e feliz*, com 77 UCEs e 35,00% do total classificado, apresentando-se assim como a classe de maior representatividade, retratou sobre o direito de igualdade entre as pessoas, o direito de amar quem quiser e que sabem o que é melhor para si, podendo-se confirmar com as falas abaixo:

“Creio que sim, por mostrarem ter maturidade e já ter vivenciado algumas coisas” (Participante 008, sexo masculino, 22 anos, direito, heterossexual).

“Na atual sociedade sim, pois vem adquirindo direitos e respeito para que possam viver de forma digna e tranquila” (Participante 093, sexo masculino, 27 anos, direito, heterossexual).

“Sim, pois os idosos também possuem seu livre arbítrio e tem o direito de ser e viver da forma com a qual preferem” (Participante 113, sexo feminino, 25 anos, psicologia, heterossexual).

“Sim, pois todos somos regidos dos mesmos direitos, embora haja preconceito e falta de conscientização” (Participante 162, sexo feminino, 21 anos, psicologia, heterossexual)

“Todos nós temos o direito de ser feliz” (Participante 242, sexo feminino, 39 anos, pedagogia, homossexual).

“Sim, independente de qualquer coisa, são humanos acima de tudo e tem coração... devem ser respeitados e sentem amor e afeto” (Participante 256, sexo feminino, 21 anos, pedagogia, heterossexual).

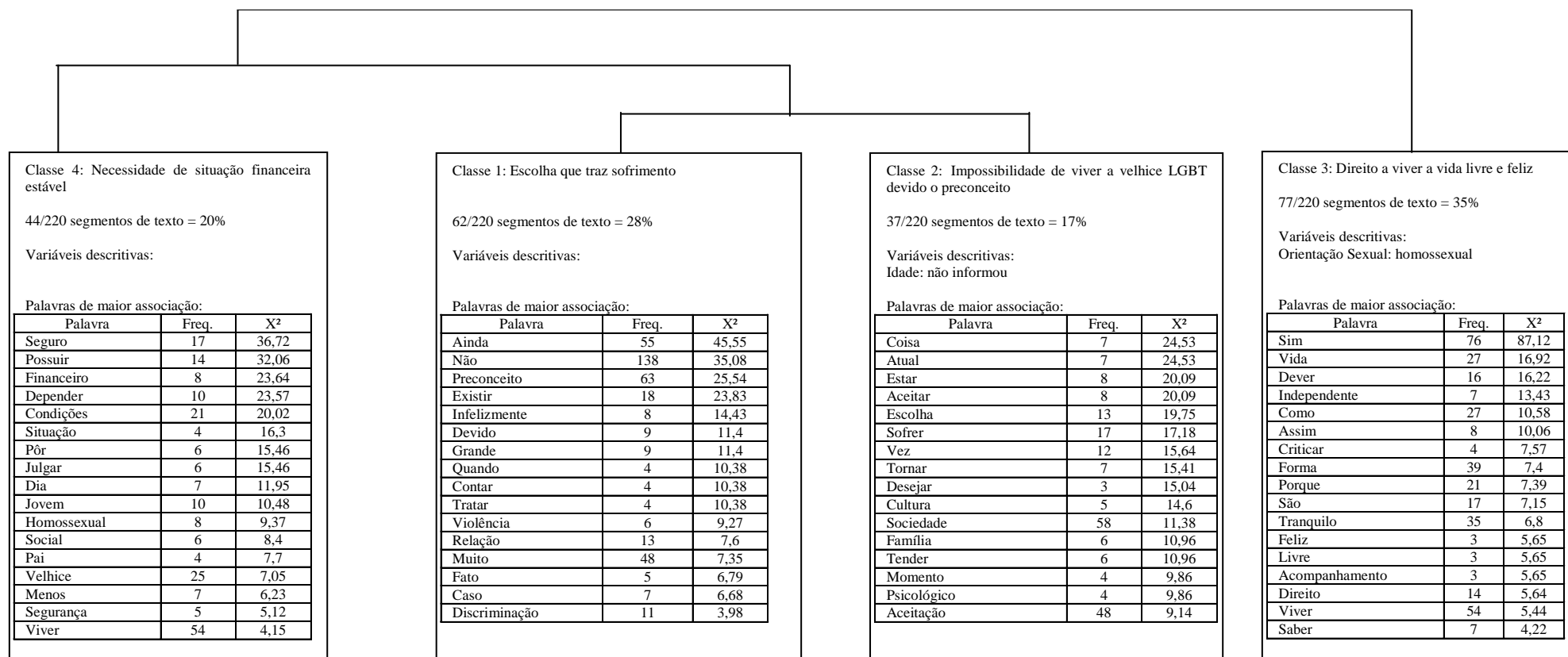


FIGURA 8: Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente – Condições para viver a velhice LGBT de forma segura e tranquila

A respeito da representação gráfica da nuvem de palavras (FIGURA 9), algumas palavras destacaram-se a no que tange a percepção dos universitários sobre as condições de vivenciar a velhice LGBT, tais como: não, sim, preconceito, viver, idoso, tranquilo, sociedade e acreditar.



FIGURA 9: Nuvem de palavras – Condições para viver a velhice LGBT de forma segura e tranquila

Como pode ser observado na representação gráfica da nuvem de palavras, as palavras centrais apontam para uma percepção dos idosos LGBT como pessoas que ainda enfrentam muito preconceito e desaprovação da sociedade, mas que merecem respeito e tem direito de viver a velhice de forma tranquila. Complementando à nuvem de palavras, a análise de similitude (FIGURA 10) apresenta, também de forma gráfica, as co-ocorrências e conexões entre as palavras relacionadas ao corpus textual 3.

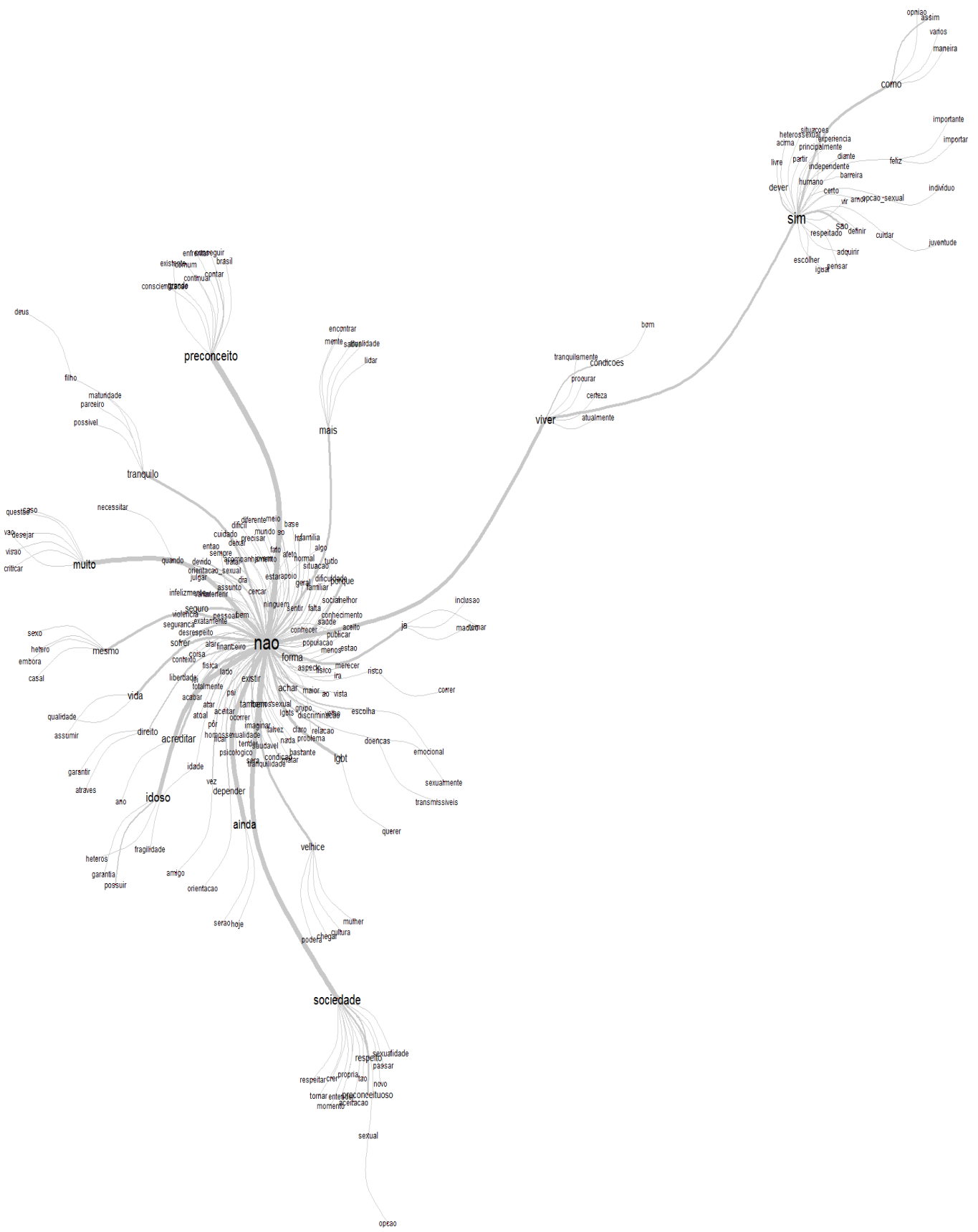


FIGURA 10: Análise de Similitude sobre Condições para viver a velhice LGBT de forma segura e tranquila

No que diz respeito sobre a análise de similitude, a palavra *não* surge como núcleo central, apresentando-se como elemento chave dos termos descendentes que formam a análise. Os termos descendentes como: *sociedade, ainda, idosos, muito, preconceito, viver* como são os que possuem maior conexão com o centro semântico, destacando-se as ramificações *sociedade e preconceito*, as quais apresentaram maior número de palavras relacionadas.

7. DISCUSSÃO

Conforme os resultados apresentados pela entrevista observa-se uma representação social dos universitários sobre as pessoas LGBTs construída por um viés de escolha, como uma decisão que o indivíduo toma em relação a sua orientação sexual. Pesquisadores sociais, contrariamente a representação social dos universitários, atrelam a orientação sexual LGBT à identidade do sujeito, e que esta se desenvolve através de um processo de construção, que sofre interferência tanto da sociedade como da cultura que estes sujeitos fazem parte. O indivíduo é formado por múltiplas identidades, que se formam através do convívio social e das relações de poder entre as instituições e os grupos sociais.

Segundo Orel e Fruhauf (2015), para que se possa compreender a formação da identidade de um indivíduo se faz necessário conhecer a cultura, o papel social desempenhado dentro dessa cultura e o momento histórico vivenciado. Mota (2014) ressalta que a experiência homossexual é considerada uma construção social, não sendo simplesmente uma escolha que o indivíduo faz. Não é algo próprio do indivíduo, que não possa ser modificado, visto que a identidade é um processo ininterrupto de construção pessoal, sendo transformada de acordo com as experiências vivenciadas.

De acordo com Fry e MacRae (1991), as idéias e práticas associadas a homossexualidade são produzidas historicamente no íntimo das sociedades, ou seja, os papéis sexuais variam de cultura para cultura, bem como de época para época e são forjados socialmente. Devido a isso, geram-se dentro das sociedades expectativas sobre padrões apropriados para homens e para mulheres, essas expectativas, muitas vezes inconscientes, são impostas através de mecanismos sociais, sendo que qualquer desvio deve ser reprimido e deve-se buscar o “bom comportamento” novamente (FRY; MACRAE, 1991). Desta forma, alguns padrões deixam de ser uma condição e passam a ser entendidos como naturais dentro da sociedade.

Dessa maneira, corroborando com os achados da entrevista, observou-se nos resultados apresentados pela TALP uma representação da homossexualidade como sendo um ato de coragem para assumir sua orientação sexual, de modo que tal construção se deu pelos estudantes com orientação bissexual. É importante mencionar que a discussão de homossexualidade e a relação com o gênero advém das discussões de movimentos sociais voltados às minorias excluídas da sociedade, que buscam o respeito a dignidade humana e o respeito a diversidade, como por exemplo os grupos LGBTs, as feministas, as discussões

raciais dentre outros. Dinis e Cavalcante (2008) rememoram que as discussões sobre gênero tornaram-se mais recorrentes, principalmente devido os trabalhos desenvolvidos por grupos feministas, que questionavam as representações tradicionais que definem o que é ser homem ou ser mulher. Para Meyer (2003), as discussões sobre gênero englobam todas as formas de construção social e cultural que estão relacionadas à diferenciação entre homens e mulheres e os processos que produzem os corpos, diferenciando-os e separando-os como corpos providos de sexo, gênero e sexualidade (MEYER, 2003).

Com relação à definição de homossexualidade, que foi a primeira pergunta da entrevista, apesar de no geral ser considerada pelos universitários como uma escolha, pôde-se observar em algumas falas dos estudantes do curso de direito uma tendência a definir homossexualidade como doença, relacionado ao fisiológico. Compreende-se que esse entendimento pode estar relacionado, à representação que o profissional de direito trabalha com um conjunto de regras que disciplinam as diversas dimensões da vida das pessoas, sendo desta forma, necessário enquadrar os homossexuais a alguma regra, para assim garantir os direitos e deveres dessas pessoas, bem como propor intervenções legislativas para o enfrentamento dos problemas que possam surgir, visto que sempre os alunos referiam-se a direitos e deveres dos indivíduos e sobre as garantias da lei. Também pode-se ressaltar que de acordo com a matriz curricular do curso de direito da instituição pesquisada, segundo o Projeto Pedagógico do Curso, não há disciplinas voltadas para a área de saúde e educação, não formando assim o aluno de direito para uma visão mais holística do indivíduo.

Já os estudantes do curso de psicologia, em algumas falas apresentaram uma inclinação ao referir-se a homossexualidade como uma herança genética, algo que não dá para “fugir”, ou muitas vezes relacionam a algo vivenciado na fase da infância. Pode-se entender que essa tendência a pensar desta forma pode ter uma relação com a matriz curricular do curso de psicologia desta instituição, que segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) apresenta como ênfase a saúde e o social, contendo as disciplinas de fisiologia e genética como disciplinas obrigatórias a serem cursadas, bem como o perfil do curso, que estuda os fenômenos psíquicos e de comportamento do indivíduo em sua interação consigo mesmo e com a sociedade, a partir da análise de seus valores, emoção e ideias.

Agora, referindo-se aos estudantes do curso de pedagogia, não houveram respostas relacionando homossexualidade a doenças ou algo genético, porém em algumas manifestações, percebeu-se a presença de um discurso voltado para a religiosidade, relacionando a homossexualidade com a falta de Deus na vida dessas pessoas. Pode-se compreender que a graduação de pedagogia desta Instituição de ensino, segundo Projeto

Pedagógico do Curso, apresenta uma matriz curricular interdisciplinar proporcionando a seus alunos uma visão holística do indivíduo em suas interações, talvez por isso não houve relação com doença ou fatores genéticos. Uma conexão que é possível fazer com relação a esse dado encontrado é devido ser o único curso, dos três pesquisados, que havia a presença de pessoas de vocação religiosa, ou seja, freiras. Dos 100 alunos pesquisados na pedagogia, a pesquisa foi realizada em 5 turmas, sendo que em duas delas, havia a presença das freiras.

Deste modo, pode-se compreender que, segundo Moscovici (2007) o estudo das representações sociais serve como base para descrever e explicar o conhecimento social elaborado e difundido sobre determinados assuntos, eventos, indivíduos ou grupos, que de certa forma sejam considerados estranhos, diferentes e que não se ajustam aos padrões culturais dos grupos majoritários. Neste caso, refere-se a compreensão da homossexualidade por parte dos universitários pesquisados. De acordo com Abric (2001) as representações são uma organização de atitudes, pensamentos, crenças e informações determinadas pelos sujeitos, em seu contexto social e com seus vínculos. As representações ajudam a compreender de que forma um fenômeno se insere em uma sociedade, como ele é entendido, explicado e comunicado, tendo uma ligação da forma como se age em relação a ele (SCARDUA; FILHO, 2006).

As representações tem a função de produzir comportamentos e comunicações entre os indivíduos, ou seja, são feitas a partir das comunicações sociais, que relacionam os contextos sociais e culturais que os indivíduos estão inseridos. As respostas dos universitários participantes da pesquisa sobre homossexualidade e que estão relacionadas a doença, fatores genéticos ou questões religiosas, podem ser resultantes da forma como esses estudantes tem acesso e absorvem o que seu meio social pensa sobre essa temática, bem como o que os meios de comunicação expõem a respeito.

Ao tempo em que os universitários atrelam homossexualidade a escolha, os mesmos referem-se que essa escolha deve ser respeitada, fazendo uma relação tanto aos desejos sexuais como também ao envolvimento afetivo, pautado no amor, carinho, respeito e liberdade de se relacionar com quem desejar. Essas representações também puderam ser encontradas no teste de associação livre de palavras (TALP), onde os estudantes que se encontram na faixa etária entre 28 e 33 anos evocaram palavras que expressaram a liberdade que essas pessoas tem para expressar a sua orientação sexual e os estudantes de pedagogia ressaltaram que é uma relação que envolve amor e respeito. Corroborando com a fala dos estudantes, Pocahy e Nardi (2007) discutem sobre a livre expressão da sexualidade, vista como um direito de cidadania, principalmente porque as desigualdades sociais reforçam o

preconceito e discriminação ligados à orientação sexual e às representações de gênero (POCAHY; NARDI, 2007).

As falas dos universitários também remetem que, ao tempo que se deve respeitar a liberdade de se relacionar com quem quiser, ressaltam que essa orientação sexual acarreta em conflitos intra e interpessoais. Ao retratar os conflitos intrapessoais, pode-se dizer o medo de “sair do armário”, pois a ideia de que revelar seus sentimentos ou tendências sexuais possa levar a estigmas, preconceito e rejeição, gerando no indivíduo uma necessidade primária de se esconder (LEVOUNIS; DRESCHER; BARBER, 2014; MOTA 2014). Os estigmas segundo Goffman (1985), podem ser entendidos como uma forma de controle social na qual os grupos dominantes afastam as minorias dos espaços sociais.

Essa representação pode ser melhor visualizada a partir dos dados apresentados pela TALP com os estudantes que compõem o grupo das pessoas que não informaram a idade, onde referiram-se a homossexualidade como circunstância em que essas pessoas tem medo de assumir a sua orientação sexual. Segundo Ceará e Dalgarrondo (2010), a rigidez social ou individual da aceitação da homossexualidade ou da diversidade das orientações sexuais pode acarretar nos indivíduos homossexuais dificuldade de aceitação da própria identidade, associado a um menor ajustamento social, baixa autoaceitação, baixa autoestima e autodepreciação (CEARÁ; DALGARRONDO, 2010).

Ao versar sobre os conflitos interpessoais, pode-se referir ao preconceito e discriminação. As pessoas com orientação sexual diferentes, ou seja, que não façam parte da heteronormatividade, sofrem na maioria dos casos rejeição tanto da família, como também dos amigos e sociedade em geral. Uma das expressões mais utilizadas na heteronormatividade é a “homofobia”, ou seja, um termo que vem sendo utilizado largamente no contexto dos movimentos LGBTs para indicar o ódio e a aversão aos homossexuais e a todas as outras manifestações da sexualidade não hegemônicas (POCAHY; NARDI, 2007). Pode significar tanto o medo ou ódio que os heterossexuais sentem pelas pessoas LGBTs como o sentimento de fardo pessoal que os LGBT carregam consigo mesmo (LEVOUNIS; DRESCHER; BARBER, 2014).

No que diz respeito às representações sociais do envelhecimento LGBT, observou-se a partir dos dados obtidos pela entrevista semiestruturada que os universitários dos três cursos representam os idosos LGBT como pessoas que tem direito de viver a vida livre e feliz, e ao mesmo tempo ressaltam que esta vivência se torna difícil devido o preconceito.

A partir do cruzamento destes dados com a TALP, observou-se que as informações encontradas corroboram com os dados da entrevista em vários grupos de estudantes. Ao

referir-se à velhice LGBT, os universitários do curso de psicologia afirmaram que essas pessoas devem ser aceitas, porém sofre exclusão por conta de sua orientação sexual, o que acarreta tristeza e angústia. Os estudantes do curso de direito do sexo masculino ressaltaram a liberdade que esses idosos têm em expressar sua sexualidade, que é baseada em uma relação de carinho que merece respeito. Os estudantes que compõem o grupo dos alunos que tem mais de 40 anos destacaram a representação de que esses idosos sofrem bastante preconceito.

O campo de vivências de preconceito apresenta tanto os estigmas vivenciados por estes idosos bem como a intolerância social face a experiência LGBT dos velhos, e a exclusão se faz presente por receio de sofrer discriminação ao assumir publicamente sua condição.

A patologização e criminalização da identidade de gênero limitam a agência dos indivíduos LGBTs na tomada de decisões (FREDRIKSEN-GOLDSSEN, 2015). Os relatos apresentam com frequência uma alusão ao medo ou receio que os idosos LGBT tem em assumir sua sexualidade para a família e grupo de amigos, tanto por receio da não aceitação como por causa da intolerância religiosa. Dados estes, também observados na TALP quando refere-se às representações do grupo de universitários que não informaram a idade, estes ressaltam que os idosos LGBTs devem ter receio de assumir sua orientação sexual por medo de exclusão. Desta maneira, estudos apontam para o estabelecimento de vínculos com outros homossexuais e com pessoas que aceitem incondicionalmente sua realidade homoafetiva (MARQUES; SOUSA, 2016) como uma forma encontrada por estes idosos para trabalhar sua auto-aceitação.

Percebe-se também preconceito nas RS dos universitários quando remete-se às condições seguras para viver a velhice de forma tranquila. Os estudantes acreditam que se faz necessário que os idosos LGBTs tenham uma situação financeira estável, para assim poder viver a sua vida da maneira que desejar, pois caso contrário, deverá viver de acordo com as normas da família ou do seu cuidador, referindo-se assim a representação que os estudantes tem do idoso com pouca autonomia. De acordo com Leal e Mendes (2017), os idosos LGBT que representam uma parcela da sociedade mais favorecida, não tem problemas em explicitar sua orientação sexual, com uma situação econômica confortável, boa saúde, vivem com companheiros ou sozinhos (LEAL; MENDES, 2017).

Merece destaque também a referência à ocorrência do preconceito por entenderem que os idosos LGBTs encontram-se em uma fase que demanda maiores cuidados por

apresentarem mais fragilidade e necessidade de cuidados e por não possuírem parceiros fixos. Percebe-se que a estabilidade financeira é ponto crucial para a sua aceitação social.

É fundamental entender a construção da identidade LGBT ao longo da vida, englobando as relações familiares em todas as fases do desenvolvimento. É importante a implementação de políticas públicas que possam influenciar nos aspectos culturais, familiares e individuais da velhice LGBT, perpassando desde a saúde, ao trabalho, bem-estar, e aos estigmas sofridos, para assim poder promoveras mudanças culturais e sociais tão necessárias, diminuindo assim o preconceito e discriminação. Paiva (2017) faz uma discussão a respeito do envelhecimento LGBT e ressalta a importância do trabalho coletivo desses idosos na busca de reconhecimento, que suas ações na busca de direitos e respeito a cidadania são importantes para a “reinvenção da imagem social do velho na sociedade brasileira, ajudando a desconstruir a persistente ideia de que velho é o outro” (PAIVA, 2017, p. 92).

Verifica-se dessa forma que os conteúdos das representações dos estudantes tornam perceptíveis os estereótipos negativos da sociedade frente a velhice LGBT. A qualidade de vida do idoso é comprometida devido à falta de informação e o preconceito da sociedade. O idoso é cada vez mais inferiorizado devido regras e normas sociais que definem que as pessoas envelhecidas são excluídas da sexualidade, demonstrando assim receio de assumir sua orientação sexual por medo de rejeição ou perseguição.

É relevante também discutir sobre o abandono e omissão. De acordo com as representações encontradas na TALP, pode-se destacar o grupo de universitários que se reconhecem com orientação bissexual, estes ancoram suas representações sobre o envelhecimento LGBT na solidão e exclusão.

A sociedade em muitos casos reproduz a idéia de que o indivíduo só é valorizado se estiver agindo segundo as regras a ele impostas. O exercício de reconhecer o outro que não partilha dos atributos que possuímos, depende do lugar que ocupamos (LOURO, 2010). A partir daí, a sociedade constrói demarcadores que representam a “norma” (que estão em consonância com os padrões estipulados culturalmente) e os que ficam “fora dela”, à margem. Quando se classifica os indivíduos, a sociedade produz rótulos. Sem perceber, os indivíduos se enquadram a padrões ditados socialmente, que Henning (2017) discute como panorama heteronormativo, ao tratar sobre gênero e sexualidade. Esses padrões são limitadores, que por sua vez se forem negados geram opressão e exclusão, bem como se tornam naturalizados.

Outro ponto que merece destaque é a relação que os estudantes fazem entre a velhice LGBT e a perda de sentido da vida, sendo justificada devido à ausência de parceiros e conseqüentemente a não procriação. Faz-se necessário ressaltar que da mesma forma que outras classe sociais adotam determinados estilos de vida, os idosos LGBTs também se identificam com grupos que investem em determinadas características sociais e culturais, e aqui destaca-se a necessidade de criação de espaços de homossociabilidade visto que além dos poucos lugares direcionados para esse público, sofrem o estigma da invisibilidade, pois não são percebidos por sua identidade sexual nos espaços públicos.

A insistente invisibilidade que essa categoria sofre, deságua na vitimização subjetiva e o isolamento do velho LGBT, devido o caráter transitório de suas relações, a supervalorização da juventude e o desligamento da família de origem, que é substituída por amigos ou pessoas que os aceitem incondicionalmente. Ressaltam-se alguns avanços nas conquistas de políticas públicas voltadas para a diversidade.

Revela-se uma transformação na sociedade brasileira quanto a uniões homoafetivas, é crescente o número de casamentos homoafetivos, segundo (MELETTI; SCORSOLINI-COMIN, 2015) há mais de 60 mil casais homossexuais no Brasil e a adoção de filhos por esses casais vem crescendo gradativamente e foi impulsionada pela aprovação da união civil entre pessoas do mesmo sexo. Embora a doção por casais homoafetivos não ter sido aprovada ainda no Brasil, já se encontra exemplos de abertura em diversas regiões do país.

Comprovando com os dados obtidos na entrevista, pode-se ressaltar que a partir das informações encontradas na TALP, os graduandos em psicologia revelam que para eles os idosos LGBT devem ter dificuldades para expressar sua sexualidade. Percebe-se que a sociedade produz uma idéia de que os idosos LGBTs estão em busca somente de satisfação de desejos sexuais, desconsiderando a necessidade que os mesmos possam vir a ter de afeto, amor, companheirismo.

A sexualidade não se resume somente ao ato sexual em si, trata-se de um misto de prazer, cumplicidade e amor entre duas pessoas, como forma de conhecimento de seu corpo e do outro, não abrange somente as questões fisiológicas, ela é concebida como um elemento que dá sentido e significado à existência humana (FERNANDEZ; PANIAGUA, 2007). Diante do exposto, se faz necessários esclarecimentos à classe universitária das diversas formas de experienciar a sexualidade da velhice LGBT, que pode ser demonstrada muitas vezes por gestos e atitudes.

Pode-se verificar também, que os universitários compreendem que esses idosos, apesar buscarem vivenciar sua sexualidade livremente, ainda têm receio de assumir sua condição por medo de rejeição ou perseguição. Essa representação pode ser observada na TALP, quando o grupo de estudantes que não informaram a idade, afirmam que os idosos LGBTs têm medo de assumir sua orientação. Sendo assim, fica claro que a RS dos universitários sobre esse público, são ancoradas no entendimento de que esses idosos são sujeitos que sabem o que querem, que já conquistaram algum espaço na sociedade, mas que ainda são permeados de medo devido ao preconceito.

Observou-se também que as RS dos estudantes estruturam-se em torno da opção sexual, ancoradas aprendizagem devido às experiências vivenciadas, de superação de barreiras. Desta forma, é fundamental conhecer os momentos históricos vivenciados e os papéis sociais desempenhados, pois fatores culturais e atributos pessoais influenciam no envelhecimento e essas construções individuais influenciam no bem estar, relacionamento social e familiar. (FREDRIKSEN-GOLDSSEN, 2015; OREL; FRUHAUF, 2015).

Um ponto bastante relevante que deve ser discutido é a representação da homossexualidade com uma “escolha”, como algo que depende da vontade e decisão do sujeito. Por outro lado, compreender a velhice LGBT como uma fase de auto-aceitação, de sabedoria e segurança para lidar com as críticas.

Desta forma, se faz necessário compreender que a experiência homossexual é considerada como uma construção social e não uma escolha como muitos tendem a defini-la. De acordo com (MOTA, 2014), é uma ação consciente do sujeito no seu espaço social, que ele o faz através de lembranças, sentimentos, atividades, sociabilidades e práticas sexuais em uma sociedade onde o jovem, o individual e a norma heterossexual são valorizados. Não é inerente ao indivíduo visto que ela é construída, modificada e transformada com base nas experiências sociossexuais e afetivas do sujeito no curso da vida.

As RS do grupo pesquisado foram objetivadas nos aspectos referentes à importância do respeito, do amor, dos direitos e deveres como cidadãos. Todavia, os idosos LGBT seguem tendo grandes dificuldades de participação e representação na vida social e no exercício da cidadania, neste sentido, percebe-se uma inclinação social a discutir muito mais o conceito de velhice, em detrimento dos direitos das pessoas idosas (ARAÚJO, 2016; ARAÚJO; FERNÁNDEZ-ROUCO, 2016). Assim, se faz necessário desenvolver na população em geral a capacidade de compreender os aspectos biopsicossociais do envelhecimento e desenvolver

nos idosos LGBT a capacidade de superar adversidades, a resiliência, de modo que enfrentar as dificuldades inerentes ao processo do envelhecimento LGBT (SANTOS; CARLOS; ARAÚJO; NEGREIROS, 2017; OREL; FRUHAUF, 2015).

Observa-se também que é muito freqüente na representação do universitários o direito de igualdade em relação aos casais heterossexuais, bem como aos casais homossexuais mais jovens. Ressalta-se que a idade não define gênero e que o aumento do número de pessoas LGBT é um desafio social que deve ser observado e tratado com mais atenção, sendo necessário o desenvolvimento de políticas de inclusão e contra o discurso do ódio.

A busca para satisfazer seus desejos, atrai os homossexuais para relacionamentos às escondidas e o expõe a situações de tomada de decisão, sair ou não do “armário”, tendo então que assumir um posicionamento frente a heterossexualidade e forçando seu grupo social a aceitá-lo com tolerância. Ao assumir esse posicionamento, os homossexuais afirmam seus direitos frente à heteronormatividade e passam a ter mais espaço nas lutas pela diversidade sexual, cidadania, políticas públicas e direitos humanos (ARAÚJO; FERNÁNDEZ-ROUCO, 2016; MOTA, 2014).

O conjunto de dados desta pesquisa é relevante na medida em que possibilita ter acesso à construção do conhecimento dos universitários que num futuro próximo poderá na atuação profissional lidar com algum idoso LGBT. Constatou-se que as RS são embasadas em estereótipos negativos acerca da velhice LGBT, de modo que estes idosos sofrem preconceitos por dois motivos: idade e orientação sexual.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo versou sobre as RS do envelhecimento LGBT, de forma comparativa entre universitários dos cursos de direito, psicologia e pedagogia de uma instituição de ensino superior privada na cidade de Teresina, Piauí. Os dados obtidos entre os estudantes possibilitaram representações comuns aos três grupos, somente com a particularidade no que se refere à representação social sobre homossexualidade, onde houveram divergências sobre a conceituação da homossexualidade, observando-se discursos direcionados tanto à doença, como questões genéticas e por fim religiosas.

As informações levantadas revelaram que os integrantes desta investigação objetivaram suas RS da velhice LGBT em dois campos antagônicos, de um lado revelando o preconceito e discriminação sofridos por estes idosos e conseqüentemente a exclusão social e por outro lado reafirmam o direito que os velhos LGBT têm de viver seu estilo de vida sendo respeitados e assumindo os seus deveres e direitos de cidadãos.

Pode-se destacar a presença do preconceito e discriminação na maioria das falas dos estudantes, sendo muitas vezes de uma forma direta e em algumas de forma discreta, bem como nas falas de apoio ao idoso LGBT, fazendo alusão ao direito de serem felizes, porém enfrentam dificuldades por conta dos estigmas. Outro ponto de destaque na maioria das entrevistas é a alusão ao termo “escolha da orientação sexual”, demonstrando assim que a RS dos universitários pesquisados sobre o público LGBT esta relacionada a uma escolha e não a uma construção social.

A partir das entrevistas analisadas, percebeu-se um grande desafio para o idoso LGBT, visto que a velhice já é estigmatizada por si só, e quando atada a uma orientação sexual diferente da heterossexual, sofrem duplo estigma, o agravo da idade e a sexualidade desviante. Neste sentido, revelam a evidência do preconceito, em que nas RS da população a velhice LGBT reflete solidão, dificuldade e mitos que perpetuam na sociedade. Portanto, pode-se afirmar que a relação entre idade e sexualidade ainda tem muito a ser discutido, percebe-se que está ocorrendo uma mudança de paradigma, mas ainda distante do ideal esperado para que os idosos LGBT possam vivenciar a velhice de forma tranquila.

Pode-se observar que ainda há muito o que se pesquisar sobre envelhecimento e orientação sexual. O imediatismo do tema se faz presente quando observa-se que os idosos LGBT ainda vivem de forma discriminada e marginalizada e que por esse motivo, muitas

vezes escondem a sua orientação sexual. Sabe-se que tanto a revelação da orientação sexual como mantê-la às escondidas, é uma decisão que traz sofrimento e exclusão e é comum a todos os LGBTs. Se durante a juventude já é motivo para preconceito por parte da família e da sociedade, não seria diferente na velhice.

Considerando a importância da temática e em decorrência do crescimento mundial e no Brasil da população idosa e por consequência da população idosa LGBT, faz-se necessário pensar em estratégias eficazes que contribuam para a minimização ou erradicação da discriminação e preconceito com esse grupo de pessoas.

Estudos sobre essa temática são escassos, principalmente no que se refere ao enfrentamento do próprio idoso LGBT às situações de preconceito, exclusão e muitas vezes violência, pois muitos desconhecem seus direitos e muitas vezes não revelam e omitem a discriminação que sofrem. É importante discutir também sobre a necessidade de políticas públicas, que se direcionadas para este público, com mais atenção, podem contribuir de forma bem mais eficaz para o empoderamento destes idosos LGBT, e obtenção de respeito e garantia de direitos.

É importante considerar um olhar mais abrangente sobre essa questão para que assim haja uma melhor compreensão e conseqüentemente atitudes que venham a contribuir para o bem estar desses idosos, possibilitando-os vivenciar a velhice LGBT de forma segura e tranquila. A temática é complexa, pois perpassa por questões que estão enraizadas nas representações sociais, que se ancoram nas convenções heteronormativas. Percebe-se que até mesmo nos estudos voltados para o envelhecimento e sexualidade, o recorte sobre o público LGBT é silenciado. Portanto, ainda se fazem necessárias pesquisas acadêmicas pautadas no público LGBT, tanto direcionado para as políticas públicas seja na área da saúde ou sociais como na consolidação das leis.

Faz-se necessário o investimento em futuras pesquisas nos mais variados contextos, bem como ações de conscientização e compreensão do que significa o envelhecimento LGBT, tanto por parte da população em geral como por parte da família, visto que estas são ações que podem minimizar o preconceito e por consequência prevenir a homofobia.

É importante destacar as limitações deste estudo, primeiramente, porque devido às especificidades regionais socioculturais não se pode generalizar tais dados para outros contextos. O fato de ter sido feito com universitários, dentro de uma realidade sócio-histórica e regional específica, que apesar dos dados serem inovadores, não permitem uma generalização dos resultados, o que se faz necessário estudos longitudinais e até transculturais

que possam proporcionar uma ampliação na percepção e no entendimento de como é construída essa velhice LGBT, bem como realização de estudos que mesclam dados quantitativos e qualitativos ou até mesmo experimentais, longitudinais que possam dar uma robustez maior aos dados apreendidos. Sugerem-se também, pesquisas futuras com amostras populacionais maiores que possam servir de subsídios para intervenções psicossociais com escopo de atenuar os preconceitos e estereótipos negativos em relação a velhice LGBT.

Outra limitação encontrada no trabalho é com relação a quantidade de participantes do sexo masculino e do sexo feminino. Percebeu-se que tanto no curso de psicologia como no curso de pedagogia houve uma predominância elevada de participantes do sexo feminino, mais de 87% dos participantes, somente no curso de direito a quantidade de alunos participantes apresentou um equilíbrio, 50% de cada sexo. Sugere-se então, estudos futuros sobre o envelhecimento LGBT, que possam comparar de uma forma mais equilibrada a quantidade de participantes, obtendo-se uma proporção equivalente do sexo masculino e feminino.

Por fim, ressalta-se a utilidade deste trabalho, visto que há a necessidade de intervir durante o processo formativo para assim evitar a reprodução. Buscou-se com este estudo contribuir para um maior entendimento sobre as representações sociais que este grupo de universitários têm sobre o envelhecimento LGBT, especialmente diante da falta de estudos nesta área no Brasil. Considerando o desafio da promoção da qualidade de vida, da garantia dos direitos e suas necessidades peculiares, enfatiza-se a formação de profissionais das mais variadas áreas de atuação com a intenção de expandir esta especialidade, estimulando assim o aperfeiçoamento de profissionais para o trabalho com os idosos e em especial com idosos LGBTs.

Entende-se que a velhice é uma realidade heterogênea, assim como todas as fases do desenvolvimento humano, e se faz necessário a atuação de profissionais capacitados para trabalhar no entendimento dos processos físicos, emocionais e sociais, provido de ações e reflexões sobre essa realidade procurando oferecer qualidade de vida aos idosos LGBTs.

Dessa forma, ressalta-se a importância de conhecer e analisar as representações sociais e atitudes dos estudantes em relação àqueles que envelhecem e sua sexualidade, incluindo-se não só a questão da sexualidade, mas também a orientação sexual, pois influenciarão na sua futura atuação profissional.

Destaca-se ainda que cada vez mais se faz necessário conhecer previamente esses estudantes para assim desenvolver planejamento e realizar programas que visem trabalhar os

estereótipos e minimizar os preconceitos em relação a velhice LGBT. Bem como se faz necessário também investigar o papel das instituições sociais na construção dessas representações, neste ponto referindo-se as instituições de ensino, visto que se faz necessário conhecer como estas vem produzindo e representando sobre a velhice LGBT na formação de seus alunos, onde espera-se o incentivo para uma sociedade mais igualitária, menos sexista e não homofóbica.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C. S. (Orgs). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Editora da UCG, 2003, p. 37-57.
- ABRIC, J. C. **Prácticas sociales y representaciones**. México: Ediciones Coyoacán-Ambassade de France, 2001a.
- ABRIC, J. C. O estudo experimental das representações sociais. .In: JODELET, D. (Ed). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 155-171, 2001b
- ALENCAR, D. L.; MARQUES, A. P. O.; LEAL, M. C. C.; VIEIRA, J. C. M. Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 19, n. 8, p. 3533-3542, 2014.
- ALMEIDA, A. M. O. Abordagem societal das representações sociais. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 713-737, 2009.
- ALVES, A. M. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Revista Horizontes Antropológicos**, v. 16, n. 34, p. 213-233, 2010.
- ALENCAR, M. S.; CARVALHO, C. O envelhecimento pela ótica conceitual, sociodemográfica e político-educacional: ênfase na experiência piauiense. **Revista. Interface - Comunicação**, Saúde, Educação, Botucatu, vol. 13, n. 29, p. 435-444, 2009.
- ANTUNES, P. P. S.; MERCADANTE, E. F. Travestis, envelhecimento e velhice. **Kairós Gerontologia-Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde**, v. 14, 2011, p. 109-132.
- ARAÚJO, L. F. et al. Aspectos sócio-históricos e psicológicos da velhice. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 6, n. 13, p. 228-236, 2010.
- ARAÚJO, J. F.; SÁ, E. C. N.; AMARAL, E. B. Corpo e velhice: um estudo das representações sociais entre homens idosos. **Revista Psicologia: ciência e profissão**, v. 31, n. 3, p. 468-481, 2011.
- ARAÚJO, L. F. Aspectos Psicossociais da Velhice LGBT. **Revista Psicologia em Estudo** (Online), v. 21, p. 359-361, 2016.
- ARAÚJO, V. P. S. **Educação e Diversidade(s): qual a cor da homofobia no arco-íris da escola?**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, 2012.
- ARAÚJO, L. F.; FERNANDÉZ-ROUCO, N. Idosos LGBT: Fatores de Risco e Proteção. In: FALCÃO, D. V. S.; ARAÚJO, L. F.; PEDROSO, J. S. (Orgs). **Velhices: Temas Emergentes nos Contextos Psicossocial e Familiar**. 1ed. Campinas-SP: Editora Alínea, p. 22-32, 2016.
- BARROS JÚNIOR, F. O. Oscar Wilde na sala da aula: um professor que ousa dizer o nome do seu amor. In: _____. LIMA, Solimar Oliveira. (Org.) **Homossexualidades sem fronteiras: olhares**. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007.

BARROS, M. L. (Org.). **Velhice ou terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BENTES, A. C. O.; PEDROSOS, J. S.; FALCÃO, D. V. S. Vivências de idosos não dependentes em instituições de longa permanência. **Revista Psicologia em Estudos**, Maringá, v. 20, n. 4, p. 563-573, 20015.

BERNARDO, R.; CORTINA, I. Sexualidade na Terceira Idade. **Revista Enfermagem UNISA**, São Paulo, vol. 13, n. 74-8, pag. 1-12, 2012.

BORGES, M. C. O Idoso e as Políticas Públicas e Sociais no Brasil. In: SIMSON, O.; NERI, A.; CACHIONI, M. (Org). **As múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. 3ª edição. Campinas: Editora Alínea, 2015, p. 79-104.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

BRASIL. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2012.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. **Estatuto do Idoso: Lei Federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

_____. **Ministério da Justiça. Política Nacional do Idoso: Lei federal nº 8.842, de 04 de Janeiro de 1994**. Brasília: Imprensa Nacional, 1998.

BRYM, R. et al. **Sociologia: sua bússola para um novo mundo**. 1ª edição brasileira. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CACHIONI, M. **Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de universidade da terceira idade**. Tese de doutorado em Educação. Universidade Estadual de Campinas – UNUCAMP, Campinas, SP, 2002.

CACHIONI, M.; FALCÃO, D. V. S. Velhice e educação: possibilidades e desafios para a qualidade de vida. In: FALCÃO, D. V. S.; ARAÚJO, L. F. **Psicologia do envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atualização profissional em contextos diferenciados**. Campinas: Alínea, 2009, p. 175-194.

CAMARGO, B. V. Serge Moscovici (14/06/2015 – 16/11/2014): um percussor inovador na psicologia social. **Revista Memorandum**, Belo Horizonte, n. 28, p. 240-245, 2015.

CAMARGO, B. V. et al. Representações sociais do envelhecimento entre diferentes gerações no Brasil e na Itália. **Revista Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora-MG, v. 8, n. 2, p. 179-188, 2014.

CAMARGO, B. V. ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V.; JESUINO, J. C.; NÓBREGA, S. M. (Orgs.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa, PB: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2005, p. 511-539.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEC. **Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição, LACCOS**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013

CEARÁ, A.T.; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 37, n.3, p. 118-123, 2010.

COUTINHO, M. P. L.; SARAIVA, E. R. A. (Orgs.). **Métodos de Pesquisas em Psicologia Social: perspectivas qualitativas e quantitativas**. João Pessoa, PB: Editora Universitária, 2011.

_____. As representações sociais da depressão pós-parto elaboradas por mães puérperas. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, v. 28, n. 2, p. 244 -259, 2008.

COUTO, M. C. P. P.; MARQUES, S. Atitudes em relação ao envelhecimento: vamos falar sobre idadeismo?. In: FALCÃO, D. V. S.; ARAÚJO, L. F.; PEDROSO, J. S. (Orgs.). **Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar**. Campinas, SP: Alínea Editora, 2016, p. 17-32.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (2013). Resolução Nº 175, de 14 de maio de 2013. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf

DAMATTA, R. “Tem pente aí?” In: CALDAS, D. (org). **Homens: comportamento, sexualidade e mudança**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

DEBERT, G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myrian. **Velhice ou Terceira Idade**. 4. ed.. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006, p. 49-67.

_____, G. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

DEBERT, G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 80, v. 27, p. 37-45, 2012.

DEBERT, G.; HENNING, C. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. **Revista Mais 60 – estudos sobre envelhecimento**, v. 6, n. 63, p. 8-31, 2015.

DESCHAMPS, J.; MOLINER, P. **A identidade em psicologia Social: dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DINIS, N. F.; CAVALCANTI, R. F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. **Revista Pro- Posições**, v. 19, n. 2, 2008.

DOISE, W. Les représentations sociales. In: GHIGLIONE, R.; BONET, C.; RICHARD, J. F. (Eds.). **Traité de psychologie cognitive**. Paris: Dunod, 1990, p. 111-174.

DOISE, W.; CLEMENCE, A.; LORENZI-CIOLDI, F. **Représentations sociales et analyses des données**. Grenoble: PUG, 1992.

DOISE, W. Atitudes e representações sociais. In: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 187-203.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Da Divisão do Trabalho Social**. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos, seguindo de, Envelhecer e Morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

ESTATUTO DO IDOSO. (2003) Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, Ministério da Justiça. Brasília.

FALCÃO, D. V. S. A pessoa idosa no contexto da família. In: BATISTA, M. N.; TEODORO, M. L. N. **Psicologia de Família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012, p. 100-111.

FERNANDES, J.; BARROSO, K.; ASSIS, A.; POCAHY, F. Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Clínica & Cultura**, v. 4, n. 1, p. 14-28, 2015.

FERNANDEZ, M. L.; PANIAGUA, S.C. La sexualidad en la persona adulta mayor. In GONZALEZ, A.C.M.; BRENES, M.R. **Envejece La sexualidade?** Buenos Aires: Espacio Editorial, 2007.

FLAMENT, C. Estrutura e dinâmica das representações sociais. In: JODELET, D. (org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 174-186.

FONSECA, M. G. U. P.; FIRMO, J. O. A.; LOYOLA FILHO, A. I.; UCHÔA, E. Papel da autonomia na autoavaliação de saúde do idoso. **Revista Saúde Pública**, v. 44, n. 1, p. 159-165, 2010.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 4. ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREDRIKSEN-GOLDSSEN, R. I.; HOY-ELLIS, C. P.; MURACO, A.; GOLDSSEN, J.; KIM, H. The health and well-being of LGBT older adults: disparities, risks, and resilience across the life course. In: OREL, N. A., FRUHAUF, C. A. (Orgs.). **The lives of LGBT older adults: Understanding challenges and resilience**. Washington, DC: American Psychological Association, 2015.

- FREITAS, M. C.; QUEIROZ, T. A.; SOUSA, J. A. V. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 2, p. 407-412, 2010.
- FRUGOLI, A; MAGALHÃES-JUNIOR, C. A. O. **A sexualidade na terceira idade na percepção de um grupo de idosas e indicações para a educação sexual**. Arquivos de Ciências da Saúde UNIPAR, Umuarama, vol. 15, n. 1, p. 85-93, 2011.
- FRY, P.; MacRAE, E. **O que é homossexualidade**. 7ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- GATES, G. J. How many people are lesbian, gay, bisexual, and transgender?. **The Williams Institute**. Los Angeles, CA:, UCLA School of Law, p. 1-8, 2011.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2006.
- GOFFMAN: E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GOLDENBERG, M. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- GOLDENBERG, M. **Velho é Lindo**. 1. Ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GUERRA, A. C. L. C.; CALDAS, C. P. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 15, n. 6, p. 2931-2940, 2010.
- HENNING, C. E. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. **Horizontes Antropológicos**, vol. 1, n. 47, p. 283-323, 2017.
- IBGE. **Estatística do Registro Civil**. Rio de Janeiro, 2015.
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostragem de Municípios**. Rio de Janeiro, 2013.
- IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2010.
- JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- JODELET, D. Représentations sociales: un domaine em expansion. In: FARR, R.; MOSCOVICI, S. (Eds). **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- JUNQUEIRA, R. D. (2012). Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**. vol. 1, n. 1, p. 1-22, 2012.
- KIMMEL, D. C. Theories of aging applied to LGBT older adults and their families. In: OREL, N. A.; FRUHAUF, C. A. (Orgs.), **The lives of LGBT older adults: Understanding challenges and resilience** . Washington, DC: American Psychological Association, 2015, p. 73-90.
- LACERDA, M. T. **A representação social da homossexualidade: O que pensam os estudantes universitários?**. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2001.

LEAL, M. G. S.; MENDES, M. R. O. A geração duplamente silenciosa – velhice e homossexualidade. **Revista Portal de Divulgação**, n. 51, ano 7, p. 18-35, 2017.

LEMOS, A. E. **Homossexualidade e velhice: os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos**. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2015.

LEVOUNIS, P.; DRESCHER, J.; BARBER, M. E. **O livro de casos clínicos GLBT**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2014.

LIMOEIRO, B. C. O corpo em foco: envelhecimento e diferenças de gênero na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Todavia**, n. 5, ano 3, p. 69-79, 2012.

LOURO, G. **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MACHADO, L. B.; ANICETO, R. A. Núcleo central e periferia das representações sociais de ciclos de aprendizagem entre professores. **Revista Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 67, p. 345-364, 2010.

MANTOVANI, E. P.; LUCCA, S. R.; NERI, A. L. Associações entre significados de velhice e bem estar subjetivo indicado por satisfação em idosos. **Revista Brasileira Gerontologia**, v. 19, n. 2, p. 203-222, 2016.

Manual de Comunicação LGBT. ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, 2010.

MARQUES, A. D. B. et al. A vivência da sexualidade do idoso em um centro de convivência. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 5, n. 3, p. 1768-1783, 2015.

MARQUES, F. D.; SOUSA, L. Portuguese Older Gay Men: Pathwaysto Family Integrity. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 64, p. 149-159, 2016.

MELETTI, A. T.; SCORSOLINI-COMIN, F. Conjugalidade e expectativas em relação à parentalidade em casais homossexuais. **Psicologia: teoria e prática**, v. 17, n. 1, p. 37-49, 2015.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 34ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MIRANDA, G. M. D.; MENDES, A. D. C. G.; SILVA, A. L. A. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e conseqüências sociais atuais e futuras. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, n. 3, p. 507-519, 2016.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. On social representation. In: FORDAS, J. P. (Eds). **Social cognition perspectives on everyday understanding**. London: Academic Press, 1981, p. 181-209.

MOTA, M. P. **Ao sair do armário, entrei na velhice...: homossexualidade masculina e o curso da vida**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Mobile, 2014.

MEYER, E. D. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, L. G.; NECKEL, F. J.; GOELLNER, V. S. (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

NERI, A. Atitudes e Crenças sobre Velhice: análise de conteúdo de textos do jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002. In: SIMSON, O.; NERI, A.; CACHIONI, M. (Org). **As múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. 3ª edição. Campinas: Editora Alínea, 2015, p. 13-54.

NETO, J. N. Questões de identidade(s) de gênero(s) e orientação sexual: uma abordagem através da Pedagogia Queer. In: **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 168, p. 27-34, 2015.

NEVES, D. P. Os dados quantitativos e os imponderáveis da vida social. **Revista Raízes**, ano XVII, n. 17, p. 64-78, 1998.

NOBREGA, S. M.; COUTINHO, M. P. L. O teste de associação livre de palavras. In: COUTINHO, M. P. L. (Org). **Representações Sociais: abordagem interdisciplinar**. João Pessoa: EdUFPB, p. 67-77, 2003.

OLIVEIRA, M. O conceito de representações coletivas: uma trajetória da Divisão do Trabalho às Formas Elementares. **Revista Debates do NER**, Porto Alegre, ano 13, n. 22, p. 67-94, 2012.

OLIVEIRA, M. Representações Sociais e Sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 19, ano 55, p. 180-186, 2004.

OREL, N. A.; FRUHAUF, C. A. **The intersection of culture, family, and individual aspects: A guiding model for LGBT older adults**. Washington, DC: American Psychological Association, 2015.

PAIVA, A. C. S. Sobre Mariconas e Coroas: percepções e sensibilidades sobre envelhecimento nas narrativas de gays idosos. In: ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, C. M. R. G. (Org.). **Envelhecimento e Práticas Gerontológicas**. 1ed. Curitiba-PR/Teresina-PI: Editora CRV/EDUFPI, p. 77-97, 2017.

PASSAMANI, G. R. Velhice, homossexualidades e memória: notas de campo no Pantanal sul-matogrossense. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN: 2179-510x

PAULA, A. S.; KODATO, S. Psicologia e representações sociais: uma aproximação histórica. **Revista de Psicologia da IMED**. Passo Fundo-MG, v. 8, n. 2, p. 200-207, 2016.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade.... In: BARROS, Myrian. **Velhice ou Terceira Idade**. 4ª edição. Rio de Janeiro: editora FGV, p. 49-67, 2006.

PIAUÍ. Lei nº 5.479, de 10 de Agosto de 2005. Teresina: Secretaria de Governo, 2005.

PIAUÍ. Lei nº 7.005, de 24 de julho de 2017. Teresina: Secretaria de Governo, 2017.

PINHEIRO FILHO, F. A noção de representação em Durkheim. **Lua Nova: revista de cultura e política**, São Paulo, n. 61, p. 139-155, 2004.

POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, Ministério da Justiça. Brasília, 1998.

POCAHY, F. A.; NARDI, H. C. Saindo do armário e entrando em cena. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 45-66, 2007.

REYS, L. L. Las redes semânticas naturales, suconceptualización y su utilización em La construcción de instrumentos. **Revista de Psicología Social y Personalidad**, v. 1, p. 81-95, 1993.

RIOS, R.R.; SANTOS, W.R. Diversidade sexual, educação e sociedade: re- flexões a partir do programa nacional do livro didático. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs.). **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio.** Brasília: Letras livres, 2009.

ROUGEMONT, F. dos R. A Longevidade da Juventude. In: GOLDENBERG, M. (Org). **Velho é Lindo!**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 79-106.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SÁ, C. P. **Núcleo Central das Representações Sociais.** Petrópolis, Vozes, 1996.

SÁ, C. P. As representações sociais na história recente e na atualidade da Psicologia Social. In: VILELA, A.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (Orgs). **História da Psicologia: rumos e percursos.** 2ª edição. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2008, p. 587-602.

SANTOS, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** 7ª edição. São Paulo: Editora Cortês, 2010.

SANTOS, M. F. S. Representação social e a relação indivíduo-sociedade. **Revista Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 3, p. 133-142, 1994.

SANTOS, N. B. Resenha do livro representações sociais: investigações em psicologia social de Serge Moscovici. **Revista Ciências & Idéias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-6, 2010.

SANTOS, J. V. O.; CARLOS, K. P. T.; ARAÚJO, L. F.; NEGREIROS, F. Compreendendo a velhice LGBT: uma revisão da literatura. In: ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, C. M. R. G. (Org.). **Envelhecimento e Práticas Gerontológicas.** 1ed. Curitiba-PR/Teresina-PI: Editora CRV/EDUFPI, 2017.

SCARDUA, A.; FILHO, E. A. S. O debate sobre a homossexualidade mediado po representações sociais: perspectivas homossexuais e heterossexuais. **Revista Psicologia: reflexão e crítica**, v. 19, n. 3, p. 482-490, 2006.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n. 13, p. 128-133, 2000.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus e Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. In: **Revista Brasileira Educação**, n. 20, 2012.

SILVA, L. C. C.; FARIAS, L. M. B.; OLIVEIRA, T. S.; RABELO, D. F. Atitude de idosos em relação à velhice e bem-estar psicológico. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 15, n. 3, p. 119-140, 2012.

- SILVA, L. R. F. Da velhice a terceira idade: o percurso histórico das entidades ao processo de envelhecimento. **Revista História, Ciências, Saúde – manguinhos**, v. 15, n. 1, p. 155-168, 2008.
- SILVA, N. P.; CACHIONI, M.; LOPES, A. A velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UnATI – EACH-USP. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 15, n. 7, p. 235-257, 2012.
- SIQUEIRA, R. *et al.* A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Revista. Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 4, p. 899-906, 2002.
- SOUTTO MAYOR, A.; ANTUNES, E. S. D. C.; ALMEIDA, T. O “devir” do amor e da sexualidade no processo do envelhecimento. In: **Anais da VII Jornada Apoiar: Saúde Mental e Enquadres Grupais: a pesquisa e a clínica**. Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social Departamento de Psicologia Clínica – IPUSP, São Paulo, p. 286-293, 2009.
- SOUZA, M. R. Corpo, velhice e subjetividades: cartografias do envelhecimento no sertão piauiense. In: ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, C. M. R. G. (Org.). **Envelhecimento e Práticas Gerontológicas**. 1ed. Curitiba-PR/Teresina-PI: Editora CRV/EDUFPI, P. 331-348, 2017.
- STREY, M. N. et al. **Psicologia Social Contemporânea: livro-texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- TAYLOR, A.; GOSNEY, M. A. Sexuality in older age: essential considerations for healthcare professionals. **Age and Ageing**, vol. 40, n. 5, p. 538-543, 2011.
- TARQUINO, M. L.; SANTOS, L. V.; COUTINHO, M. I. B.; LIMA CRUZ, L. H.; BRASIL, M. L. Invisibilidade na assistência: um enfoque na atenção à saúde da população LGBT idosa. In: **Anais CIEH**, Campina Grande, vol. 2, n.1, 2015. ISSN 2318-0854.
- TOMEI, F. A. O conceito de representações coletivas em Durkheim. **Laboratório Didático – USP ensina Sociologia**, São Paulo, 2013.
- TORRES, T. L. et al. Representações Sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. **Revista Ciências e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.20, n. 12, pag. 3621-3630, 2015.
- VALA, J.; MONTEIRO, M. B. **Psicologia Social**. 8ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- VERA-NORIEGA, J. A. Redes semânticas: método y resultados. In A. S. P. Moreira (Org.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2005, p. 489-509.
- VIEIRA, K. F. L.; MIRANDA, R. S.; COUTINHO, M. P. L. Sexualidade na velhice: um estudo de representações sociais. In: **Revista Psicologia e Saber Social**, v. 1, n. 1, p. 120-128, 2012.
- VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L.; SARAIVA, E. R. A. A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. In: **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 196-209, 2016.

VIEIRA, K. F. L. **Sexualidade e qualidade de vida do Idoso: desafios contemporâneos e repercussões sociais.** (Tese de Doutorado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que será utilizada para a Dissertação de Mestrado de Karolyna Pessoa Teixeira Carlos, intitulado “Representações sociais da velhice LGBT: estudo comparativo entre universitários de direito, pedagogia e psicologia”. Sua participação é isenta de qualquer custo, em caso de eventuais danos, será garantido o ressarcimento das despesas e indenizações. Você tem liberdade de acessar o instrumento mesmo antes de confirmar a sua participação e tem o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. A sua participação é livre e voluntária, não conta com remuneração. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. A pesquisadora deverá esclarecer todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar.

Trata-se de um estudo pioneiro com o qual espera-se subsidiar futuras investigações, a partir dos dados obtidos, com o escopo de conhecer a realidade da velhice LGBT. Tem como objetivo verificar as representações sociais de estudantes universitários sobre a velhice LGBT, identificar o conhecimento elaborado e participado a cerca da homossexualidade na velhice entre estudantes do curso de psicologia, pedagogia e direito e compreender a percepção dos estudantes universitários a cerca do envelhecimento de pessoas LGBT. A participação nesta pesquisa ocorrerá na sua própria instituição e consistirá em responder um questionário sociodemográfico, seguido por um teste de associação livre de palavras e uma entrevista semiestruturada. As respostas serão cuidadosamente tratadas, mantendo a privacidade do participante, com garantia de anonimato e sigilo com relação a todo o conteúdo fornecido. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo que os resultados desta pesquisa sejam divulgados de alguma forma. É válido destacar que será respeitado, no caso se algum participante desistir de responder aos instrumentos a qualquer momento desta pesquisa, sem nenhum ônus para os mesmos.

Podem surgir riscos de ordem física e/ou psicológica entre os participantes desta pesquisa decorrentes do preenchimento dos instrumentos. Portanto, na eventualidade do surgimento de algum problema de fundo físico, psicológico e/ou outros possíveis desconfortos, como por exemplo: constrangimentos, ansiedades, somatizações, raivas e medos ao responderem os instrumentos de coleta de dados, os responsáveis da presente pesquisa indicarão os serviços das clínicas escolas de psicologia das faculdades privadas, universidades públicas e/ou dispositivos de saúde pública na cidade de Teresina/PI, bem como encaminhamento, caso seja necessário, para atendimento privado, sendo assegurado de assistência integral gratuita devido a danos diretos, indiretos, imediatos e tardios, pelo tempo que for necessário, não havendo nenhum ônus de qualquer natureza aos participantes e, quando necessário, haverá ressarcimento às despesas decorrentes da participação na pesquisa tudo sob ônus dos pesquisadores. Como benefício, esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado.

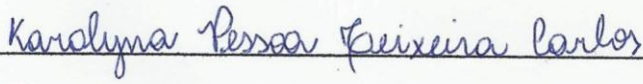
Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu, _____, aceito participar desta pesquisa, assinando este termo de consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Teresina, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do Participante

Nº Identidade: _____

Nº Identidade: _____



Karolyna Pessoa Teixeira Carlos
Pesquisadora

Se você tiver alguma consideração ou dúvida, entre em contato com:

Pesquisadora: Karolyna Pessoa Teixeira Carlos

E-mail: kpessoa_psi@hotmail.com

Telefone para contato: (86) 98851-7489 (Disponível também para receber ligações “a cobrar”)

Orientador: Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo

E-mail: ludgleydson@yahoo.com.br

Telefone para contato: (86) 99850-3506

Em caso de consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com:

Comitê de Ética em Pesquisa - UFPI - Campus Universitário Ministro Reis Velloso

Av. São Sebastião, 2819 – Bloco16 – Sala 05 – Bairro Reis Velloso

CEP: 64202-020 – Parnaíba / PI.

Telefone para contato: (86) 3323-5251

E-mail: cep.ufpi.cmr@gmail.com web: www.ufpi.br/cep



APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Prezado participante:

O seguinte instrumento objetiva a obtenção de informações pertinentes a identificação de demandas sociais envolvendo o **envelhecimento LGBT**, a partir do ponto de vista de universitários dos cursos de direito, pedagogia e psicologia. Desde então, agradecemos sua preciosa participação e convidamos, caso ache oportuno, a colaborar na aplicação de um breve questionário. Estamos disponíveis para sanar qualquer dúvida a respeito do mesmo, bem como da referida pesquisa em andamento. Assim reforçamos o caráter **voluntário** para participação e garantimos todo o **sigilo** e/ou **anonimato** da sua participação, como rege o Comitê de Ética em Pesquisa.

Cordialmente,

Karolyna Pessoa Teixeira Carlos;

Orientador Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. Qual seu sexo?

- Masculino
 Feminino

2. Qual é sua data de nascimento? _____

3. Qual seu estado civil?

- Solteiro/a Viúvo/a
 Casado/a Outro:
 Separado/a o divorciado/a _____

4. Qual graduação você cursa?

- Psicologia
 Direito
 Pedagogia

5. Qual a sua cor ou raça? _____

6. Qual a sua religião? _____

7. Você tem alguma ocupação além dos estudos?

- Não

Sim. Qual? _____

8. Qual a sua renda mensal? (Proveniente do seu trabalho, aposentadoria ou pensão).

R\$ _____

9. Qual a sua orientação sexual? _____

10. Você tem algum parentesco com alguém LGBT?

Não

Sim. Qual vínculo? _____

11. Você tem contato com algum idoso LGBT?

Não

Sim. Qual vínculo? _____

APÊNDICE C - TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS



Instruções: A pesquisa em questão trata-se de um estudo científico. Desta forma, garantimos aos colaboradores que estes dados serão tratados estatisticamente, bem como o anonimato e a confidencialidade dos dados será resguardada. Por favor, fale as primeiras cinco palavras que lhe vierem à cabeça quando eu lhe digo as seguintes palavras:

Palavra-Estímulo I: SEXUALIDADE

----- ()
----- ()
----- ()
----- ()
----- ()

Palavra-Estímulo II: HOMOSSEXUALIDADE

----- ()
----- ()
----- ()
----- ()
----- ()

Palavra-Estímulo III: IDOSO LGBT

----- ()
----- ()
----- ()
----- ()
----- ()



APÊNDICE D - ENTREVISTA

Instruções: A pesquisa em questão trata-se de um estudo científico. Desta forma, garantimos aos colaboradores que estes dados serão tratados estatisticamente, bem como o anonimato e a confidencialidade dos dados será resguardada. Por favor, responda as perguntas abaixo com a maior riqueza de detalhes e informações que lhe for possível.

ENTREVISTA

1. Para o Senhor(a), o que é homossexualidade?

2. Como o(a) Senhor(a) entende a velhice LGBT?

3. O(a) Senhor(a) acredita que os idosos LGBT possuem condições seguras para viver a velhice de forma tranquila?

ANEXOS

ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE LGBT: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE UNIVERSITÁRIOS DE DIREITO, PEDAGOGIA E PSICOLOGIA.

Pesquisador: LUDGLEYDSON FERNANDES DE ARAÚJO

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 56629616.1.0000.5669

Instituição Proponente: UFPI - Campus Ministro Reis Velloso

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.834.339

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa que busca compreender as representações sociais que os estudantes de direito, pedagogia e psicologia de uma instituição de ensino superior privada de Teresina/PI tem acerca da velhice LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e transgêneros). Para tanto, será realizado um estudo quantitativo-qualitativo com dados transversais e por conveniência, realizando-se entrevistas com 100 alunos de cada curso, totalizando 300 participantes na pesquisa. A entrevista será realizada através de teste de associação livre de palavras (TALP), sendo também aplicado um questionários sócio-demográfico.

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador apresenta como objetivo geral "verificar e comparar as representações sociais de estudantes universitários sobre a velhice LGBT", e como objetivos secundários:

- Identificar o conhecimento elaborado e participado acerca da homossexualidade na velhice entre estudantes dos cursos de psicologia, pedagogia e direito;
- Verificar e comparar as representações sociais acerca da homossexualidade entre estudantes universitários dos cursos de psicologia, pedagogia e direito;
- Compreender a percepção dos estudantes universitários acerca do envelhecimento de pessoas LGBT.

Endereço: Av. São Sebastião, 2819 - Bloco 16 - Sala 05

Bairro: Reis Velloso

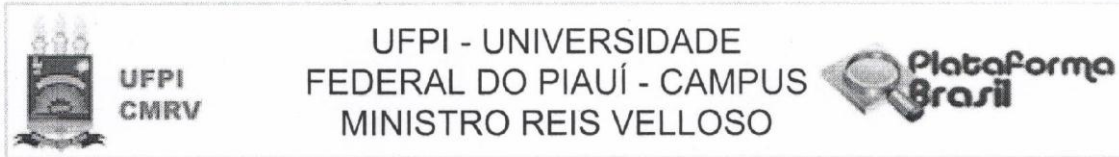
CEP: 64.202-020

UF: PI

Município: PARNAIBA

Telefone: (86)3323-5251

E-mail: cep.ufpi.cmrv@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.834.339

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em relação aos riscos o pesquisador descreve podem surgir riscos de ordem física e/ou psicológica entre os participantes desta pesquisa, decorrentes do preenchimento dos instrumentos. Portanto, na eventualidade do surgimento de algum problema de fundo físico, psicológico e/ou outros possíveis desconfortos, como por exemplo: constrangimentos, ansiedades, somatizações, raivas e medos ao responderem os instrumentos de coleta de dados, os responsáveis da presente pesquisa indicarão os serviços das clínicas escolas de psicologia das faculdades privadas, universidade públicas e/ou dispositivos de saúde pública na cidade de Teresina/PI, bem como encaminhamento, caso seja necessário, para atendimento privado, sendo assegurado de assistência integral gratuita devido a danos diretos, indiretos, imediatos e tardios, pelo tempo que for necessário, não havendo nenhum ônus de qualquer natureza aos participantes e, quando necessário, haverá ressarcimento às despesas decorrentes da participação na pesquisa, sob ônus dos pesquisadores.

Como benefícios, almeja-se oferecer um arcabouço teórico e empírico que venha a proporcionar uma discussão mais aprofundada acerca do envelhecimento de pessoas com relações homoafetivas, bem como proporcionar uma visão mais crítica nos indivíduos pesquisados, afim de compreenderem os desafios vivenciados pelo idoso LGBT.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Consideramos a proposta de pesquisa relevante para o campo da investigação na área da Psicologia.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram anexados pelo pesquisador.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências e/ou inadequações previamente apontadas foram sanadas pelo pesquisador responsável.

Considerações Finais a critério do CEP:

Sr. Pesquisador,

Em cumprimento ao previsto na Resolução 466/12, o CEP-UFPI/CMRV aguarda o envio dos relatórios parciais e final da pesquisa, elaborados pelo pesquisador, bem como informações sobre sua eventual interrupção e sobre ocorrência de eventos adversos.

Ainda, para assegurar o direito do participante e preservar o pesquisador, revela-se importante alertar que o TCLE deverá ser rubricado em todas as suas folhas, tanto pelo participante quanto

Endereço: Av. São Sebastião, 2819 - Bloco 16 - Sala 05

Bairro: Reis Velloso

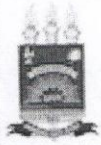
CEP: 64.202-020

UF: PI

Município: PARNAIBA

Telefone: (86)3323-5251

E-mail: cep.ufpi.cmr@gmail.com



UFPI
CMRV

UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO REIS VELLOSO



Continuação do Parecer: 1.834.339

pelo pesquisador, devendo ser assinado na última folha.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_724325.pdf	12/10/2016 11:37:03		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DEFINITIVO_KAROL.pdf	30/09/2016 12:19:22	KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA CARLOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	NOVO_TCLE.pdf	30/09/2016 12:18:57	KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA CARLOS	Aceito
Outros	Karolina_Curriculo.pdf	01/06/2016 13:30:49	KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA	Aceito
Outros	Curriculo_lattes_Ludgleydson.pdf	31/05/2016 23:44:10	KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados.pdf	31/05/2016 23:42:43	KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA	Aceito
Outros	Termo_de_Confidencialidade.pdf	31/05/2016 23:41:04	KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_dos_pesquisadores.pdf	31/05/2016 23:40:07	KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_Institucional.pdf	28/05/2016 14:06:57	KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA CARLOS	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.PDF	27/05/2016 16:32:42	KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.PDF	27/05/2016 16:31:29	KAROLYNA PESSOA TEIXEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Carta_de_Encaminhamento.pdf	27/05/2016 09:27:18	LUDGLEYDSON FERNANDES DE ARAÚJO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	27/05/2016 09:21:39	LUDGLEYDSON FERNANDES DE ARAÚJO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. São Sebastião, 2819 - Bloco 16 - Sala 05

Bairro: Reis Velloso

CEP: 64.202-020

UF: PI

Município: PARNAIBA

Telefone: (86)3323-5251

E-mail: cep.ufpi.cmr@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.834.339

PARNAIBA, 24 de Novembro de 2016

Assinado por:
Baldomero Antonio Kato da Silva
(Coordenador)

--	--	--	--

Endereço: Av. São Sebastião, 2819 - Bloco 16 - Sala 05
Bairro: Reis Velloso **CEP:** 64.202-020
UF: PI **Município:** PARNAIBA
Telefone: (86)3323-5251 **E-mail:** cep.ufpi.cmr@gmail.com

ANEXO B – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DE ARTIGO EM REVISTA

Enc: Parecer Final artículo

Ludgleydson Fernandes de Araújo <ludgleydson@yahoo.com.br>

ter 22/08/2017 17:10

Para: Karolyna Pessoa <kpessoa_psi@hotmail.com>;

Em Terça-feira, 22 de Agosto de 2017 16:55, Revista Psicogente <revpsicogente@unisimonbolivar.edu.co> escreveu:

Estimado Ludgleydson

Desde Psicogente queremos informar que su artículo estará publicado para el año 2018.

Le estaremos notificando el volumen y número.

Agradecemos su colaboración y atención en el proceso.

Saludos Cordiales.

FAVOR ACUSAR RECIBIDO DE ESTE E-MAIL

PhD. **Johana M. Escudero Cabarcas.**

Editora Revista Psicogente

Grupo SINAPSIS Educativa y Social (A)

Ps. **Melissa Teheran Suarez**

Co-editora Revista Psicogente

Profesional Dpto. de Publicaciones

Dir. Carrera 54 N° 64-223 Vicerrectoría de Investigación e innovación

Oficina Revista Psicogente

Tel: (57)(5)3444333 Ext. 205 / Móvil 3012413362

Barranquilla-Colombia

Contactos:

revpsicogente@unisimonbolivar.edu.co

<http://revistas.unisimon.edu.co/index.php/psicogente/index>

ANEXO C – CAPÍTULO DE LIVRO

Envelhecimento e Práticas Gerontológicas

UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E INTERCULTURAL

Edições CRV edufpi

Envelhecimento e Práticas Gerontológicas

Uma abordagem que pode ser considerada o elo fundamental e essencial de todo o trabalho que se faz com o idoso, seja ele jovem ou idoso, para alcançar melhores resultados. Este livro apresenta uma abordagem interdisciplinar e intercultural, visando a melhoria da qualidade de vida e a promoção do bem-estar dos idosos.

Coordenação Geral: Dr. Ricardo Augusto de Lima (UFPA)

Coordenação Editorial: Dra. Cécilia Maria Rezende Gonçalves de Araújo (UNICAMP)

Coordenação de Produção: Dr. Ricardo Augusto de Lima (UFPA)

Envelhecimento e Práticas Gerontológicas

UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E INTERCULTURAL

Edições CRV edufpi

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Ralison Moura
Diagramação e Capa: Editora CRV
Revisão: Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

EN56

Envelhecimento e práticas gerontológicas / Cecília Maria Resende Gonçalves de Carvalho, Ludgleydson Fernandes de Araújo (organizadores). – Curitiba, PR: CRV, 2017. – coedição: Teresina, PI: EDUFPI, 2017.
444 p.

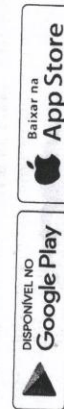
Bibliografia
ISBN CRV 978-85-444-1588-7
ISBN EDUFPI 978-85-509-0149-7
DOI 10.24824/978854441588.7

1. Psicologia 2. Gerontologia 3. Nutrição e saúde I.
Carvalho, Cecília Maria Resende Gonçalves de, org. II. Araújo,
Ludgleydson Fernandes de, org. III. Título IV. Série.

CDD 610.73698

Índice para catálogo sistemático
I. Psicologia: gerontologia 155.67

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO:



2017

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: sac@editoriacrv.com.br

Conheça os nossos lançamentos: www.editoriacrv.com.br



Conselho Editorial:

Aldira Guimarães Duarte Dominguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNICUFRRN)
Antônio Pereira Gato Junior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estevão (UMINHO - PT)
Carlos Frederico Dominguez Avila (UNIEUJURO)
Carmen Teresa Velanga (UNIR)
César Gerônimo Tello (Univer. Nacional
Três de Febrero - Argentina)
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Elsio José Corsi (UFFS)
Elizeu Clementino (UNEB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Glória Fátima León (Universidade de La Havana - Cuba)
Guillermo Arias Beaton (Universidade de La Havana - Cuba)
Jailson Alves dos Santos (UFRRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lidia de Oliveira Xavier (UNIEUJURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNICAMP)
Mariana Lilia Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Márcia Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Paulo Romualdo Fernandes (UNICAMP)
Rodrigo Pratte-Santos (UFFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydiane Santos (UEFG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tamia Suelly Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Comitê Científico:

Ana Rosete Camargo Rodrigues Maia (UFSC)
Carlos Leonardo Figueiredo Cunha (UFRR)
Cristina Iwabe (UNICAMP)
Fernando Antonio Basile Colugnati (UFFF)
Francisco Jaime Bezerra Mendonça Junior (U)
José Antonio Cheluen Neto (UFJF)
Juliana Balhnot Reis Girondi (UFSC)
José Odair Ferrari (UNIR)
Lúcia Nazareth Amantez (UFSC)
Lucieli Dias Pedreschi Chaves (EERP)
Márcia José Coelho (UFRR)
Milena Nunes Alves de Sousa (FIP)
Narciso Vieira Soares (URI)
Orenzio Soler (UFPA)
Samira Valentim Gama Lira (UNIFOR)
Thiago Mendonça de Aquino (UFAL)
Wagner Luiz Ramos Barbosa (UFPA)
William César Alves Machado (UNIRIO)

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

CAPÍTULO 3

COMPREENDENDO A VELHICE LGBT: uma revisão da literatura

*José Victor de Oliveira Santos
Karolyina Pessoa Teixeira Carlos
Ludgleydson Fernandes de Araújo
Fauston Negreiros*

Introdução

O crescimento da população de idosos no mundo vem aumentando em grandes proporções, cada vez mais a população de idoso tem se tornado a maioria etária que mais cresce em relação às demais, ou seja, crianças, jovens e adultos. “A velhice é compreendida como fenômeno natural e social que se desenvolve sobre o ser humano, único, indivisível, que na sua totalidade existencial, defronta-se com problemas e limitações de ordem biológica, econômica e sociocultural que singularizam seu processo de envelhecimento” (Biqueira et al., 2002, p. 904).

Segundo projeções das Nações Unidas, dados sugerem que 1 em cada 9 pessoas do mundo tem 60 anos ou mais, e há uma estimativa de crescimento para 1 em cada 5 por volta de 2050, portanto, pela primeira vez, haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos. No Brasil, a pesquisa do IBGE (2010) aponta para o real envelhecimento de sua população, chegando ao marco de 23,5 milhões de brasileiros com mais de 60 anos.

Os estudos acerca da velhice são crescentes e estão cada vez mais complexos, porém a idade avançada tem sido explorada mais voltada para a área da patologia, dependência e cuidado. Segundo Marques (2016), se faz necessário estudar os idosos e suas famílias a partir de uma perspectiva de desenvolvimento, associando o envelhecimento a um amplo processo relaciona com a família e o social. A ausência de alusão à homossexualidade dos idosos é nítida. Debert e Brigeiro (2012) em seu artigo ressaltam que a maioria das discussões sobre sexualidade do idoso é em um viés heteronormativo. “Toda a descrição da fisiologia sexual, das dinâmicas de conjugalidade no curso da vida, e as argumentações sobre as formas de experimentar a sexualidade são condizentes com a gramática heterossexual”.